



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

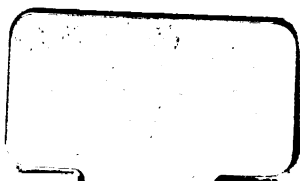
About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

PROPERTY OF
*University of
Michigan
Libraries.*

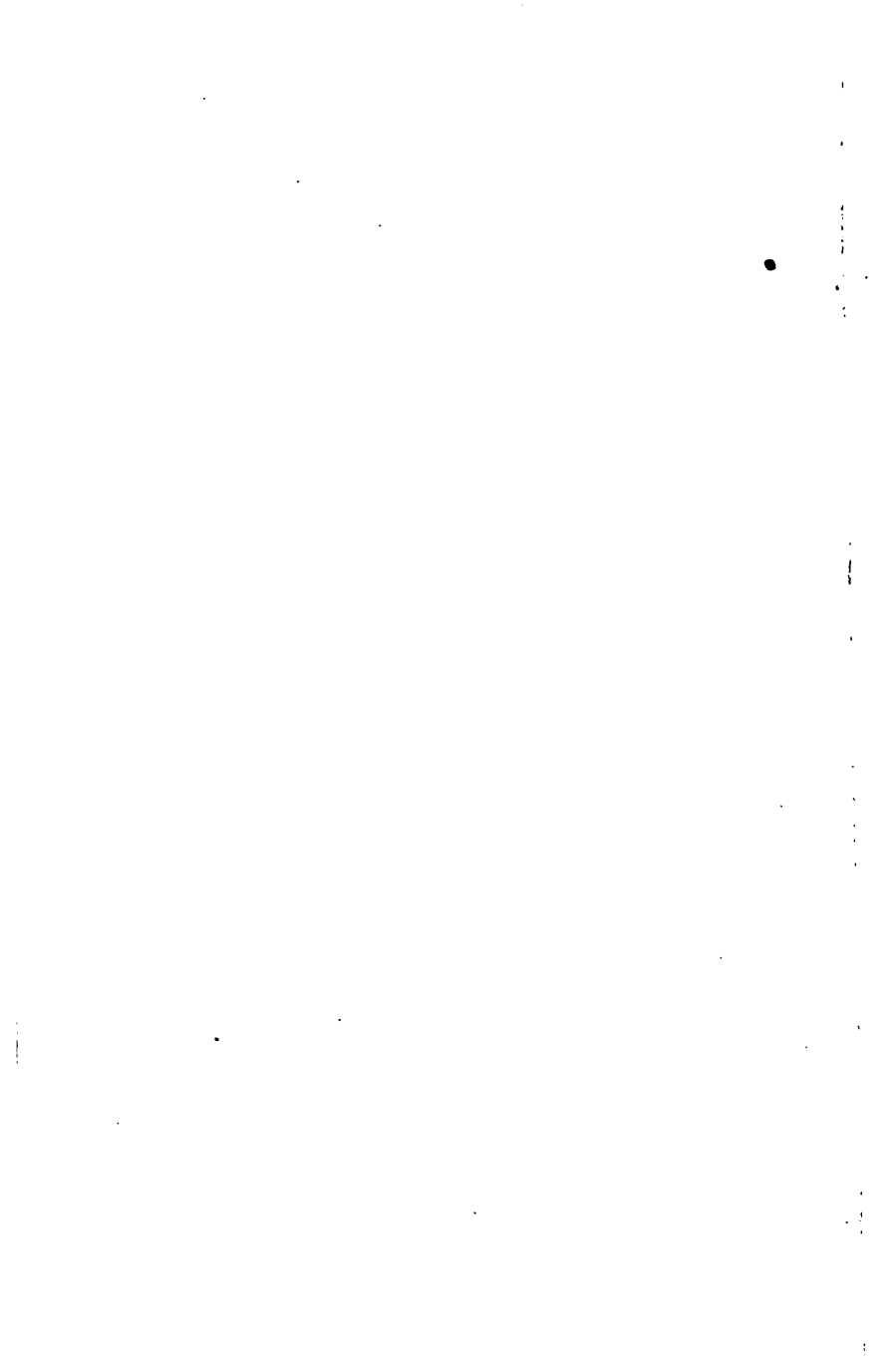
1817

ARTES SCIENTIA VERITAS



22777

8408



À LAREIRA

LIVRARIA DE CAMPOS JUNIOR

77—RUA AUGUSTA—81

Lisboa

OBRAS DE JULIO CESAR MACHADO

Quadros do Campo e da Cidade.....	500
Das manias e loucuras em Portugal.....	500
Do Chiado a Veneza.....	500
Historias para gente moça.....	500
Passeios e phantasias.....	500
Recordações de Paris e Londres.....	500
Scenas da minha terra.....	500
Em Hespanha.....	500
Trechos de folhetim.....	200
Contos a vapor.....	200
Amor ás cegas, comédia em 1 acto.....	160
Tres Sapadores, comédia em 1 acto.....	120

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ROMANCES A 500 RÉIS

(Francos de porte pelo correio)

EDIÇÕES DA LIVRARIA CAMPOS JUNIOR

ANNOS DE PROSA.	MULHER (A) FATAL, 2. ^a edição, com o retrato do author 600 réis.
BEM (O) E O MAL.	MYSTERIOS DE FAFE.
BRILHANTES (OS) DO BRASILEIRO, 2. ^a edição.	OLHO (O) DE VIDRO.
BRUXA (A) DE MONTE-CORDOVA.	QUATRO HORAS INNOCENTES.
CAVAR EM RUINAS.	QUEDA (A) DE UM ANJO.
DOIDA (A) DO CANDAL, 2. ^a edição.	RETRATO (O) DE RICARDINA.
ENGEITADA (A).	SANGUE (O).
ESQUELETO (O).	SANTO (O) DA MONTANHA.
ESTRELLAS PROPICIAS.	SENHOR (O) DO PAÇO DE NINÃES.
FILHA (A) DO DOUTOR NEGRO.	VINTE HORAS DE LITEIRA.
LUCTA DE GIGANTES.	VIRTUDES (AS) ANTIGAS.
MEMORIAS DE GUILHERME DO AMARAL.	

Á LAREIRA



POR

JULIO CESAR MACHADO



LISBOA
LIVRARIA DE CAMPOS JUNIOR—EDITOR
77—Rua Augusta—81
1872

869.8

M14952 a

1872

LISBOA

Imprensa de Sousa Neves
65, Rua da Atalaia, 65



O SERÃO DO GALHEIRA

Vae a desfallecer no horizonte o sol pallido de dezembro, triste e cansado, sem poder subir ás alturas do ceu nem romper os nevoeiros. Estendem-se as sombras ao meio dia como se viesse a descer a noite. Rompem os corvos pelos ares em bandos, e os pequenitos da aldeja avistam, quando menos o esperam, minhos de pégas nos choupos já sem rama!

A relha do arado havia de custar-lhe a romper a rijeza do terrão. Vae o anno de geada. Tudo sofre e pena; as lebres vão atraz dos rebanhos escondendo-se no redil; os celleiros vazios estão todas as noites apinhados de passaros que fogem para lá com frio; até o milhafre se chega para as casas e põe em desordem as capoeiras.

É inverno. A estação predilecta dos saloios, a quadra em que engordam, em que suam menos, em que têm mais somno e mais descanso.

Os trabalhadores, sem poderem ir alqueivar as suas terras, passam o tempo em casa, ou ao pé do gado—no curral escuro, humido, e carregado de espessas teias de aranha. Dá-lhes o somno a miudo; parecem-lhes ser os mais compridos aquelles dias, que são os mais curtos do anno. Depois lá chega a noite e reúnem-se á lareira com a familia da casa os parentes, os compadres e uns visinhos, parasitas da aldeia, que vão fazer economia de lenha e de candeia com a candeia e a lenha dos outros.

Fazem roda sentados, enquanto as pinhas ardem na brazeira. As mulheres falam, os homens martelando n'uns arranjos caseiros, as crianças dormindo.

Assim ia o serão quando o Manuel Gatheira se gabou de lhe parecer ter visto, debaixo da manjedoura, a cobra que sangra o gado, quando está para vir a primavera.

Foi por essa maneira que principiou a conversação a respeito de casos extraordinarios.

Vivenda em que haja curral, é sempre côlo de maravilhas. Basta dormir nos palheiros, para aquelle cheiro de feno, que sobe á cabeça, provocar com frequencia allucinações a um homem; e a bulha que faz o gado, de noite, roncando, suspirando, latindo-se, remoendo, não lhe chega nunca ao ouvi-

do se não transformada já pela imaginação supersticiosa e enferma.

Não ha conto da carochinha que não seja acolhido de boa feição nas choupanas. O narrador conta para todo o sempre com a confiança do auditorio, e emtorna raridades em todas as passagens que narra.

— Conta aquella bruxaria de que ia morrendo a avó? disse Brígida ao abegão Manuel Galheira.

E este, continuando a partir junco, e sem mudar nem de expressão nem de attitude, principiou uma narrativa, que lhe caia dos labios, phrase por phrase, como se a interrogação da rapariga houvesse aberto uma especie de orificio, pelo qual a memoria de Galheira despejasse a historia que lhe pediam.

— Foi no anno em que se vendeu a geira da Maria Fortunata; estava doente a minha avó que Deus haja, ia para dezoito mezes. Xaropes e mais xaropes; já não havia lambedor nem pilulas que servissem de nada. Os remedios que ella metteu n'aquelle corpo enchiam a lagariça, e estou em dizer-lhes que o dinheiro que elles custaram dava para comprar dez porcos. Já o cirurgião principiava a dizer que aquillo era mal de velhice; mal que não tem remedio, como se sabe. A pobre, Deus a tenha, não é agora para dizermos que estivesse podre de idade.

— E não mesmo! retorquiram todos.

— O meu pae, mal previu aquillo, metteu pernas ao caminho e foi-se a consultar a Dionyzia, que na

arte de deitar cartas e como mulher de virtude não tem segunda, a qual lhe declarou ser aquelle um mal dado por maleficio e não haver tempo a perder para salvar a doente, visto ella não ter mais do que tres dias de vida se lhe não acudissem.

«Tome lá você, disse ella ao meu pae por estas palavras, dando-lhe um molho de hervas seccas; arrecade isso debaixo da cabeceira da doente, e hoje mesmo, á meia noite, o mal dado á sua mãe ha de passar para outrem a quem privará de vida, porque é de preceito haver morte em casa de vocemecê, e nem eu podia impedir isso, nem ninguem»!

O meu pae voltou para casa sem saber que partido tomasse. Fazer com que alguém morresse em vez da doente, vejam que alternativa!

Ora queria experimentar o remedio, ora não queria.

No entanto se ia passando a noite. Pelas onze horas a mãe sentiu-se peor, a ponto de se desconfiar que aquillo fosse a agonia. Ao ver nos arrancos a mãe, a quem tinha tanto amor, não se poudé mais conter e metten as hervas debaixo do travesseiro.

Depois, inquieto, como bem se pôde fazer idéa, esperou que fosse a hora marcada em que, conforme a palavra da velha, devia o mal dado sair do corpo da minha avó para entrar n'um corpo estranho ao qual matasse.

Chegou a meia noite.

N'essa occasião, o cão grande, que estava a en-

zugar-se ao lume, deu um grito de dôr muito vivo, e uma reviravolta como as lebres quando lhes acerta o tiro, e caiu morto.

D'ali a nada minha avó estava salva.

Isto passou-se á minha vista; quem levantou o cão fui eu com estas duas mãos. Estava de barriga para o ar, sem ter ferida que se visse. Fui eu mesmo que carreguei com elle até á charneca para o enterrar, ainda lá vinha a manhã em casa de Deus verdadeiro!

— Quem conhecesse as virtudes de todas aservas sempre havia de poder muito, quer fosse para o bem, quer para o mal! exclamou a velha Laurianna.

— Tirar as ervas ás bruxas, é tirar-lhes os dias de vida! redarguiu a Monica da estancia.

— Ora! Lá está entre ferros uma, na cadeia de Leiria, e os passaros levam-lhe as ervas no bico e passam-lh'as pelas grades!

— Tate! Não é tanto assim! retrocou o abegão. As ervas não têm poder para tudo. Já a mim me disseram que quando uma bruxa quer deitar uma sorte a alguém, vae dar-lhe de noite tantas voltas á casa como de vezes gyra nos eixos um dia todo a roda de um carro, e leva em sua companhia um cão ou um galo, com tanto que seja preto!

— Mas a obra está em não dar mais voltas do que a roda.

— Pois está bem de ver, que n'isso é que vae a

gyria! proseguiu o Manuel Galheira. Em se dando volta quer seja para mais, quer para menos, reverte contra a pessoa o mal que ella intenta dar, e d'ahi é que vem dizer-se que se vira o feliço contra o feiticeiro!

— De quem é bruxo tudo se pôde esperar, disse a comadre Barbara. Elles dão-se ao demo, vejam se o demo lhes ha de dizer que não, seja ao que fôr! De um caso sei eu, e desafio o mais pintado a que o entenda. Vi-o com estes que a terra hade comer, e ainda no tempo em que eram bons olhos!

Calaram-se todos, e ninguem diria a julgar pela attenção geral que se tratava de narrar um passo repetido já mais de cem vezes no mesmo lugar, pela mesma pessoa, e diante do mesmo auditorio.

— Em casa da fidalga do Pral estava a servir uma rapariguita, a quem não havia nada que se lhe dissesse tanto no seu trabalho como no seu porte. A pequena, de uma vez, n'uma barrella perdeu dois lenços. Perdeu, perderam-se; vá lá saber como; como se perdem as cousas, perdendo-se! Levantaram-lhe a áquelle de ter roubado os lenços, e o certo é que morreu de desgosto. Ainda a estou a vêr, nas agonias, a revirar os olhos e a fallar nos malditos dos lenços!

— Excommungados! repetiram todos.

Desde a morte d'ella, de cada barrella que se fazia desapareciam os lenços todos que ficavam a seccar; a seccar, no prado; se dissessemos que fi-

cavam na corda e que eram muito açoitados, mas qual! Desappareciam do sitio em que os tinham posto, e achavam-se a cem passos d'ali esburacados e em estado de ninguem poder servir-se d'elles!

Eram rasgões que nem ferro nem puchão podia ter feito. Havia mais de cem em cada lenço, e nem dois que fossem irmãos. Rasgão para aqui, farpão para ali, rasgão para acolá; e tira de um lado, e tira do outro: um inferno. Por mais que se vigiasse o estender da roupa, era o mesmo que nada. O prodigio não tinha fim!

—É que andava Deus n'isso para tirar a claro a innocencia da moça por um milagre! disse o abegão encrespando a testa, e compenetrado d'aquellas revelações estupendas.

Foram-se succedendo os contos em tal abundancia que não couberam no serão, e a Brigida teve de se retirar com a magoa de não haver podido contar um caso, que era, a seu ver, o mais extraordinario de todos e que produzia a maior impressão.

Assim se passavam as noites. Às vezes contava eu casos de Lisboa, para variar dos da aldeia; ou dava-lhes informações de pessoas e coisas d'aqui, que tivessem seu quê de raridade. N'uma noite ou n'outra passava pelo sitio algum fidalgo dos arredores, o morgado d'aqui ou d'alli, apeava-se, entrava, e a conversação tomava logo proporções mais ambiciosas. O que o Galheira ou a Brigida narravam, era sempre, porém, o melhor de quanto se contava á lareira.



A DA GORDA

Nas Caldas da Rainha, por occasião da famosa caçada na Lagôa, reúne-se todos os annos por este tempo a flôr dos caçadores.

Caçadores de toda a especie, de toda a qualidade, de todo o feitio.

O caçador hospitaleiro: homem franco e cortez, que, por ser da terra, deixa ás vezes de atirar para fazer aos hospedes as honras da caça.

O caçador timorato: cavalheiro indeciso, que deixa fugir o passaro e fica a praguejar contra elle.

O caçador atrevido: de grandes barbas e grandes botas, dando ás vezes, por ser phrenetico, seu tirosito no chapeu do visinho.

O caçador desconsolado: que se considera perseguido pela sorte, e nunca vê passar um galeirão.

O caçador infallivel: useiro a dar, como diz o povo, *umas calças* furiosas ao pobre cão, para o fazer procurar a caça... que está de perfeita saude.

O caçador manhoso: que se agarra sempre ao mais entendido do rancho, e dispara ao mesmo tempo que elle.

O caçador enguiçado: que diz não poder matar nada nas Caldas (influencia das cavacas e do clima!) mas conta grandes proesas de uma caçada ás lebres no anno antecedente, na quinta das Mattas, a Santa Susana.

O caçador distrahido: que não lhe lembra da ave senão quando já vae longe.

E, finalmente:

O caçador bom: o caçador verdadeiro, certo de olho e de pulso, agil, despachado e geitoso, que é auctoridade, que é sabedor, que é mestre, — *grande espingarda*, como costuma chamar-se-lhe.

Fiz jornada, vindo da Durruivos, com uns poncos, que voltavam d'essa nomeada festa, maravilhados da caçada, da terra, e da generosa hospedagem com que os haviam acolhido e regalado.

Discorriam a respeito da villa, que é realmente bonita, grave, vistosa, enfeitada; do passeio publico que tem mais arvores e mais agua que o de Lisboa, o que equivale a ter mais sombra e mais frescura; do hospital, da celebre rua da Olaria, dos bois de loiça, das bilhas de segredo, das trouxas de ovos, do club, e das cavacas.

E fazia gosto cada um, em recordar a lufa-lufa d'aquelles dias memoraveis. Referia este, que a chegada da Lagôa fazia emmagrecer as senhoras das Caldas da Rainha, como martyrio inventado para abreviar seus dias, pela lida de receber os hospedes, perguntar-lhes noticias de toda a familia, recomendar que não façam cerimonia, chamar o criado para arrecadar as malas, dar a chave do quarto, offerecer uma colher de doce, fazer repetidas visitas á cozinha e ao forno, correr para um lado e para o outro, abrir armarios, tirar a prata, a loiça da India, e mil coizas de ver a Deus, que apenas saem á luz por estas occasiões.

Aquelle, historiava o chegar das tribus, parentes, amigos, convidados de todos os sitios, que caem ali n'esses dias, uns a pé, de vardasquinha e espingarda, outros a cavallo, outros na *diligencia*, e abraço cá, abraço lá, e viva, e toca, e bom dia e «Nós cá estamos!..»

Um, contava a scena do acrescentar da mesa e do fazer das ramas; metade da casa para dormitório, a outra metade para refeitório. Sempre mesa posta, sempre gente á mesa; e, em algum convidado se levantando um momento para ir tomar ar, logo outro a cair das nuvens no lugar d'elle e a herdar-lhe o prato e o cope.

Outro relatava quanto ali eram homericas as coizas de comer, e infatigaveis as bôcas dos convivas; que não tinham ficado por ali vivos boi nem vacca;

que havia pyramides de perdizes; que tinham emigrado todos os coelhos para a cosinha em regimentos interminaveis; que os fornos iam a desabar com os podins.

Outro ainda, memorava a deliciosa alvorada d'esse grato dia; o saltar da cama acordado pela phylarmonica, que percorre as ruas da villa; ainda fusque-fusque, para despertar os caçadores; o almoço antes da partida; o montar no burro ou no cavallo, melhor ainda se é no burro, para favorecer o episodio de cair nos atoleiros por aquelles caminhos pittorescamente horrorosos; depois o saltar para a bateira, sempre na esperança — muitas vezes realisa-da — de ir algum de trambolhão ao lodo; e no fim da caçada, ás cinco horas, toca outra vez para a mesa, sempre para a mesa, para a mesa por todo o sempre!

E era dito tudo entre saudades; e um d'elles principalmente de cada vez que a narrativa o levava a fallar do sr. Coelho, em casa de quem estivera, lambia os beiços com ternura. Tudo estava a parecer-lhe optimo, até do que iam vendo, mercê da boa disposição em que vinham. Gabavam os sitios, admiravam o horisonte, extasiavam-se com os pontos de vista, promettiam regressar ali para o anno, invejavam a sorte dos caldenses, queriam comprar-me a Durruivos: e, mal se avistava algum povo, rompiam em perguntas a um almocreve, que ia de rancho connosco.

A beira de um vallado, que era provavelmente o da sua fazenda, estava sentada uma familia de aldeões, entretidos com a formosura do cair da tarde e ouvindo um d'elles improvisar cantigas.

Mais firme que este cajado
Eu serei por ti meu bem,
Que elle já não tem raizes
E este amor raizes tem!

— Como se chama este sitio? perguntou um dos companheiros.

— A *Da Gorda*, respondeu o almocreve, tirando o seu barrete e sorrindo-se.

Parámos instantes.

A rapariga, a quem era dirigida a cantiga, desmentia um pouco as tradições mais acceitas ácerca do typo das mulhieres do campo. Pallida, de othos grandes e melancholicos, attitúde serena e languida, espalhava a vista pelo espaço e parecia dar maior claridade ao crepusculo. Animava-se a expressão de seu rosto com o olhar do cantor, e conforme a intenção dos versos assim ella ficava meiga, graciosa, supplicante, ou altiva.

O cantor era um rapaz robusto, queimado do sol, com ares mais activos que grosseiros, orgulhoso que não brutal, devorando a moça com um olhar apaixonado e varonil.

Era evidente que se namoravam a julgar pelo ar benevolo com que os contemplavam os que pareciam paes da rapariga; e tambem porque se não gostas-

sem um do outro desde que da primeira vez se olharam — seriam como que ingratos a Deus! Ainda não inventou nome a terminologia galante para as paixões em que se deixa o coração rendido a quem só por um momento se avistou, mas nem costumam sair menos poderosos nem menos verdadeiros esses amores nascidos instantaneamente de um contacto electrico.

— E porque se chama a este lugar *Da Gorda*? perguntou um dos caçadores, apontando para a fazenda e para a choupana.

O almocreve tornou a tirar o barrete, e respondeu:

— Por causa da historia de uma gorda, que aqui morou.

— E que gorda era essa, que tem historia?

O almocreve, que era, como todos os almocreves, zombeteiro, patuscão, figura exotica, nariz de papagaio, e pernas de gallo, fauno esquecido no exorcismo, que limpou os pinhaes de Obidos, onde outr'ora floresciam grandemente as divindades rusticas, olho finório, prégas nos cantos da bôca, que o riso rasgára, typo da facecia de estrada, dado a historias pittorescas, das que chamam a attenção e ficam gravadas na idéa, principiou muito lampeiro a contar o seu conto.

— No casal da Gorda morava uma gorda. Esta gorda era uma lavradora, que se remediava bem, casada com um homemsinho, que lhe morreu de

repente, sem pôr o preto no branco, venho a dizer, sem fazer as disposições para a deixa. A falta d'esse acto ia deixar a gorda sem real, se lhe não lembrasse uma alicantina para se acautelar com a herança. Calou-se muito calada com a morte do marido, e mandou logo, logo, chamar um ferrador aqui visinho, — que de cara se parecia muito com o defunto; — para elle se metter na cama, fingir-se doente, e dictar um testamento — em que deixasse todos os bens á viuva.

— Ah!

— Elle era feio como o diabo dos pretos, — o dos brancos dizem que é negro, e o dos pretos por pirraça é branco! Mas, pelos modos, lá arranjou que se lhe allumiasse o frontespicio; como se ao passar para a outra vida melhorasse as feições que tivera n'esta. O regedor morava arredado d'ali meia legua; era noite quando lá chegou. A noite já de si parece-se com a morte, a valer. O casal estava isolado no meio das charnecas. Caia-lhe a noite em cima e de redor, que fazia medo. O mais que se via n'aquelle deserto sem principio nem fim, era alguma estrellita lá ao longe, onde ninguem pôde chegar. O defunto estava escondido n'uma arca; e o ferrador mettido na cama, estirava o beijo e revirava os olhos, como um passarinho que está para morrer.

— Famoso!

A lavradora desfazia-se em pranto e em gritos, e

dirigia ao doente as perguntas necessarias para que manifestasse a sua vontade em quanto o ferrador ia dando suspiros que tinha diacho e fazendo caretas, proprias, a seu ver, de quem se abala para a bemaventurança. Por fim, resmungou:

— «Pois sim! Eu vou dizendo...

— «Dize, dize, meu homem! accudiu a gorda; anda, que todas as explicações são poucas. Não morras agora, cachorro!

— «Não morro por em quanto, não! respondia o o ferrador, arrastando as palavras. Ora pois então, ouve! E calava-se.

— «Pois então, ahí vae!

— «Desembucha! dizia-lhe a gorda.

— «Reparem bem...

— «Estamos a reparar! retrocava o regedor.

— «Agora principio. Deixo... Deixo metade de meus bens á minha mulher...

«A gorda deu um pulo.

— «E a outra metade ao meu visinho Nicolau, o ferrador, que mora ali defronte, bom homem, carregado de familia, e com precisão de ser remedeado!

«A gorda ainda lhe disse:

— «Então deixa-lhe a metade!?

— «Deixo. Que elle é muito bom homem. Sempre nos fez boa vizinhança. Aquelle merece bem esta lembrança minha!

«Depois, a gorda, não havendo podido dizer na-

da áquella astucia, para não estar a dividir bens — casou com o ferrador, e assim ficaram juntos os herdeiros!...

Concluira o almocreve a sua historia. Nós permanecemos ainda por instantes, calados, olhando. Estava tudo sereno em 'redor; parecia ouvir-se de todos os lados o hymno da melancholia do campo, saindo das arvores, dos riachos e das charnecas: dir-se-iam desenhadas a traços largos por colorista primoroso aquellas paizagens em que o silencio se quebrava unicamente pelo murmurio da folhagem, que o vento da noite agitava. A lua ainda pallida erguia já o disco prateado, e illuminava o casal.

— Era então aqui que vivia a gorda?!

— Era, sim senhores! respondeu o almocreve tirando o barrete, com o respeito que lhe mereciam os caçadores da Lagôa.



UM CAÇADOR... DE DOTES

Ia ella com a mãe, adiante d'elle, n'um dia de procissão, tic, tic, pisando com singelesa.

Elle exclamou:

—Que bonito pé!

E o melhor foi que tinha sonhado aquillo! Tinha sonhado com um pé bonito, que haveria de encontrar na rua, um pé com mãe—por signal,—e que a dona d'esse pé viria a ser sua mulher.

Na vida dos sonhos, bem sabem, tudo pôde ser. Não é só confundirem-se os usos, andarem ás bulhas as idéas mais aceitas e entrar o impossivel pela realidade dentro como se fosse por uma estalagem; o mais extraordinario é prestar-se o animo a contradições de toda a especie e paralogismos monstruosos, como se fossem coisas naturalissimas, ao

ponto de chegar a parecer que ha faculdades especiaes para aquella hora... Conhecem-se sitios onde nunca se esteve senão a sonhar, e de que ainda uma pessoa se fica lembrando quando acorda, como se estivesse a ver coisa por coisa, as ruas, as casas, as lojas, os letreiros; e pessoas que apparecem de tempos a tempos, como grandes conhecidos nossos; e casos, que o acordar interrompe e com que se volta a sonhar na noite immediata, dando-lhes seguimento...

Assim elle sonhára, o nosso heroe Jacinto, janota airoso e caçador de dotes, sempre na pista de noiva rica, assim elle sonhára com a aventura que lhe succedeu, de encontrar na rua uma menina riquissima e formosa, que fosse em companhia da mamã, a quem elle dissesse uma fineza, a quem desde então ficasse namorando, e com quem viesse a casar.

Como adivinhou, como não adivinhou, não sei. Ha existencias que têm um excesso da bagagem do sobrenatural, que parece historia. Eu proprio ouvi fallar de um menino, que durante o sono pronunciava palavras inintelligiveis. Succedeu passar, na terra onde elle vivia, um sabio, que foi vel-o, e declarou que o menino, em dormindo, fallava correctamente o grego. Como é que esse innocente, que contava doze annos de idade e que nunca saira da Freixe de Numão, sua patria, havia aprendido essa lingua, é o que nunca a sua familia, nem o sabio, nem eu, podemos saber.

O grande caso é que Jacinto, indo por uma das

ruas mais frequentadas, viu duas senhoras adiante d'elle, mãe e filha; a mãe apparentando cincoenta annos e muita austeridade, e a filha... —!

A filha, de physionomia idealmente formosa; clara, e — como diriam os poetas — atirando para azul celeste, augmentava-lhe ainda a alvura certa pallidez de visão de ballada; tinha a transparencia da opala; era como se a alma lhe vencesse o corpo e se tornasse visivel; olhos azues, mas mais escuros do que os olhos azues costumam ser, a nadarem em fluido; labios vermelhos como se os irritasse o que a gente diz — *uma pontinha de febre*; muito cabello, cabello em madeixas, em nós, em ondas, emmoldurando-lhe o rosto angelico... Uma formosura! toda ella! da cabeça aos pés; pés finos; estreitos, arqueados, expressivos, pés que deveriam ter azas como os das apparições aerias. . .

— Que bonjto pé! disse-lhe elle.

Não pareceu ella enfadar-se com isto; ao contrario, deu um signal de riso á mãe, que conservou a seriedade imperturbavel de quem vae pela rua fóra dando um exemplo ao mundo.

Jacinto foi-as seguindo, em distancia respeitosa; sirandando de vez em quando de um lado da rua para o outro; adeantando o passo, retardando-o; aqui, lendo um cartaz; além, examinando um predio; cortejando com decencia os seus conhecimentos; embriagando-se com suas proprias idéas; cuidando pisar jardins; avistando o céu o mais azul possi-

vel; parecendo-lhe vêr arvores carregadinhas de frutos; e abrindo muito as ventas para aspirar os aromas mais deliciosos...

A menina foi para uma janella, onde se conservou até passar a procissão. Era um segundo andar; excellente rua; tudo, por ali, casas grandes.

Mais tarde chegou um cavalheiro, a quem os que pareciam donos da casa fizeram grande festa: —ares de homem forte e abastado; todo colleirinho e gravata; pouco nariz, pouca testa; muitas sobranceiras; olhos de loiça das Caldas, sem côr, prudentíssimos, resguardados por grandes pestanas como que para verem sem ser vistos: grande queixo, quadrado e poderoso; boa figura; ventre pontagudo; dando pelo nome de Placido.

—Ó meu pae! exclamou Jacinto entre si, contemplando esse sujeito, e sentindo que toda aquella festa exterior não era nada comparada á que ia em seu coração. Sim! Tu tens de ser meu pae!...

A menina olhava para elle, de vez em quando. É verdade que, de vez em quando, tambem olhava para elle a mãe. E não é menos verdade que, de vez em quando, o pae tambem olhava para elle.

O barco ia n'agua. Avistava já o porto tantas vezes desejado; figurava-se accolhido como filho por aquella opulenta e dinheirosa familia, em cuja habitação tudo por certo—a principiar pelos haveres paternos... —teria ar de probidade digna e de lealdade patriarcal. Um paraíso!

Desde esse instante Jacinto não pensou n'outra coisa, e, colhendo as informações mais amplas a respeito d'essa familia, conseguiu saber que o pae era riquissimo e a filha muito boa pessoa; outros amigos avançavam uma versão differente: no dizer d'elles a filha havia de ser riquissima, e o pae era muito boa pessoa. Bem considerado vinha a dar na mesma! Jacinto fez-se apresentar ao sr. Placido, proprietario no Alemtejo, e pae da fôrmosa, escreveu diversas missivas mui sentimentaes, continuou a informar-se de quanto valia seu pretendido sogro, e resolveu, como se lá diz, mudar de estado.

N'isto,—a menina teve bexigas.

Teve bexigas! e o peor é que ficou feia; feia,—é o termo; tanto peor para o nosso heroe Jacinto; perfeitamente feia. Os diachos das bexigas treparam-lhe pela cara em direcções as mais pittorescas e fizeram-lhe promontorios no nariz.

A pequena por instinctos delicados, escreveu-lhe desligando-o dos seus compromissos, e o pae Placido — homem de juizo em tudo — incumbiu um tal Perdigão, amigo seu e de Jacinto, de explicar ao noivo que não tivesse escrupulo em se afastar se o desejava, pois não seria rasoavel ir para sempre ligar a sua existencia a uma pessoa que tão differente estava do que fôra na occasião em que lhe tinha agradado.

O Jacinto, se havia de dizer «sim» ou «não», rompeu em risota e desabou no Perdigão um discurso de cassoadá.

—Está a burra do pae de perfeita saude?—perguntou o valdevinos.

Perdigão cuidou não perceber bem.

—Não tem bexigas a burra de meu sogro? Pois isso é o essencial, para mim. Está justo que casá-mos para a semana, casaremos. Cuida o amigo Perdigão que se o caso não fosse de vantagem eu estaria á espera que me dispensassem cortezmente de casar com uma pequerrucha que tem na cara uma carta geographica? Ora o taful! Não me custou pouco aguentar-me aqui e ir lá a casa pedir noticias durante a doença. De mais a mais, tremo de apanhar uma d'essas macacôas, e é um dos motivos porque não quereria ser rei de maneira alguma,—porque o rei é a unica pessoa que não pôde ter medo de bexigas, e outras epidemias gallantes.

Perdigão olhava para elle pasmado. Elle proseguia:

—Rei que eu fosse, amigo Perdigão, em andando bexigas punha-me a andar. Até era um pretexto para me safar d'aqui. Veja que pessimo rei que eu era! Não estaria a empatar o povo com proclamações, e reduziria toda a minha politica a dizer-lhe á puridade: —Povo amigo, que não tens meios para viajar, fica-te p'r'ahi a ver se apanhas bexigas por todo o tempo que ellas se dignarem estar no seio do paiz; recebe-as por cá na minha ausencia, não fiques com cuidado em mim, porque em não havendo perigo cá me has de ter outra vez,—e d'aqui

até lá morre o mais possível, para que na ocasião do meu regresso as bexigas estejam já completamente fartas da pelle dos luzos!

Perdigão perdendo a penna, — digo, perdendo a falla, voltou costas sem lhe dar troco e foi contar tudo ao seu amigo Placido, no auge da indignação. Placido ouviu, ouviu, e disse com a moderação mais suave:

— Deixa!

— Que deixe?! interrogou Perdigão.

— Deixa lá, sim, deixa lá!

E Perdigão tornou a perder a falla.

Casaram os noivos na semana immediata; uma segunda feira, de que Placido disse rindo a seu genro:—«Dia das almas e dos barbeiros! é bom dia, a segunda feira!» E Jacinto achava-lhe a maior graça, e retorquia:—«Essa é bem achada, ó querido pae!»

À saída da igreja foram para casa e houve uma collação magnifica—de que os jornaes deram depois o *menu*, como era de justiça.

Antes de irem para a mesa, Placido chamou Jacinto de parte e disse-lhe:

— Tome lá o dote, ó Jacinto!

— Ora adeus! retrucou o genro. Que idéa! Quem pensa em tal?! Tire para lá isso, senhor!...

Apesar de tão desinteressada defesa, Placido insistiu e apresentou ao rapaz uma folha de papel cheia de cifras.

— Aqui está o dote, Jacintinho!

O papel dizia :

<i>Educação, juizo, bom porte; valem bem.....</i>	10:000\$000
<i>A menina não tem mau genio; e esta qualidade não póde representar menos de</i>	5:000\$000
<i>Virtuosa, economica, propria para ser boa dona de casa.....</i>	10:000\$000
<i>Não gosta de bailes nem é propensa a divertimentos;—na vida de casados é caso para valer</i>	10:000\$000
<i>Finalmente, dou-lhe cinco contos de réis que valem mais do que grandes riquezas com os defeitos contrarios ás qualidades supramencionadas.....</i>	5:000\$000
	<hr/> 40:000\$000

Jacinto esfregava os olhos a cada coisa que lia.

—Vamos para a mesa! disse o Placido, dando-lhe o braço,

O *lunch* foi alegre. Reunida toda a familia e os amigos certos da casa, fizeram-se muitas e agradaveis saudes.

Jacinto bebeu agua repetidas vezes por se lhe estarem sempre a seccar os beiços; cuidava-se que eram preparativos para algum *speech*: mas, não; refrescava a bocca, e seccava a prosa.

Placido tocando jucundamente no hombro de seu genro, disse para o Perdigão:

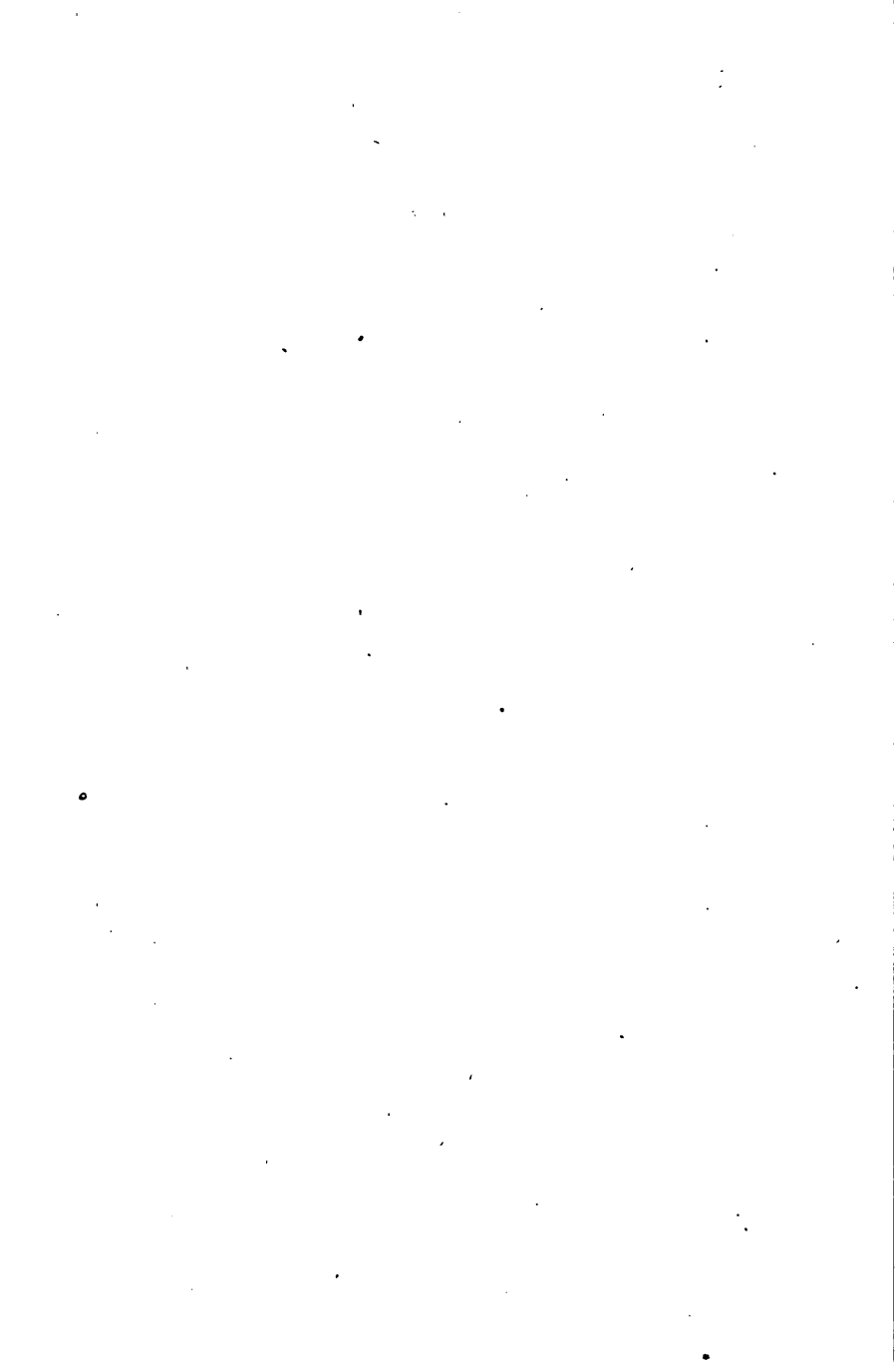
—O nosso Jacinto já lá tem o dote da Annica!

—Ah!... Já? !... redarguiu Perdigão no ponto de perder novamente a falla.

— Quarenta contos lhe entreguei. Não é assim, meu filho?

Jacinto refrescou mais uma vez os beijos, e respondeu, embuxado como se houvesse comido um marmello:

— É assim, meu pae!...



AS BROAS

Adivinha-se a grandeza antiga de um monumento pelo aspecto das suas ruínas; nos restos que o tempo lhe deixa, encontra-se ainda a belleza de uma mulher; os sobejos de mesa opulenta dão testemunho do que foi o festim; ainda diz o despedir do sol no mosteiro denrocado, o que seria o meio dia do astro scintillando na architectura florescente e nova do monumento; assim, a todo o tempo, leve este reino as voltas que levar, ha de adivinhar-se nos cestitos de palha em que as broas se expõem, do Natal aos Reis, os taboleiros gordos em que ellas, se regimpam aos balcões dos confeitheiros.

Honestos confeitheiros!

Tem-se inveja por ahí da sorte d'elles, e os poetas fazem reparo de ganhar menos com os poemas

do que elles com as broas. Devé d'ahi concluir-se que os confeiteiros têm mais talento do que os poetas?

Não. Mas a gente não come a *Paqueta* nem o *D. Jayme*: ao passo que a broa...

E depois, o que nos deita a perder é a mania das *profissões liberaes*!

Por exemplo: se eu em vez de livros, fizesse broas, estou persuadido que as não havia de fazer peores que os outros, e ganharia tanto como elles, porque um quasi nada de litteratura não poderia prejudicar o tempero da coisa!

Mas, a *profissão liberal* não quer isso. A *profissão liberal* não enche barriga, mas, pelos modos, fica bem ao parecer! A educação n'este paiz encantador aconselha o sujeito a ser bacharel e que não podendo viver d'isso vá ser continuo, mas não lhe permite que seja logista. Que viva aos tropeções, sem clintela se for advogado, sem editores se for escriptor, sem doentes se for medico, mas que evite o balcão, já que tem talento!

Vae os que não tem talento põem-se a fazer broas, e, fortes lorpas, enriquecem!

Folgae, pois, honestos confeiteiros: essa é a grande quadra, a grande época! Quando chega o Natal com a sua noite de mysterio, que a imaginação povoa de tradições, o Natal que significa alegria e festa, o grito de nossos paes na passagem dos reis, a saudação por excellencia aos successos felizes,

a poesia das trovas, das velhas lendas, dos contos á lareira que o povo inventa e conserva de memoria no coração; a noite em que se vae dar com os thesouros que estão escondidos; em que as almas penadas vem pedir orações á gente sem nos perguntar sequer se sabemos resar; noite, enfim, em que fallam os animaes, caso curiosissimo para todos os paizes, e mesmo para o nosso, apesar de possuirmos algumas... que até fallam de dia!

Tem os namorados desamparado um pouco,—bem o sei, mas que importa isso?—a festa deliciosa da missa do gallo. Que tem chovido immenso, que as noites vão frias, que receiam constipar-se, que se arripiam já n'uns longes de defluxo e receiam molhar os pés: taes são as desculpas de que se valem... Pobres namorados! D'antes deitavam-se ao mar por qualquer coisa; e agora, em sendo preciso saltar uma pocinha para ver Hero, já Leandro vae de chapéu de chuva! Ama-se quando o tempo o permite. O namorado está prudente! A lama já não é só inimiga dos peões e dos trens, dos vestidos compridos e das calças de presilha; está feita inimiga do amor. O namorado quer amar, mas ter os pés quentes! Já não ha missa do gallo que o faça recolher depois da meia noite, em o tempo não estando seguro. A febre das economias absorve-lhe o espirito. Não quer arruinar as botas; nem deseja ir de ranchinho para a igreja com a familia da menina, para evitar cautelosamente as broas. Chega a ter

pena n'esta dança de reformas... que não se suprimisse a missa do gallo! O dinheiro é hoje o seu *pater*, o seu *credo*, e o seu *confiteor*. Cupido já não é uma creancinha loira, é um anão encarquilhado que usa gallochas de borracha!...

Desfolharam-se os sentimentos, a imaginação murchou, tudo é arido hoje, descarnado, e secco; a sede de beber em nascentes novas e viver á moda estrangeira está levando a nossa gente ao mesmo caso d'aquella aia que viu que a ama tinha um elixir que tornava as pessoas moças, e, apanhando-a ausente, foi-se-lhe ao frasco e em vez de uma gota bebeu tal dóse — que não ficou só moça... ficou creança. Não fallem hoje a estes lisboetas das doces alegrias da noite de natal, da canja depois da missa, das broas em familia, da illuminação do presepe, das tonadilhas e descantes da vigilia, cantigas do povo, cantigas do berço... Fallem-lhes, isso sim, de deixar a familia, a namorada, ou a amante, e ir metter-se n'algum baile de mascaras, vestidos de urso — ou de peru... quando muito, em referencia á época! — e folgar no apertão, na poeira, na grosseria immunda, nos diêhotes avinhados, nos costumes ultra-familiares, nas danças malucas de multipres impossiveis e mascaras idiotas!

E no entanto, lá pelas provincias, tudo fervilha, tudo sorri n'esta quadra, mas suavemente, sympathicamente, — alegria sem careta! É a grande época do anno, a época das consoadas, a época do pão

por Deus! Já ahi vem — d'aqui a tres dias! — o dia de anno bom, outro dia grande, outra occasião de boas festas, a hora por excellencia das pazes e reconciliações de familia. *Prospera lux oritur!* diz Ovidio; e Castilho na admiravel traducção dos Fastos:

Que alegre aurora pelos ceus despona!

.....

ruim palavra sussurrar nãoouse!

convém ao dia *bom* palavras *boas*!

Longe os pleitos crueis, a rixa insana;

e tu, censor mordaz, teu fel não verbas!

Como os barbeiros se surriam então para nós! Que ancia com que os correios, jucunda satisfação da espera e da curiosidade, veem trazer-nos as cartas! Com que solicitude os porteiros de theatro nos vestem o paletot! E os creados das casas onde vamos, e os moços de botequim e os distribuidores de jornaes, e toda a vasta familia dos comprimenteiros do Natal aos Reis!...

Na provincia, ao menos, cantam! Cantam festivamente as Janeiras:

As janeiras não se cantam

Nem aos reis nem aos fidalgos!

sentimento democratico que os não impede de ser exactamente á porta dos fidalgos da terra que vão cantar isso para se lhes dar dinheiro, — o que faz talvez com que ande já mais adoptada a versão de Penafiel:

As janciras não se cantam
Nem aos reis, nem aos coprados;
Mas nós vimol-as cantar
Por ser annos melhorados.

Em Elvas, andam pelas ruas com uma pelle de carneiro atada ao gargallo de uma bilha, a que lá chamam *rouca*, e batendo na pelle com um pau vão tirando sons que fazem o dito verdadeiro.

No Minho fervilham no forno as *orelhas d'abba-de*, goloseima de massa que toma com o calor do lume no acto de se frigir certas protuberancias de um lado e certas depressões do outro, que lhe affectam a fórma de uma orelha, mas de orelha gorda como cumpre serem as dos melhores abbades!

Nada chega porém á brôa primorosa, de fina farinha de milho espoada, a brôa que vella propicia pela nossa independencia, a brôa que tem o que quer que seja do feitio de uma setta, a brôa que entre nós é tudo e vence tudo!

Os jornaes não annunciam no tempo do Natal outra coisa, e os confeiteiros estão á espera dos Reis para cair doentes da lida em que andam, entre os vapores que o carvão exhala, na frente da labareda, do fumo e das fornalhas, flanqueados de perigos como o soldado entre as ballas. A brôa! A brôa! A serpente não seduziu Eva com uma maçã, como se espalhou;—seduziu-a com uma brôa!

Arredem-se os das brôas *ateis*. Faça côro com a infancia, que cobre de maldições esses astuciosos

que veem sempre por este tempo nos jornaes 'dar de conselho aos chefes de familia que comprem livrêcos para os filhos, chamando aos livrêcos brôas!

Vejam a que marosca domestica se pretende sacrificar as creanças:

—Anda cá, fithinho, diria o pae; dá cá um beijo, e deixa-me dizer-te uma coisa. Já vaes para oito annos, não se pôde dizer que sejas criança. Nem bo-gigangas, nem guloseimas podem já de certo agradecer-te. Um tambor, um cão de algodão em rama, um gato a tocar rebecca, um papelucho de brôas, tudo isso são coisas indignas da tua seriedade. Aposto que a consoada que tu desejas é um livro muito moral, ou um almanak que fique servindo em casa para todo o anno, — verdadeiras brôas uteis!

Baldado empenho! Vae trôpega a poesia, e a mu-sa hoje é uma velha de rocca e fuço; mas a brôa resiste a todos os combates, embora fatigada, embora antiga: ha o que quer que seja de divino na decrepitude; a brôa triumpho ainda em todas as situações e através das crises. Nem a politica, nem as reformas, nem os emprestimos, — nem sequer os casos domesticos podem prejudicar-a. O chefe de familia chega a casa com os seus dois papeluchos, e, supponhamos, a creada grita-lhe com alvoroço:

—A senhora acaba n'este instante de ter o seu bom successo!

—Que oiço! exclama o sujeito. Olha, Maria, fui à *Confeitaria Ferrari*...

Diz-lhe a parteira:

— Muitos parabens! Que lindo menino, e é o seu retrato!

— Um menino! Oh! que ventura! Foi também a *Confeitaria Progresso*...

Empurram-o para a alcova nupcial.

— Ó minha querida mulher! exclama abraçando-a.
O que não terás soffrido! Olha, trago-te brôas...

A esposa estende-lhe a mão.

— Muito bem feitas! murmura elle.

— Quanto sou feliz! diz a doente.

— Querida esposa!

E, em seguida:

— Teem muito cidrão!

Ah! A brôa é os portuguezes, como *goddum* é toda a lingua ingleza!...

MOEDA FALSA

O caro Hygino não poderia dizer-se trapaceiro nem burlão; — era um velhaquete ingenho, mirando simplesmente a duplicar os rendimentos sem expôr o capital.

Era tido por agiota, e gosava da fama de ser um finório eminentemente pratico, que sabia de vez em quando atirar comsigo ás praias da theoria, voando com asas de abutre... Lapuz de conceito, merecendo ser considerado como typo de homem prudente, — tem-se visto outros peiores, a principiar pelo prudente Salomão, que tinha oito mil mulheres, como se não se pudesse ser prudente... com mais economia! — attilado, manhoso, preferindo um pardal na mão a dois pintasilhos a voar; e não sendo, digámo-l-o em seu leivor, da família do cão da fa-

bula que largou a preza para ir aboccar a sombra!...

Fallavam-lhe ás vezes de equidade e lia cousas a respeito da lisura nos negocios, mas tomava isso por politica. Para maior segurança não lia sempre, e não pensava todos os dias. Garbo de grande consciencia financeira; cincoenta e tantos annos; suissa ruiva; olhos pequenos e amarellados, da côr de libras e meias libras; modos sensatos; voz afflautada; pouco coração e muito tino; pé grande; boas côres e nutrição jucunda.

Tinha umas casas — bem boas — e morava na agua furtada. Tambem para que queria elle mais? Ali cabiam perfeitamente uma irmã que conservava na sua companhia, — verde e estitica creatura que dava os pontos na roupa e cuidava da casa — elle, e o gato. Do outro lado, na outra agua furtada, portas com portas, vivia sosinho um tal João da Avó.

... O que se fazia ou dizia n'uma casa, ouvia-se na outra.

De uma occasião o Hygino tendo de visita dois amigos, esteve com elles n'um cavaco animado; e João da Avó, que estava em casa, ouviu tudo do principio ao fim. Era uma galhofa. Riam os amigos, e tossiam com o riso, e com o riso se engasgavam, e até espirravam com o riso.

— E contrabando? dizia um dos amigos; — gola alta, oculos azues, ponta do nariz encarnada — con-

tinuando a conversa em que se tratava de apurar expedientes para ganhar dinheiro.

—E Hygino riá-se da lembrança; e o outro amigo, que parecia muito esperto e também tinha a ponta do nariz encarnada—já é coincidência! —retrocava:

—Isso, agora, está chôcho!

—Está chôcho?!

—Está. Foi bom. Tem sido bom; não ha duvida; mas está cabido. Todos aquelles caes da Boa Vista, por exemplo, que foram outras tantas minas, hoje, com o aterro, e vigiados como estão, não prestam para nada. Quando vi das noticias, ultimamente, que lá na França durante a guerra usavam fazer em balão o serviço do correio, muita me lembrei da pechincha que seria se podesse fazer-se contrabando de balão.

El respondia logo Hygino, rindo com gosto:

—É preciso que antes d'isso se dê com o segredo de dirigir os balões; e d'aqui até lá é de esperar... que acabem as alfandegas!...

E riam os tres.

—E a pretalhada? lembrava outro:

—Foi obra de desengano!

—Hoje está perigoso. Não vale a pena. A Inglaterra dá n'isso um becadito de incommodo, e faz presente aos negreiros de um lenço de pescoço sem lhes dar tempo sequer de deitarem a carregação ao mar.

—Industria! industria! Nisso é que está ainda tudo por tentar em Portugal! E licitamente.

—Histórias da vida! Leva muito tempo e muito dinheiro. Isto está só para ir durando cada um conforme pôde. É terra de innocentes. Nem sequer ha ladrões.

—Sempre ha, sempre ha!

—Fraca coisa. Gente que rouba um pão ou um chapéu de sol; gente que anda a pé, pobre e rota, a cair nas mãos á policia.

—Pois que queria você—que andassem de sega?

—Estou vendo! Se tivessem ahí ás ordens uns poucos de *omnibus*—a moda dos *omnibus* tem pegado tanto! homens armados, boleiros de confiança!... A cidade de noite é tranquilla e de pouco movimento... Sabia o sujeito de tomar chá n'alguma casa, bumba! apeava-se a tropa, ia-se direita a elle, apalpava-o bem, depois mettia-se outra vez no *omnibus*, e alla! Cada *omnibus* podia fazer as suas doze libras por noite; deduzindo as despesas que se fizessem com as bestas, paga de serviço, e amortisação do material, ainda podiam ficar uns trinta mil réis; trinta mil réis por noite, são novecentos ao mez; dez contos e oitocentos ao anno...

—Mais. Isso é contando o mez de trinta dias. E os de trinta e um?

—É multiplicar trezentos e sessenta e cinco por trinta; tres vezes cinco quinze, ahí vai uma...

—Cento e cincoenta mil réis a mais!

—Dez contos novecentos e cincoenta ao anno!

—Era mau?

E ahí tornavam a rir, a rir. Estavam a brincar, bem sabemos, mas era um gosto vellos; e o João da Avó, que não os podia ver, teve muito gosto em os ouvir!

Quem era o João da Avó? Quem era! Era João da Costa, por alcunha o João da Avó! Um pandego. O nome de vadio atirado por um moço de frates a outro, é injuria; o epitheto de ignorante faria dar pulo a qualquer homem que tenha de profissão saber alguma coisa: — o João da Avó accommodava-se sem resmungar entre os ignorantes e os vadios. Até se ufanava ás vezes de que a sua familia desde a monarchia se houvesse sempre mostrado ignorante e inutil de pae para filho. E mais era nascido de boa gente, e até chegou a estar uns tempos n'um dos collegios da moda, onde por preços modicos se armam os meninos em homens mais universaes do que Picco de la Mirandola; mas deixou isso para seguir a sua vocação, que era ser pandego. Não deixára a natureza de ser indulgente com elle, e gratificára-o com varias prendas physicas. Era de bom tamanho, sem ter a altura ridicula de que se ufanam os tambores-móres; olho vivo; pé pequeno; andar gingão; e a melhor das caras para pedir dinheiro emprestado. Em Lisboa tem havido épocas de florescer muito a industria do encosto: encosto é pedir dinheiro para não o pagar: o João da Avó n'isso era fortissimo e não se parecia com a maior parte dos collegas que veem para a gente de cara

triste, olhar inquieto, palavras incertas e desconfiadas, ao ponto de bastar vel-os para ter arripios. Elle ao contrario. Dava ás victimas o prazer de lhes mostrar um semblante risonho e cordialissimo. Não parecia inquietal-o nem influir de nenhuma maneira em seu animo a incerteza do resultado; *encostava* as pessoas alegremente. Dizia a isso que tambem um homem não sabe o que terá de ser quando principia a namorar uma senhora, e não deixa por isso de ser o mais amavel que poder. Não quadra bem á esperanza ter aspecto de mortificação. O dinheiro é como as senhoras, — gosta que o namorem. Elle fazia-lhe a côrte!

O que pensou e resolveu entre si, em quanto ouvia a conversa do anafado Hygino com os seus amigos de nariz encarnado — é um mysterio, que não tem medida!

Elle morava de fresco n'aquella agua-fortada; havia uma semana apenas. O ponto importante é que, desde o cavaco dos tres amigos, João da Avó principiou a dormir o dia inteiro, sair á tardinha para jantar, recolher sempre ás dez horas, fechar as janelas, accender o candeeiro e traquinar toda a noite.

— Em que diacho trabalha este homem toda a noite?! dizia a si proprio o senhorio Hygino com um snavissimo sentimento de curiosidade.

No fim do mez, João da Avó pediu-lhe auctorisação para passar a casa por se achar resolvido a ir

viver n'um quarto d'aluguer; e propóz-lhe por essa occasião alugar-lhe elle um quarto em casa.

—Se apparecer quem queira a sua...

Appareceu. Alugou-se a agua-furtada norte, e com o Hygino queria que se dissesse sempre nos arrendamentos: o João da Avó estabeleceu-se no quarto que lhe deram, com porta para a escada mas sem janella—por assim o preferir, e continuou na vida antiga, dormir de dia, sair á tardinha, recolher ás dez horas, traquinar toda a noite.

Hygino, curiosissimo, principiou a espreitar o hospede mysterioso; e qual foi o seu pasmo quando o avistou sentado a uma mesa tratando de copiar uma nota de moeda. Abriu com violencia a porta e precipitando-se sobre o habilidoso João da Avó, gritou-lhe:

—Vocemecê é um biltre!

—Bem sei! respondeu o hospede.

—Que está vocemecê a fazer?

—Isto que vê.

—Moeda falsa?

—Moeda falsa.

—Em minha casa, senhor!

E offendeu-se como mimoso com o agreste de tal officio, recuando indignado d'aquelle individuo que assim fazia estrada de vida; no seu proprio predio, por fóra das veredas batidas e vulgares.

—Acabei hontem de ensaiar isto, dizia João da Avó serenamente. Esta é a primeira notasinha em

termos, que dou á luz. Faltam-lhe ainda uns toques á penna, e fica linda! Agora pôde o senhor denunciar-me á policia e perder para sempre um pobre homem, excepto se...

— Excepto se...?

— Excepto se quizer ter sociedade comigo. Em menos de seis mezes podemos arranjar grandes haveres e ir dar cabo d'elles por essas Europeas!

O outro hesitou um momento antes de dar replica, porque attendia immenso ás palavras; e ao seu phrasear, tornado por medida, nada faltava nem sobrava nunca.

— E as notas prestam? perguntou enfim.

— Experimente.

Como tinha de fazer um pagamento, pegou da nota, metteu-a entre outras, e para maior segurança foi trocá-la n'um cambista. O cambista achou-a excellente. Hygino recolheu para casa contentissimo.

— A coisa correu bem! disse elle ao inquilino.

— Ah!

— Muito bem!

— Era infallivel! O que realmente faz pena, é arriscar-me eu a ir pela barra fóra sem trabalhar em grande. A minha ambição era trabalhar em grande! Tanto custa fazer notas de uma moeda como de vinte mil reis ou dez moedas!

— Diz bem!

— Digo. Mas os modelos?

— Arranjam-se.

— Um para cada valor. É tratar d'isso!

Foi Hygino occupar-se logo d'essa diligencia, que ora lhe apressava o passo, ora lh'o retardava com escrúpulos. O dinheiro era-lhe mais querido do que o sangue que lhe corria nas veias; era a vida, o sonho, o enthusiasmo e os jubilos, o recreio e a paixão d'elle. De cada vez que tomava a respiração, aspirava moleculas de metal; em se lhe apertando o coração, ia-lhe o dinheiro para a circumferencia: em se lhe apertando outra vez, ia-lhe para o centro... já com juros e tudo!...

Entregou ao hospede uma nota de dez moedas, outra de vinte mil réis, outra de dezoito, outra de dez.

— E agora, disse, mãos á obra!

— Mãos á obra!

Foi-se deitar, para deixar o hospede trabalhar no remanso do gabinete.

Na manhã seguinte quiz saber se João da Avó passára bem a noite, isto é, se traquinara bem toda a noite. Bateu á porta do quarto: a porta estava aberta; entrou, o quarto estava vazio. Esperou pelo hospede e pelas notas; nem as notas nem elle appareceram; e Hygino — entregue á saudade — não viu sequer o retrato de João da Avó... nem o das notas!...



UM BAILE CAMPESTRE

Baile campestre!

Baile campestre na Penha de França...

Isto é, na baixa da Penha!

Ou, segundo alguns:

Na Penha de baixo!...

O que me seduziu foi um annuncio, um annuncio tentador no *Diario de Noticias*:

A EXCELLENTE orchestra da academia «Belini» executará um novo e variadissimo repertorio, na quinta do Paraíso, no caminho debaixo da Penha.

Li, esfreguei as mãos; lambi os beiços, dei estalinhos com os dedos, pensei durante todo o dia na função da noite, e quando chegou a noite ainda in-

decisa e tímida, o *fra il lusco e il frusco* como dizem os italianos, voltei as costas á cidade e parti!

Dei jubilosamente a volta por traz de S. Domingos, percorri a rua nova da Palma com satisfação, fui-me na frente do nariz pela rua nova adiante, pisei o largo do Intendente como quem vence o mundo, penetrei na rua dos Anjos com um denodo finissimo, achei-me nas Fontainhas de pé leve e com frescura de animo, e alli — vendo por acaso um policia, disse commigo:

— Será bom interrogar este guerreiro!

E, caminhando em sua direcção, lhe perguntei se sabia onde houvesse por alli um baile campestre.

Não sabia.

Ainda suppuz que fosse sua pureza austera de costumes que não quizesse auxiliar-me a que eu prestasse meus olhos a danças immodestas e quiçá meus ouvidos a descantes dissolutos; — e busquei informações de outro viandante.

O qual outro viandante me fallou por estas palavras:

— Defronte da estação do Larmanjat está a guarda; ao lado da guarda uma azinhaga; no fim da azinhaga, lá para o outro lado, a baixa da Penha; na baixa da Penha, o baile. Felizes noites!

— Uma noite ditosa!

E alli trepé pela azinhaga acima, até que — de repente — caso extranho — dei com as ventas n'uma cancella fechada o mais possível, e de novo voltei

sur, mas não. A cancella, depois o soube, pertencia á quinta onde se dava a festa, e para evitar o imprevisto, haviam-a fechado. O imprevisto, para eu!

Largo de Arroios. Luar. Solidão buccolica. Sono de guitarra n'umas terras... Corta a direita como quem vai para o Gasimiro, para o Sousa, para o Gallinheiro... (Sejamos eruditos, sejamos instruídos, comquanto alegres!)

— Subito, uma voz conhecida na estrada.

— Amigo, Cesar?! exclamo.

— Amigo Julio?! ...

— Cesar! ...

— Julio! ...

— Cesar!...

— Julio, Cesar!...

— Cesar!!!

E, o echo pelos campos fóra ia dizendo, suavemente ora do outro, ora de mim: Cesar! Cesar!

Era elle.

A da *Historia de um palaco*, o *Cornelio Guerra*, o que procurava a *Senhora Queiroz*, o caçador d'ursos que dizia na *Cóza* a um de dois pés: — Você, sr. fulano, já viu a *Providencia*? Pois a *Providencia* — olhe para mim, sério — a *Providencia* sou eu!...

Era o proprio. O vivaz e original actor, extravagante como todo o artista, excêntrico e amavel.

Grande aperto de mão. Saudação affectuosa, no meio dos campos, á luz da lua. Protestos de dedi-

cação para durante a noite. Braço cá, braço lá. Avante! Ao Bailé campestre? Ao bailé campestre!...

E seguimos.

A estrada é caprichosa, cheia de sombra e de traços de luz; pontos de vista admiráveis; quintalões pittorescos de um lado e do outro; tudo que a gente disse parecia estar a dizê-lo ao azul do céu, envolvido no aroma das flores!

— Viva o campo! Viva a herba! Viva o carneiro! Viva a alegria e a alfaca! exclamava Cesar n'um jubilo digno dos pegureiros de Theocrito.

E eu cantava-lhe uma serenata, e tropeçávamos, e riamos, e enchiamos aquella estrada de alegria e de tombos.

— «Olha, olha! dizia um perdigoto a um rancho d'elles. Que dois tafues!

E uma cambada de perdigotos punha-se a olhar para nós, de bocca aberta.

— «Ai! quem elles são! exclamava um melro a espreitar-nos n'uma sebe. Vocês não os conhecem, mas eu sim! Aquelle é o Cesar do theatro! Dizem que representa muito bem!

— Como sabes tu isso? perguntavam-lhe, já sem cantar desde a primavera; e em tom frouxo, dois rouxinoes tristonhos.

— É o Cesar, é! E o outro é o Julio, o que fez uns *Quadros do campo e da cidade* em que falta em nós!

— Mas como sabes tu isso? perguntavam-lhe a

um tempo os cahidos rouxinões e os perdigotos na flor da vida:

— Conheço ambos, de Lisboa. Eu morei muito tempo n'uma gaiolla ao Chiado, de onde fugi a semana passada!...

— Ah!

Assim chegámos, brinca, brincando, á quinta, do Paraíso onde tinha logar o baile. Do Paraíso; nem mais nem menos!

Ao pormos pé na festa, rompia em gritos uma chusma de rapaziada brava, e estabelecia-se crise no baile. Pedidos esclarecimentos ácerca do successo, conseguimos saber que alguns *tracistas* (côr local) tinham dado logar a que se alterasse a doce tranquillidade do divertimento. Os musicos escolheram essa occasião para ir cear; e o baile, quando nós chegamos, acabava de ser interrompido.

Mau!

Estavam por alli algumas famílias, conversando entre si com seriedade; bastantes meninas de attitudem discreta, e alguns mancebos contristados de que a dança houvesse soffrido um tal ou qual vexame com o ser alterada a paz d'aquelle Paraíso.

Aqui e alli, certo rosar de família.

— Ó mãe, o vestido estalou-me no hombro; veja se lhe dá ahi um ponto!

— Isso não se vê, filha, ata um lenço por cima!

E, tão depressa os musicos acabaram a ceia, animou-se de novo o choreto; quem queria dançar,

comprava um bilhete de rifa, a vinte, n'um pequeno bazar estabelecido á entrada, e, dirigindo-se á alguma das formosuras, dizia cortezmente:

— Quer brincar uma polka?

— Quero, sim senhor; respondia a menina. Onde está a Maria? (*gritando*) Ó Maria?

— Ou:

— Já tem par para brincar um valso?

— Ainda não. Que tem vocemecê na cara?

— Não é nada: uma arranhadura. Um bôlhão, que estava dizendo graças a respeito da sua pessoa...

— A meu respeito?

— Não lhe dê cuidado. Já tem a sua conta. Já lá vá para casa com um tapa olhos, que o consola. Vamos ao valso?

— Vá feito!

E, ao ouvido de uma pastora, bichanava ternamente um pastor, como na *Marília de Dirceu*:

Ah! vem ó bella,

E, o teu querido

Ao deus Cupido

Louvres dar.

Pois faz que todos

Com igual sorte

Do tempo e morte.

Possam zombar!

E um, que era muito engraçado, interrompia o caso, cantando de gallo;

—Cocorócó!

A passo que um janota campestre deitando o pé para fóra, dizia entre si:

—Sejamos elegante e irresistível!

—Cócórócó!

E um d'outro lado:

—Ó menina, olhe que lhe cahiu o seu leque!

—Muito obrigada sr. Hermeterio! (apanha-o.)

—Ó mãe, eu já venho!

—Deixa-te estar ahi!

—Mas se eu já venho?!

—Deixa-te ahi estar quieta, é o que te digo! Basta de dança por hoje! (para os circumstantes) Esta folia em excesso póde matal-as!

—Succede, respondeu-lhe Cesar; e ás vezes quando as não mata, engorda-as!

—Cócórócó!

E polkava-se, e valsava-se, e mazurkava-se, gravemente, austeramente, simplesmente, braço acima, braço abaixo, empurrão d'aqui, encontrão d'acolá, mesura de um lado, resposta do outro, tudo talhado á portugueza, forte e para durar. O quintal ás escuras, o bazar com sete bonecos que nunca se deixavam sair nas sortes, as familias aos pulos, e as arvores como que a cairem de somno...

Grande noite!...



OS ANNUNCIOS

Annunciae, annunciae! Sempre d'ahi se tira alguma cousa!

Não o entendiam assim nossos paes, timidos, modestos, calados, vivendo em paz, na sombra, á capucha; vivendo como morrêram, sem fama sem ostentação, e, o que é mais, sem precisarem d'isso — porque n'esse tempo não havia que temer concorrência; bastava uma taboleta á porta para conservar viva a lembrança dos freguezes e impedir algum abelhudo de ir estabelecer-se defronte a vender fazenda egual. Estava tudo em Portugal repartido em classes, ninguém deltava os bracinhos de fóra a fazer-se esperto; tinha cada qual os seus freguezes, que não lhe faziam infidelidades, que por

cousa alguma iriam a outro estabelecimento; e d'elles ia vivendo e com elles se contentava.

Mas,—eram elles! Eram elles, que usavam niza de briche: nós usamos casaquinhos de veludo:—eram elles que compravam para arrecadar, e fazer casa, roupa de linho e mais roupa de linho,—ao passo que nós cá vamos indo com os lençoes de venda em liquidação, que são os mais baratos, e estamos agora á mira de que appareça algum dia por ahi um estrangeiro amavel que ponha loja para se arruinar, e possa alguma vez annunciar alegremente:—Até que quebrei! Já posso vender o que está na loja por menos metade do que me custa!

Fomos nós que mudámos? Foi o tempo que andou. Não reparam como a Fricci em S. Carlos, no final do segundo acto de *Macbeth*, levanta a vez prodigiosamente? É porque tem de dominar a orchestra e as vozes dos cantores que estão disputando a attenção do publico. Está alli Cotogni, o famoso Cotogni, está alli o coro: na orchestra os instrumentos de latão trabalham ruidosamente: e o publico bem, a vê a ella;—não importa, ella quer ser ouvida exactamente por entre isso tudo, e dizer através d'aquella tempestade de sons:

—Cá estou eu, a Fricci!...

—Isso é o annuncio. Vencer a concorrência, pelo menos, fazer-se notar, apesar d'ella e por entre ella. O annuncio audaz, que a fortuna ajuda depois,—porque o segredo do annuncio é ter razão, é

ter verdade! Esse é o annuncio triumphante, o annuncio magnifico. Tudo por elle se consegue, com elle e por elle tudo se affirma. Não ha' difficuldades, não ha' impossiveis.

O artigo do fundo pôde ser secco; o folhetim pôde ser leviano; a noticia pôde ser prosaica, a poesia pôde ser futil: o annuncio é sempre philosophico, cortez, interessante, e sério.

A unica cousa que devia correr em letra de imprensa eram os annuncios! Para que serve — já não digo fazer livros, mas publical-os? Fazel-os ainda pôde ser um entretenimento, e de certo não é peor que um homem faça garatuja no papel que compra com o seu dinheiro — do que ir applicar pena voraz á mesa de um orçamento que não lhe fez cousa nenhuma, e a que elle tambem não faz nada, absolutamente nada, diga-se a verdade; — mas publical-os! É uma vaidade sem confessar que o seja, não querer desherdar os seus semelhantes de certo numero de phrases, dando-se ares de util! De todos os livros que por ali se publicam ha' só um que me parece verdadeiramente bom para se ler — é o *Almanach da Agencia Primitiva dos annuncios!*

De muitas paginas que tem, creio que quatrocentas, não ha uma que seja massada. Que outro livro se gaba d'esta? O sujeito que souber o que está n'aquella obra, sabe o seu paiz; sabe o todo; sabe onde são os diferentes estabelecimentos, a rua e o

numero das melhores lojas, quanto custam as cou-
sas, quaes são os negociantes, onde ficam as repar-
tições e os tribunaes, como se chamam e onde mo-
ram os empregados, onde se empresta sobre pe-
nhores com mais vantagem, onde se come melhor
e se bebe, que tabelliães tem havido desde mil e
quinhentos e quem exerce hoje o cartorio d'elles—
o que pôde ser ás vezes o resgate de uma fortuna,
a luz para ir encontrar uns autos velhos que ve-
nham meter-nos em casa uma herança, a riqueza
emfim, a justiça, a verdade, a historia!

A historia? Mas, os annuncios é que são a his-
toria. Quem quizer conhecer-nos, hade estudar por
elles. O annuncio no nosso tempo é a fama:—a sal-
vação, ou a queda. Conta-se que um grande ban-
queiro principiou a sua fortuna por um jornalinho
em que publicava sempre adiante dos annuncios dos
fallecimentos o nome dos facultativos, que haviam
tratado os que iam para o outro mundo. D'ali a
pouco,—pae meu!—todos os medicos maus—e pa-
rece que n'aquella terra havia alguns—se cotisaram
e lhe estabeleceram uma pensão magnifica para elle
não continuar na mesma.

Nos paizes estrangeiros não se faz outra coisa
senão annunciar. Em França quer-se tanto a publi-
cidade que se cobrem de letreiros predios e predios
de alto a baixo, servindo de cartaz para quem pas-
sa; em Portugal ha ainda escrupulos; é-se pudico,
é-se tímido. O *Siccle*—traz o seguinte annuncio:

Casamentos ricos

Mad. de Saint Juste: rue Maubeuge, 32, da 1 hora ás 3

E a Inglaterra? Ainda ha poucos dias vinha nos jornaes de Londres o seguinte annuncio, que traduzo textualmente:

Sermões praticos: inéditos e simples**AVISO AO CLERO**

A circulação da nossa folha lithographica é exclusivamente limitada aos membros da egreja. Damos treze sermões por treze schelings; conforme a importancia dos outros assumptos varia o preço das outras collecções originaes de um guineu (uma moeda) a dois. Já se entende que não mandámos nunca aos sobrescriptores na mesma localidade a serie que um dos seus collegas houver recebido; não pôde portanto haver confusão. A nossa divisa é *confiança, discrição, barateza.*»

E um alfayate põe na taboleta um leão a rasgar um casaco, resistindo-lhe apenas as costuras! — E um logista, que vende graxa, tem um quadro á porta com uma bota pintada e um gallo a atirar-se á bota, furioso de se vêr no lustro d'ella e de cuidar que é outro gallo!...

Ah! Mas nada chega aos estados Unidos! Esse é o beijinho do genero! Um logista mette o seu moço dentro da pelle de um urso, e manda-o distribuir prospectos pelas ruas. Grande correria, gran-

de caçada, apanha d'aqui, agarra d'alli; desata depois tudo a rir em sé d'andô pelo que é—mas está feita a fama!

A camara municipal de Lisboa ultimamente é—quanto pôde ser-se—pichosa com a redacção dos epitafios—mas houve epochas em que era condescendente, e nos nossos cemiterios chegaram a fazer-se annuncios nos tumulos, annuncios disfarçados, é claro, e, por signal, mal disfarçados, á maneira d'este: —«Aqui jaz fulano que fazia fundas na rua d' tal; mandou-lhe erguer este mausoléu sua esposa, que continua com o estabelecimento».

A imprensa pôde ainda muito entre nós, apesar das diligencias que parece ter feito para que não se deixem levar por ella. É a trombeta por excellencia! É o primeiro poder! É a grande voz! Vão dizer-me que sae caro fazer-se conhecido pagando o pregão? Historia! Os annuncios em Portugal são baratissimos. Chega até a parecer incrível que haja alguém que resista ao prazer de vêr o seu nome em letra redonda com um ou dois adjectivos agradaveis, —tanto mais agradaveis que pôde qualquer escolhê-los ao seu gosto para se presentear! Sempre patriotas, não gostamos dos vastos *reclames*, nem queremos o *puff* inglez a assoprar mentiras. O annuncio em Portugal é singelo, sincero, e sístudo, quer chegar a braza á sua sardinha, sem enganar, sem ser atrevido nem zombeteiro: é um portuguez bom homem!

Ó annuncio! Ó vida das sociedades! Ó tu que vales mais do que a paixão e do que o estylo! Tu que és rapido, variado, axiomatico,—toda a gente precisa de ti!...—Se ha leitura entretida e scintillante, é a da quarta pagina dos jornaes, e se ha livro necessario á vida e curioso ao espirito —é nem mais nem menos do que esse almanach, unica obra que dura um anno sempre fresca e boa. Um anno —em Portugal, que gasta n'um mez a respeito de qualquer assumpto todas as polemicas, todas as iras da contradicção e todos os louvores! Á propria comedia politica, bem sabem, e sempre é a que entretem mais a nossa gente, succede o mesmo que ás de D. Maria ou da Trindade:—em quanto a peça é nova não se falla senão d'isso, em estando vista vão-se as attenções para outra... O que todos nós, portuguezes, gostamos de brôas,—por exemplo!—e todavia por sermos dotados de temperamento mobil, inconstante, ávido de novidade, não nos fazem brôas senão pelo Natal: aliás nunca mais as queriamos. Assim é com os livros: durar um anno sempre fresco, só este almanach dos almanachs!...

O segredo do annuncio é a insistencia. Teimar, teimar, metter-se pelos olhos, apparecer sempre, todos os dias, a toda a hora. A opinião, trate-se do que se tratar, em teimando com ella acaba por ceder. O annuncio vae pingando, vae pingando e acaba por furar. É a agua mole em pedra dura... Ha muitos annos, na rua do Ouro, havia um boticario

a quem dois pequenos, que por ali andavam todas as tardes brincando, foram cantar á porta imitando uma cantilena em que o haviam surprehendido na diligencia de acertar com o coro subterraneo do *Roberto do Diabo*:

— Ó Roberto, ó Roberto, ó Roberto, pim pim!

Á primeira vez ninguem deu por isso; á segunda o boticario sacudiu-os; á terceira o visinho enxotou-os; á quarta os gallegos da esquina chegaram-se para vêr; á quinta juntou-se povo; á sexta appareceu a policia; á setima foram para lá patrulhas de cavallaria. A cidade principiou a não fallar n'outra coisa; e os dois pequenos iam cantando ora de perto ora de longe;

— Ó Roberto, ó Roberto, ó Roberto, pim pim!

O mesmo é para o annuncio. Teimar, teimar:— eis o segredo da publicidade. No annuncio não ha periphrases nem palavrório inutil. Obedece a tres condições, ser claro, moral, e constante. Já toda a gente o usa, já toda a gente o quer, já não se pôde passar sem elle. Abençoam-o até os namorados; protege o commercio e o coração; os negocios e os affectos; a bolsa e a vida; o corpo e a alma.

Annunciae! Annunciae!...

JOSÉ DO TELHADO

Filho de bandido e bandido eu proprio...—poderia elle dizer com a jaçtancia de quem sustenta o nome dos seus. Familia de salteadores! O avô, era um tal Sodiano, que tomou durante annos o Marão á sua conta: de Marão, *marau*; o pae, commandava uma guerrilha; o irmão, Joaquim, saía á estrada.

José Teixeira—nome d'elle—é pouco; José do Telhado é tudo. Quando passou do appellido para esta alcunha, apanhou a celebridade; tinha visto muita coisa, cuidava ter estudado a vida e aprendido a conhecer os homens, julgava saber tudo. Pertencia de alguma maneira, ao mesmo tempo, ao mundo da gente de bem—e ao da outra gente. Havia tido praça no regimento de lanceiros da rainha, e tomára parte na acção de Ruivães; em 1837 dera

baixa depois da convenção de Chaves; servira a junta em 46, praticára alguns rasgos de dedicação, recolhera-se á vida quieta da familia,—e pedira um emprego.

Os empregos, porém, nem sempre chegam logo que uma pessoa os pede; é o defeito que teem:—que no mais são bons. Elle estava informado provavelmente de que todos os portuguezes são empregados publicos, e estranhou não o ser de um dia para o outro. Vão dizer-me que podia trabalhar? Podia, bem sei: quem quizer deverás, sempre acha onde ganhe; mas, trabalhar muito, ganhar pouco... Fraca seducção! Trabucar como um negro para comer carne cosida ao jantar e maxucar o pão no toicinho; que encanto! Lidar a vida, luctar com difficuldade para a suster—tudo para não juntar nunca em liga generosa saude e algum vintem, e antes ter—ainda em cima—que achar-se alguma vez a braços com agiotas, que são ainda menos delicados que os devedores, porque estes limitam-se simplesmente a não pagarem a quantia que devem, upada ás vezes de jurqs de fazerem estoirar a pelle—ao passo que aquelles, Deus nos defenda, vêem na divida uma habilitação para sacar alem da somma toda a especie de proventos: mettem-se em casa do pobre diabo, tomam-lhe o chá, comem-lhe o jantar, fumam-lhe os charutos, espojam-se-lhe nos moveis, interpõem a sua agencia para compor os negocios d'elle, devorando-lhe os lucros e deixando-lhe as per-

das, abafam-o com recibos e declarações na perspectiva medonha de fiel depositario, gritam-se usurariamente para lhe apanharem a ultima libra que o homem tiver para o resto do mez... José do Telhado defendeu-se d'isso; tirar lucros desarraçados, não é decoroso; salteador por salteador, lá estava elle, — e achou que seria perdoavel a deliberação de se deitar ás bolsas alheias, attentas as circumstancias em que se achava de não ter com que encher a sua!

De mais a mais, elle não era um pobretão de Lisboa; ser pobre na cidade, ou no casal de Cahi-de — faz differença. Em Lisboa, ha até puritanos que tæem um modo seu de entender a boa phylantropia, — que é o de fazerem tudo em beneficio de quem o não mereça, protegendo os vadios, tendo grande commiseração pelos aldrubios, e dando sempre uma prata miuda aos bebedos. Visto ser natural toda a gente repellir esses e attender unicamente aos bons, — deixam que estes vão remando contra a maré do destino, e preferem reservar para os maus o seu carinho! São systemas! — Chega a parecer ás vezes que a maior culpa... é não ter nenhuma!...

Por isso elle, mesmo lá no seu casal, entendeu logo que ir ganhar a vida modesta e humildemente havia de ser, como se diz familiarmente, uma massada. Levantar-se todos os dias antes de romper a manhã; — ir á chuva e ao frio, a bafejar os dedos,

com o vento a pegar-lhe o fato ás pernas, á luz da lua que vae já fugindo... Trabalhar do nascer do sol ás ave-marias, pagar o pão com o suor do rosto — que é o sangue d'est'outros soldados, que acampam nas officinas, nos estaleiros; voltar á noite, moido, derreado, e dar á mulher — dizem que a d'elle era bem formosa — o beijo leal de quem quer bem...

Diacho!

Ninguem é obrigado a ser santo!

O anno ia frio de mais a mais; noites de inverno negrissimas; as estradas em poças, a chuva sempre a cair, a cair...

Passavam ao longe as sombras dos viandantes, dardejavam por entre a noite as lanternas das diligencias; as raras casas de venda, nos caminhos, fechadas todas... Estava mesmo tudo como que a pedir ir de salto ás estradas e ás povoações.

Os conselhos do irmão e dos amigos não tinham outro empenho senão chamal-o á malta. Se houvesse sido ajudado talvez preferisse o trilho da honra, accetando, como acontece a dois terços da humanidade, um salario qualquer em troca do tempo e do trabalho; mas estava crivado de dividas, e parece que até, de acinte para o opprimir, tratavam alguns de o agastar e emperrar por vinganças da politica. Homens d'aquella raça d'elle, pouco costumados a vencer as paixões, são mas que outrem sujeitos á fraquezas; o combate do exercicio corporeo, rustico ou mechanico — com a preguiça e com

as tentações, é dos mais sérios; o homem vergou.

Poz a espingarda ao hombro e de bando com a quadrilha do irmão largou a saltar caprichosamente na Macieira, em Felgueiras, em Carrapatelo, em Zezere, tornando-se em terror das povoações, animado pelo medo geral, sem que ninguém ousasse pôr-lhe mão. Foi diabolico, a poder de destemido. O que podia succeder-lhe de peor? Diffamar-se, perder a honra? Onde ia ella já! Morrer, matarem-o? Não lhe parecia facil. Andava com todo o seu socego, embuscava-se nas moutas quando o procuravam nos picos, nas quebradas, no boqueirões, ia para o meio dos trigos quando o procuravam nas moutas, ora mais longe, ora mais alto, ora mais baixo, escarnecendo das pesquisas com o escapar-se sempre.

Vivia ás vezes nos pinhaes, no meio dos seus — raça meia selvagem, gente que mal conhece o pão, que passa a vida quando muito em choupanas sem janella, entrando o dia e saindo o fumo por um buraco; ou n'um pardieiro isolado nos campos, ruínas sem tecto e sem abrigo: alguns com filhos, creados no abandono, sem mãe, correndo por ali de noite como machitos á solta, enquanto os paes andam a sair á estrada, ou indo cortar troncos ás arvores e apanhar lenha... Existencia muda, animal, phantastica, cheia de casps e de lendas. Os pinhaes, conforme o tempo que faz e as horas que são do dia ou da noite, assim teem um ar alegre ou de amea-

ça... Nas semanas de chuva faz medo vel-os, lustidios, tristes, a pingarem, e com o que quer que seja de hostil, accusador... Nos barrancos, nas choupanas, nas tocas, em que se acoita a malta, um horror; os pinheiros fazem bulha como se estivessem a fallar uns com os outros:—de vez em quando, lá se alegra tudo e sorri; o pinhal então parece uma noiva, quando o sol, obliquo pela manhãzinha, lhe vibra flechas e o corôa de diamantes!

De outras occasiões vivia nas serras por uns tempos,—até se enfadar da solidão, da vida sem familia, sem novidades, por altos e baixos, caminhos de cabras, desertos sem convivencia e sem fallas;—depois, em lhe dando na cabeça aventurava-se a dar o seu giro, um passeio qualquer, bem perigoso. De uma vez por bravata foi beber vinho a uma aldeia em Villa Mean; esteve no meio do povo, deu-lhe tempo de se agrupar para o prender, ainda lhe ouviu a voz de «agarra, agarra!» e, quando entendeu que não era mau despedir-se, montou n'uma besta que nem era sua, e abalou de corrida! De outra vez, na Lixa, depois de haver cortado as guellas com uma tesoura a outro ladrão,—outro José, um *altro* Scipione, o celebrado José pequeno—, chegou-se a um ajuntamento e disse aos do rancho muito fresco:

—Vocês sabem quem o matou?

A turba ia para atirar-se a elle:

—Quem o matou—fui eu!

Em seguida, —ala! —como se lá diz. Correram-lhe ás botas.

Um dia cae a casa. Depois de centos de tropelias, e de haver feito uma viajata — não sei se de instrucção — ou de recreio — até o Brazil, de onde voltou á pressa: é de crer que não fosse pelo muito bem que lá lhe queriam; —caiu no laço como tambem succede aos lobos. Dera parte dos seus projectos a um amigo, companheiro das façanhas, invejoso da triste gloria d'elle, da sua funesta nomeada, da auctoridade que conseguira ter sobre os outros; —o amigo foi-o confessando, deu-lhe optimos conselhos, abraçou-o com os extremos naturaes em peitos tão sensiveis, —e foi denunciá-lo.

O nosso homem estava resolvido a mudar de vida, —como acontece a todos quando são presos; mas não lhe deram tempo para isso e foramprehendel-o a bordo da nau *Oliveira*, escondido no meio de um monte —sempre montes; mas, d'esta vez, um monte... de bolachas, na dispensa!

Imagine-se a contrariedade d'aquelle heroe da ser-
ra, quando viu a policia desante de si e sem poder fugir-lhe! Boa vontade teria elle de lhe dizer até como Arlequim — «Tirem-me a cabeça, mas deixem-me ir embora!» Pelos modos, pensou seu tempo antes de se resolver a pôr-se em pé. Em que pousou? —Na sorte talvez, já que tão má elle fizera a sua; na fatalidade de não haver querido entender que a pobreza honrada é mais digna mil vezes e

mais feliz do que a riqueza com inquietações, riqueza pobre do que sempre lhe falta, pobre do mais que quizerá ter, ávida do que desejára ser; e farta só de velleza e de cuidados. Pensou provavelmente que não iam agora servir-lhe para nada as saccas de dinheiro do assalto de Carrápatelo; ou o famoso saque ao padre Albino, e que o dinheiro não é tal o que muitos querem dizer que seja, poder absoluto, superior a todos, invencível, impecável; é isso uma immoralidade, e além de uma immoralidade—uma tolice. Não se arranja á força de dinheiro memoria honrada, e, mesmo em vida, ao tempo em que as exterioridades possam ainda doirar as coisas, não se compra com elle senão o que menos vale; é essa por alguma maneira a desforra e a immorredoura consolação que Deus deve á virtude, aos bons sentimentos, á probidade, a tudo que for sublime e que ninguem póde comprar porque ninguem o póde vender!

Parece que passou inclemencias durante os tempos da prisão. Bravio, costumado a dominar pelo terror, homem da liberdade extrema, suffocou ao encontrar-se na morada escura da desgraça, ao sentir o frio, o abandono, a necessidade, a solidão povoada de crimes e de sombras, da vida da cadeia. Havia sido terrível, audacioso, sagaz; de nada ali lhe prestava a força e a manha; teve ainda ali bons rasgos, ajudou alguns presos, soccorreu os mais pobres, deu-lhes o que tinha n'uma caridade aliás mal

entendida — porque devera antes reservá-lo para os filhos; o resultado foi pagarem-lhe como quem eram, logo que elle chegou a não ter real de seu. Era de esperar; os homens nasceram para se ajudarem uns aos outros, mas isso não quer dizer que os *outros* hajam nascido para ajudar os *uns*! Chegou a não ter dinheiro para cigarros, — o que foi talvez de todos os castigos do destino o que pareceria mais acerbo áquelle homem, que andára sempre, como elles dizem — *a monte*, fumando o seu cigarro ao ar livre das serras!

Condemnado a degredo perpetuo com trabalhos publicos, perdido, a ir já para velho, morto pela idade e pela desgraça, lá vae todavia resistindo ainda no degredo. Deve em taes condições a vida estar-lhe sendo uma condemnação pesada. Paciencia: os desgraçados vivem mais tempo, — são quasi como os crédores, que esses não morrem nunca!...



O GALLO

A boa harmonia, a santa paz do lar em que ella tem vivido sempre côm seu marido, quasi não se chega a poder contal-o bem.

Elle é *boa pessoa*, com o seu tanto de original: importante, tossindo alto, não podendo aturar vento nem chuva, nem calores grandes, nem grande frio, nem creanças á mesa; affigurando-se-lhe a vida como um jardim de recreio, luz d'aqui, sombra d'ali, boa perspectiva, diversas aves—menos papagaios, e por cima o ceu quieto e azul, que a gente para ahí tem; bem parecido, ainda frescalhote, suissa preta de mais—um pouquinho menos preta ficaria magnifica, mas a tinta que elle lhe dá desconfi que não é da fina!—vivendo á farta, e tendo conseguido a poder de seriedade e de carinhos que

sua esposa fosse até á data d'este entrudo a creatura mais feliz da freguezia a que pertencem.

Pareceu perturbal-o nos ultimos tempos a vista d'essas loiras allemãs, que vieram na companhia da Katty Lanner incendiar os corações do Chiado na chamma dos seus cabellos. Elle nunca tinha visto loiras propriamente ditas, como estas. E que variedade! Que variedade!... Loiras amarellas, loiras vermelhas, loiras cor de laranja, loiras côr de rosa; luminosas, austraes, açafroadas, ondejantes, côr de todos os ouros, ouros machos e femeas que a Asia emprega na maravilhosa ourivesaria destinada aos deuses!...

Quando passava na rua do Ouro, parava diante da loja Hauteville a olhar para os retratos, recreando-se em vêr o sol fazer festas áquelles bonitos cabellos mythologicos; mas parecia não levar mais longe a sua admiração — com medo de as assustar, porque o ouro vivo deve ser tão medroso como o ouro moeda, e esconder-se tal qual como este..... em havendo panico!

Em todo o caso, desde o reinado da dança, Her-mogenes da Motta — é o seu nome — annueára um pouco o horisonte conjugal, principiando a ir a S. Carlos de luva peito de rôla!

Na semana passada o dia de entrudo a chegar, e sua esposa a receber uma carta anonyma dizendo-lhe que o marido lhe armaria uma peta para poder ir n'essa noite ao baile de mascaras de S. Gar-

los, vestido de gallo: que fosse ella espreital-o, se queria saber o mais.

Vestido de gallo!

Ó dôres!...

Depois de meditar, D. Constança — chama-se assim a esposa de Hermogenes — entendeu que o melhor de tudo era averiguar a verdade dos factos.

Elle, mal que chegou a casa, foi como se estas palavras lhe viessem já a bailar nos labios:

— Vê que massada! Tenho de ir esta noite ao tal club do meu partido, para fins politicos! Ora, senhores, nem em terça feira gorda pôde um eleitor estar sócgado! Vae passar a noite, se quizeres, a casa das Alves, e á volta deita-te sem esperares por mim, — porque talvez que aquella sécca deite ao tarde!

D. Constança respondeu apenas:

— Que lhe hás de fazer?! É teres paciencia.

O jubilo em que elle ficou, talvez, no seu interior — não poderia descrever-se; e d'ahi quem sabe se não ficou tal, e senão tinha de quê?

Conversaram de outras coisas, estiveram á janella, depois a esposa pegou como que distrahidamente n'um livro, leu, fechou-o, mettu-o na estante e disse:

— Estive a ler n'esse livro uma descripção de combaté de gallos. Já viste combates de gallos alguma vez?

— Não. Mas um amigo meu, o Alvarenga, já viu.

—É bonito?

—É. Deve ser bonito.

—São gallos d'estes que ha por ahí?

—D'estes e d'outros.

—Ah! Ha d'outros?

E olhava para elle fixamente, prescrutadoramente:

—Pois não ha! Ha os originarios da Cochinchina; os guémmas, que são o ideal do gallo, da mesma maneira que o ideal do cavallo é o arabe; o gallo preto faisão; os de Porto Rico; os da Barbada, *et cetera!*

—Tens estudado muito os gallos?! retrucou D. Constança, observando-o sempre.

—É o Alvarenga que me tem contado isto. Tem viajado muito!

Podia ser.

De mais a mais a physionomia d'elle não ajudava suspeitas. É verdade que é esperto, já não é creança, e ha um proverbio inglez que diz: «Ninguem leva a melhor a um macaco em fazer caretas.» Mas, enfim, podia ser!

À noite, logo que elle saiu, D. Constança mandou pela criada alugar dois dominós, e ambas chegaram ao theatro de S. Carlos momentos depois de principiar o baile, caindo de mergulho no meio da turba, que as foi levando do largo ao salão de entrada, do salão de entrada aos corredores, dos corredores ao salão de cima, do salão de cima ao bote-

quim, do botequim ás escadas, das escadas á sala do baile...

Ella olhava para tudo, até para as bandejas dos bollos, a ver se avistava um gallo. Andava aturrida. As luzes, a musica, os guinchos dos mascarados, estonteavam-a. Perdeu-se da criada, logo á segunda volta, no meio d'aquelle pandemonio. Á roda d'ella gritava o Carnaval, saltando, pulando, *engrogando-se*. *Evohe!* Redemoinhava a bacchanal nos seus aneis de braças; rompia a quadrilha infernal, soavam os clarins, vagavam com ar fatal dominós pretos, dominós claros, deitando-lhe pelos buraquinhos da caraça relampagos de mau olhado e parecendo darem-lhe, como diz o outro, o trango-mango; a sala pulava agitada por correntes doidas, como uma senhora epiletica ao dar-lhe o accidente; o *cancan* assoava com o pé o nariz da dança macábra; estava tudo a arder,—até os bombeiros!...

Perguntaram-lhe n'um rancho, movidos de interesse pelo modo de inquietação em que a viam—se tinha perdido alguma creança.

—Nada. É meu marido. Viram passar por aqui um gallo?

—Não vimos!

Foi uma rizota. Diziam uns para os outros:

—Viste o marido?

—Viste passar um gallo?

Até os graves mironês, sentados de cadeira em roda da sala, repimpados docemente, largaram a

rir, a rir, muito satisfeitos, uns magrinhos, outros gordos, barrigudos, upados, calvos como castões de marfim, Cupidos invalidos, balanceando ao som da musica uma triste perna em que anda a gotta como um edital de entrudo—de que não se faz caso.

Ella já estava cansada e sentia a cabeça andar-lhe á roda, espavorida d'aquella balburdia, d'aquelles mosqueteiros de camisa de chita, d'aquelles palhaços enfarinhados, dos macacos a darem ao rabo, dos trompas a amotinarem-lhe os ouvidos, ao ponto que chegava a parecer-lhe ás vezes que os macacos é que tocavam e que os musicos davam cambalhotas!

A turba ia-a levando sempre, aos tropeções, da sala ás escadas, das escadas aos corredores, dos corredores ao salão. E nada de gallo! Andara um pelas ruas durante o entrudo, mas de dia:—e esse bem sabia ella que não era o seu marido; alli, á noite, em S. Carlos, no baile, não avistava de gallo nem a crista...

Rompeu conforme poudes aquella enorme procissão, que girava compassada como as series de Hogarth e sombria como os pesadelos de Goya, e achou-se emfim na rua.

A noite estava fria.

Atravessou o Chiado sem encontrar sege, a tremer de medo, mal podendo arrastar-se, arrependida e aterrada, do que havia feito. Parecia-lhe cair de bruços, no impossivel. Contendiam com ella os

que passavam, e o olhar que lhe vagava de transeunte em transeunte dizia-lhe de alguma fôrma que toda aquella gente a observava com vivo sentimento de reprovação.

Não lhe deu a sorte encontrar uma unica sege vazia. Parava ás vezes, encostava-se ás portas para respirar. Quando avistou o predio em que morava, benzeu-se e agradeceu a Deus. A criada, que havia ido para casa logo que se achara perdida no baile, esperava-a anciosa á janella.

— Já cá está o senhor! gritou-lhe de cima.

— Já!... exclamou ella.

— Ha que tempos! Está deitado.

Subiu tremula, despiu o dominó rasgando-o, entrou no quarto pé ante pé; o marido dormia.

Contemplou-o, envergonhada e pesarosa, Elle nem parecia fatigado, nem estava com ares de sonhar e de ter visões através do sonho. Parecia mergulhado no repouso ridente e suave a que, innocentemente talvez, se chama o somno da innocencia. Descançava a cabeça n'um braço, entreabria a boca, e voltava-lhe nos beiços um sopro leve como o da respiração do justo. A cama era de fôrma antiga, larga e alta. A luz de uma lamparina allumiava frouxamente a alcova. Ouviam-se os rumores da rua, o rodar dos trens, os guinchos desentoados dos mascarás....

Passou-lhe a ella pela idéa como n'um sonho, toda a sua vida, os dias felizes e as horas mal em-

pregadas d'esta noite. Olhava para o marido adormecido sem saber se estava a ver um drama, se uma ecloga. Punha-se de ouvido á escuta na idéa de que elle fallasse em louras, em bellezas, em bailes, em mascarar... Qual! Parecia entregue a um somno de bom homem, somno sem sonhos. Como que ouvia de vez em quando as differentes tonadilhas do galo; o

cócorócó

quebrado, do galo velho; o

cócorócó

vibrante do galo na flor da idade: o

KIKIRIKI

esganiçado, do galo pequeno;—de outras vezes parecia-lhe que não era caro, pela noite de angustias que passara, o espectáculo d'aquelle dormir ingenuo; e que a carta anonyma haveria sido uma calúnia, uma miseravel astucia inventada para a inquietar—como são quasi sempre as cartas anonymas.

Acordou-o com o olhar. O olhar das pessoas é de differentes feitios, mole, firme, attrahente, direito, curvo, redondo, ou agudo; o d'ella era agudo como um punhal.

—Olé! resmungou elle, espreguiçando-se.

—Já vieste... ha muito tempo? balbuciou a esposa.

—Ha bocado.

—Então..., não foste?

—Fui. Mas não me demorei. Não havia quasi ninguem. Ajustámos umas coisas. É caso importante. Combinações ministeriaes. A ver se arranjamos homens novos!... E tu, foste ás Alves?

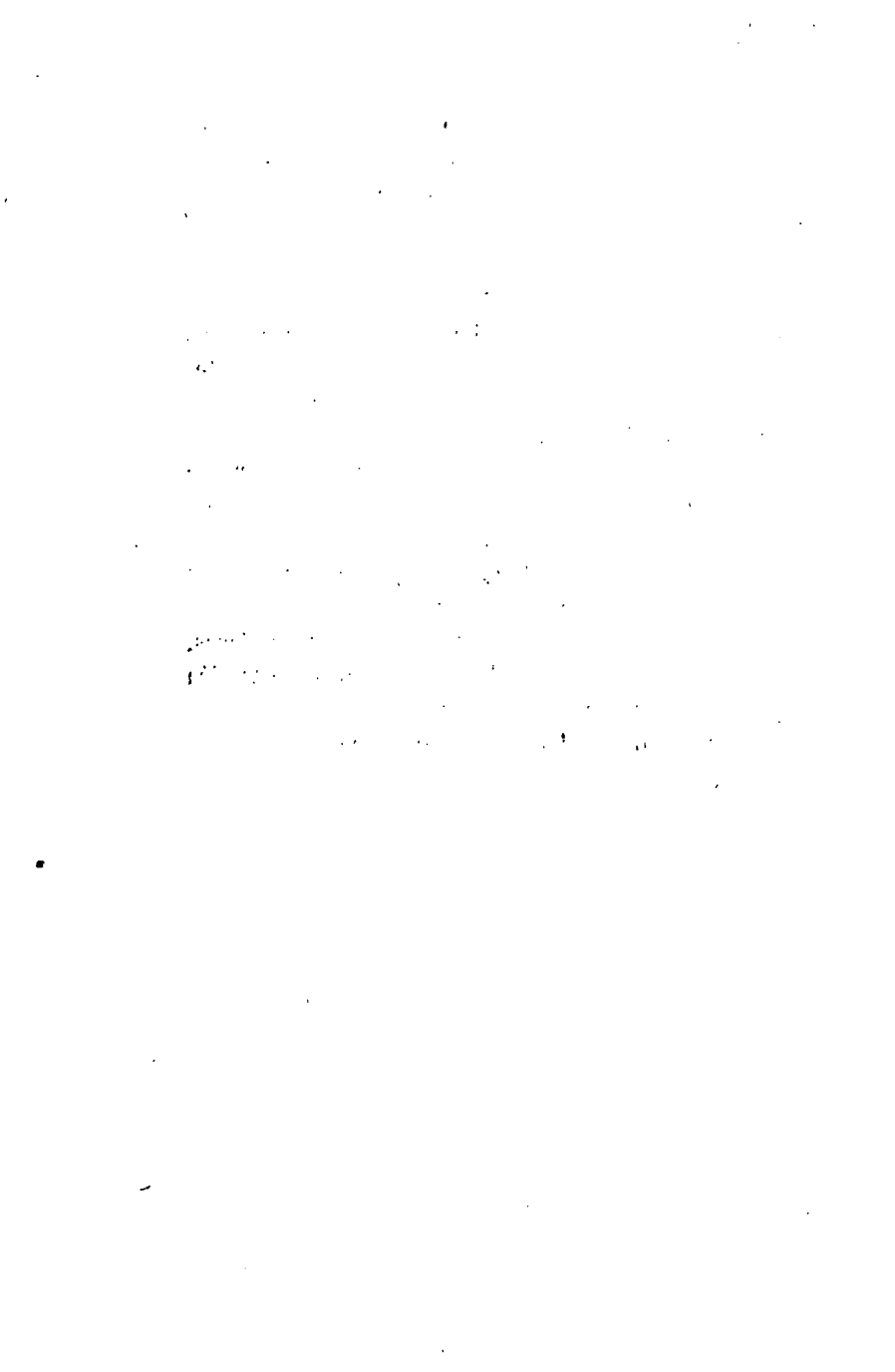
Ficou perplexa, como que criminosa, sem se atrever a fallar, olhando vagamente para a parede.

—Amanhã te contarei...

—Pois sim; é melhor; toca a dormir; é tarde, e amanhã preciso levantar-me cedo!

Ella sentiu duas lagrimas cairem-lhe pelas faces, e debalde tentou enxugar-as a alternativa d'esta idéa que toda a noite revolveu em si:

—Seria o gallo! Não seria o gallo?



O VAREJO DA AZEITONA

Chegou a ultima colheita do anno. As mesmas jornaleiras que foram dos favaes para os trigos, e dos trigos para as vinhas, mettem-se agora nos campos de oliveiras, guiadas por um saloio, que não se previniu para aquillo com outro instrumento de trabalho senão uma vara de salgueiro ao hombro.

Vão cantando. Algumas levam, agitando-a no ar como um pandeiro, a joeira larga a que chamam a siranda.

Ô siranda, ô sirandinha
Ora toca a sirandar
No tempo da azeitona
Anda a siranda no ar.

Já se despede o outomno. Estão os caminhos cobertos de folhas seccas. Acordam os ecos da es-

trada as gargalhadas da raparigada da aldeia, contente pela folia do varejo e pelo que quer que seja de mysterio dos olivaeis.

O rapaz vae adiante, saltando alegre, pernada aqui, pernada lá. Mettem-o á bulha as moças pela pressa que elle leva, e dizem lhe á surriada que a namorada d'elle, a Theresinha, lhe custa a segui-lo apesar de ir á frente do rancho e tão perto do varejeiro que elle vê-se obrigado a voltar a vara para o outro lado para não lhe fazer mal sem querer. Elle não dá outra resposta a isso, senão olhar fixo para a conversada. Forte rapaz! O semblante altivo e serio d'elle está mesmo dizendo ternura viril, da que só se dá no campo, ao sol e á chuva. Amores na sessão, amores fortes e claros como a primavera!

Lá pára; lá encosta a vara a um ramo velho, para indicar a arvore que vae despojar dos fructos; oliveira gigantesca, que tem menos folhas que azeitonas, e que, em o anno sendo bom, dá dez sestos ella só!

Erguem-se as vistas todas para a cabeça enorme da oliveira, que os troncos aguentam como um edificio. A rama escura que o sol do outomno não pôde já dourar, assusta os passaros; correm de um lado e do outro os gaios á procura da azeitona, amotinando os mochos que vão para lá esconder-se da claridade do dia, e que nas noites agrestes fazem alli morada. É a mais bonita arvore do olival, conhece-a toda a gente do sitio, conhecem-a ao lon-

ge, conhecem-a pelo seu nome como se fôra uma creatura.

O mancebo despe a jaleca, tira os sapatos, ata um lenço na cabeça, finca-se com os dedos e com os artelhos á casca rugosa da arvore, e trepa como um cabrito.

Vae subindo de ramo em ramo, ficando a vara com os dentes, e perde-se na folhagem, alvejando aqui e alli entre ella.

Quando está no topo e lhe passa meio corpo acima dos ultimos ramos, exclama que nunca houve tanta azeitona e que os cabazes e os cestos não podem bastar.

Depois, toma a respiração antes de principiar o trabalho, saboreando o ar nas alturas.

E paira, d'aquelle ponto culminante, sobre o olival, que lhe fica debaixo dos olhos. Voam-lhe aos pés os passarinhos, brilham os riachos, e os horizontes servem de moldura ao quadro d'aquelle esbelto moço, suspenso na folhagem entre a terra e o céu e revendo-se nos campos onde foi creado.

Vae acompanhando com a vista os caminhos; a cabana em que mora, e a casa branca da namorada, que pela distancia parecem estar juntas. Ao longe as vellas dos moinhos, e no céu azul um bando de estorninhos dispostos na ordem de marcha em que Deus mesmo os manda.

Depois de passar um pouco de tempo a possuir com os olhos todo aquelle espaço, foi-se á obra, se-

gurou ás mãos ambas o ramo mais carregado e abanou-o como se lá diz *á mesm'alma*.

Caiu uma saraiva de azeitonas em cima das raparigas, agachadas, lidando, e gritando de cada vez que ellas lhe caíam na cara.

Perfeitamente maduras, as azeitonas separam-se do ramo por qualquer balanço e cobrem todo o chão. Caem as folhas com os fructos á proporção que o varejeiro flagella com a vara, ora um, ora o outro, os troncos carregadinhos.

Já durava aquella lida havia uma hora e ia tudo que nem em rosas, quando se ouviu um estalo e quebrou o ramo em que o moço se sustinha de pé. Desaba o coitado aos tombos, apegando-se aos troncos, que o augumentam um momento e d'alli a nada quebram-se. Segura-se a outro ramo, larga-o mal pressente que vae partir-se, deita mão de outro mais rijo e fica suspenso no espaço, pelas mãos, entre a vida e a morte.

A raparigada corta o ar com os ais.

— Ó raparigas, ainda estou muito alto? pergunta o moço.

— Estás, sim, respondem todas.

— Então, posso esperar. Cortem feno, junco e palha carga, e encammem isso tudo por baixo de mim.

— A gente não tem fouce nem navalhas!

— Faz-se uma cama com a nossa roupa! grita a mais esperta do rancho.

E, de repente, tiram á pressa as roupinhas, as saias de baeta e de castorina, os lenços da cabeça e do pescoço, e fazem um montão com isso tudo aos pés do varejeiro, que se deixa cair n'aquella caminha fofa e se levanta logo sem ter mal algum, no meio das raparigas de cabellos soltos, braços e perna á mostra, passando de assustadas a envergonhadas e procurando todas ao mesmo tempo a roupa para se cobrirem.

Tão depressa a Theresinha, que desmaiára, voltou a si, foi-se ao noivo, arranhou-o, e bateu-lhe, para o castigar do mal que lhe causára. Por mais que o pobre rapaz jurasse que não se dera o caso por culpa sua, e que só cahira da arvore por não poder deixar de ser,—a namorada, que não era para graças, usou largamente dos seus direitos sobre elle, e tratou-o com tanta mais aspereza que as taes invectivas, ali no meio das outras moças, eram provas do amor que lhe tinha.



O IMPERADOR DO BRAZIL EM LISBOA

Agora é que se viu o quanto é difficil ser rei. Não pôde um homem d'esses dar um passo sem incorrer logo em mil apreciações desencontradas. Se se diverte, é porque não tem que fazer; se não se diverte, é bisonho; se gosta de figurar, quer esmagar o povo; se não figura, é avarento ou hypocrita; se passa n'um grande coche, é para o que a gente paga decimas; se vae a pé, está a dar cabo da realza!...

Uma das manias de muita gente foi querer que o imperador do Brazil vivesse ao gosto d'elles, e não conforme elle queria. Não gostava de visitas, mettiam-se-lhe em casa; não queria presentes, levavam-lhe dadas; não gostava de obsequios, tocavam-lhe o hymno.

A idéa de um imperador não fazer ostentação de

grandezas inquietava muitos—justamente porque, apesar de não serem imperadores, fazem ostentação de qualquer cousa, e não querem prescindir de um pedestalsinho de algibeira onde trepem para se verem ao espelho e acharem-se senão sublimes pelo menos superiores a tudo e a todos! Como hão de esses, que desejariam ter como o consul antigo um flautista permanente a lisonjeal-os a tanto por dia cantando seus louvores, a tal ponto não podem passar sem o alardo e a jactancia de benemeritos da patria,—como hão de, n'um tempo em que até fugiram os extasis e as illusões de Cherubim, e em que nem já as creanças são modestas, tempo dos vangloriosos e dos blasonadores, em que ninguém se sujeita a conservar-se no seu lugar e contribuir com quinhão obscuro para o bem geral—como hão de poder acceitar um monarcha que passa nas ruas com um chapéu baixo de viajante e a mallinha tradicional na mão, não se lembrando de que tem uma corôa de imperador senão para tornar maior a sua alegria em ir reverenciar—elle senhor, elle grande, elle rei,—a intelligencia, visitando os homens que dão honra ao paiz?!

Queria viver a seu modo e ao seu gosto? Era deixal-o. Gosa toda a gente o direito de ter o genio que tem; porque hão de ser exceptuados d'essa regalia os principes, no que não fôr, já se vê, offender os povos? Ainda ha pouco referiam os jornaes o caso que se deu por occasião do casamento do

principe Ladislau Czartorisky; o principe chegára na vespera da cerimonia a Chantilly, que era, como dizem os saloios, a terra em que ia *receber-se*. Foi direito a uma hospedaria, pediu um quarto, meteu-se na cama, dormiu ou não dormiu, e pela manhã, preparado e envergando o seu sobretudo — os principes estão sendo muito afeiçoados aos sobretudos! — indagou onde ficava o castello em que morava a noiva, fez a sua visita, encontrando-a já a pôr o veu e a corôa de flôr de laranja, e, ao sair de lá sem demora, foi direito para a egreja, sósinho e a pé. Era quasi a hora. Foi entrando até á sacristia; e deu com o prior, que estava já á espera dos noivos. — «Agora não lhe posso fallar, senhor! Procure ahi o sacristão. Que é o que quer?» — «Quero-me casar!» respondeu o principe. — «Casar-se!» — «Sou o principe de Czartorisky.» E o prior, longe de ficar pasmado, engraçou logo com isto.

Deixar ser original quem quizer. Vamos a admittir que o senhor D. Pedro II seja até um pouco excêntrico; — que nos importa a nós? Não ficava cá, de mais a mais; não nos custou um vintem; deu occasião a muito agradaveis festejos, porque lh'os quizeram fazer alguns cavalheiros afeiçoados ao Brazil; accordou a Academia, que não só fez uma sessão, mas d'esta vez teve que fazer uma acta... o que nem sempre talvez lhe terá acontecido; e deixou no animo da sr.^a Maria Vicencia, da Praça da Figueira, a idéa poetica de que a maçã é realmente o fructo

da tentação, porque, depois de haver seduzido Eva, veio seduzir também o imperador do Brazil — que d'aquelle logar levou duas ou tres comsigo!...

Entreteve se e divertiu-se sem incommodar ninguém, e deu occasião ao senhor D. Fernando de vêr nascer a aurora, o que é sempre agradável ao sentimento pittoresco e artistico. Á hora a que se espreguiça o vapor indeciso do crepusculo, quando os vultos principiam a tomar relevo, tudo discreto, silencioso, claridade melancolica que vae a estender-se pelo ceu, alliviando a terra e subindo; quando algum moço meio dormente principia a abrir a loja; quando sae do padejo a primeira fornada; quando recolhem os varredores, graves, profundos, todos vassoira; quando as leiteiras vão para a Praça tomar o seu posto; quando refresca o ar: á hora em que rompe a madrugada, em fim, já o imperador ia por ahi fóra, umas vezes para um lado, outras para o outro, na assombrosa actividade que fazia com que lhe chegasse o tempo para tudo e para o resto.

As noites, nas Necessidades, na Ajuda, em S. Carlos, no Gymnasio, — depois de haver querido por sua escolha ir n'uma noite á Trindade ver Taborda, na outra a D. Maria ver Emilia das Neves. Na Trindade escolheu o *Medico d força*, de certo para prestar homenagem ao grande poeta que traduziu Molière. Essa peça, se não é uma d'aquellas em que Taborda esteja bem todo, por assim dizer, — porque não

se, limitá o seu talento a requitar as palavras de um papel; mas, sobretudo, a realizar maravilhosamente a physionomia do personagem e a configuração exterior — se não o favorece bastante para lhe dar lugar aos prodígios de caracterisação que tantas vezes tem conseguido, offereceu-lhe o ensejo admirável para apreciar-se como um factor feliz para a arte e res-pellido com quem acompanhava peça e a primeira tra-dução do sr. Castilho se quer fazer d'ellas um triumpho exclusivamente seu, como tantas vezes suc-cede ao actores ebrancos que auctor de se impo-rem, compoem, inventando, alterando, os papéis; reduzir a actores a situação idêntica a llos poe-
tas das companhias lyricas d'Italia; o signor poveri, o que quer que seja abando do contrasngia e do en-
saiador. Let's leave it all to the boys and girls —

Applaudiu o imperador vivamente a grata del-
cada d'este artista, Iggea que principalmente reside
na incomparavel habilidade com que diz as coi-
sas, na simplicidade com que dos gestos, e no espi-
rito, sagaz de observação; e uma vez visto Tabor-
da, um actoralista a comedia, quiz ver se tambem
existia em Portugal a tragedia e se era verdadeira-
mente um ser que tivesse nas veias a purpura da
vida e nos labios o sopor ardente da existencia;
n'esto tempo em que ja não podem traduzir-se de-
baixo d'essa forma abstraeas, nem os instinctos...

A Magdala, esquecida durante muito tempo, por haver o próprio Garretts benfiteado a ela nos últi-

mos annos, preferindo para a sua palheta de ouro as cores da escola nova, caíra definitivamente não só por estar fóra dos costumes de hoje, mas por não ter intérpretes sufficientes em Portugal,—quando, ha mezes, a sr.^a Emilia das Neves, actriz rara pelo talento e pelos extraordinarios dotes com que á natureza approuve enriquecê-la, deitou o manto aos hombros e deu um relampago de vida áquella escola trahida e abandonada.

Já em tempos a vira no Rio de Janeiro o senhor D. Pedro II, nos dramas e comedias principaes do seu repertorio; mas, ao saber que esta actriz tinha ainda outra mascara, o imperador escolheu ir ao theatro na noite em que ella a pozesse, para, depois de a ter admirado vecejante, melancolica, risonha, — Thalia; poder vê-la pallida, terrivel, fatal, — Melanomena!

Superiormente instruido nas litteraturas estrangeiras, e não havendo costumado de mais o seu espirito ao movimento romantico e á reproducção talvez mais immediata da vida que se observa nas peças dos francezes, estimou vê-la no *Gladiador del Rottenha*, de Frederico Halm, e pareceu admirar profundamente o talento exceptional com que ella fez reviver um genero e mostrou que as idéas e os sentimentos modernos não haviam ainda quebrado de todo o grande molde antigo!

Já não chegou a tempo o senhor D. Pedro II de poder ver completa a pleiade de estrelas de diver-

sa grandeza e mais ou menos intensa luz que appareceram ha trinta annos no ceu da arte em Portugal, e que brilharão por tanto tempo — encontrando-as, quem erguia a vista, sempre, sempre no primitivo esplendor. Poucos astros têm despontado desde essa epocha no azul sereno de tal ceu, nem devem contar-se alguns que ao atravessarem o horizonte não deixam outro indício senão o de clarões fugitivos, que se apagam depressa. Já até n'esse mesmo palco do theatro normal passou ha annos um sol brilhante e vivo, João Caetano, o primeiro artista brasileiro, a quem o publico recebeu com demonstrações de agrado, que não só foram actos de cortezia, mas de justiça, porque elle revelou no seu talento melhores direitos que os da hospitalidade; tinha de certo incorrecções, mas quem ha que não as tenha, e quem poderia ser mais desculpavel d'ellas do que um actor no seu caso, que só pôde aprender comsigo e inspirar-se pela esplendida magestade da sua America? Assim como elle quiz confirmar sua reputação pelo applauso dos portuguezes, da mesma fórma alguns artistas nossos têm ido ultimamente sancionar ao outro lado do Atlantico a sua gloria; e ha de certo para os brasileiros e para os portuguezes que lucrar com estas visitas, que dão vida á civilização e á arte.

Não teve o senhor D. Pedro II occasião de ver representar alguns artistas portuguezes notaveis, e entre estes o mais notavel hoje, Santos; e mais sin-

gular é ainda que nas peças a que assistiu tire-se de vêr por uma casualidade cunhos dos nossos actores representarem peças de indole muito differente d'aquella em que foram creados: na Trindade, uma comedia de Molière traduzida em versos de Castilho; no theatro de D. Maria uma tragedia allemã vendida para o portuguez litterario de Latino Coelho; nem ao sabor d'aquella comedia, nem ao d'esta obra classica foram educados os artistas dramaticos de Portugal; entretanto o imperador teve occasião de apreciar-lhes os esforços, e testemunhou pelo seu applauso a admiração que inspira o progresso a que têm alcançado, devendo tudo a si, e estando condemnados a aprender no tablado em vez de ensinarem n'elle.

Manifestou em geral o publico de Lisboa sympathia pelo monarcha brasileiro. A hospitalidade, que aos olhos dos antigos e dos povos primitivos mesma era a mais elevada das virtudes, importa um mundo de delicadezas e de attentões; leve-as, porém, mais longe a quem pareça preferir dispensal-as, seria tornar importuna uma idéa social que obedece ao preceito de ser agradavel. Os sabios, e alguns que arremedam sel-o, tiveram occasião de admirar os vastos conhecimentos do senhor D. Pedro II; os artistas mais distinctos e os escriptores mais notaveis de Portugal ficam-lhe devendo as mais honrosas demonstrações de apreço, que um monarcha illustrado pôde dar ao talento; e, — porque não

o diremos? — e até o povo guardará grata lembrança de vêr quanto elle gostava de cabeça de porco com grêlos, prato nacional, prato por excellencia, que è talvez a unica cousa que ha em Portugal propriamente e verdadeiramente nossa, e que nem sequer as listas de casa de pasto poderão intitular «cabeça á imperador», por dever chamar-se-lhe — *cabeça á portugueza!*...

[illegible]

tudo isto para estabelecer, ali, no Campo Grande, onde o chispe com ervas era o rebento da alegria, um *Bois de Boulogne*!...

Um *Bois de Boulogne*! Não commentemos. Seria imprudente demorarmo-nos a pensar n'isto!

Um *Bois de Boulogne* no Campo Grande, um *Bois de Boulogne* na patria! dupla, formidanda ousadia! Não devo ser suspeito n'esta questão; não passo por merencorio, nunca fui da raça parda dos bisonhos, passaros nacionaes de penna escura, sérios por serem fronzidos, puritanos por serem brutos, moscas ensopadas em fel que nunca viram senão de longe, no estado de espectaculo tantalizante, a elegancia, o espirito, o luxo, a formosura, o amor, e passam a vida a gritar contra o amor, contra a formosura, o luxo, a elegancia, o espirito. Nunca declamei contra as odissas brilhantes, e ha muitos annos que, todas as semanas, ao estado na imprensa, me, esta noticia perturbadora, de passarmos a ter de repente um passeio espaçoso e magnifico, destinado a ser o *Paradise* da sociedade portugueza ás tardes de verão, nas chaminés de inverno, para as corridas no subterraneo! Ah! A declamação é genero facil e gasteo, expellente para exercitar estudantes plebiscitarios, que não chega para um caso destes; eoa, indignação, que já tem produzido apasquendo governos distorcidos, só poderia reduzir-se agora á perappração da do proverbio: *O tempo e o amor!* O feitiço do Campo Grande não para a acção! 20 JULHO 1979

De que nos servem, a nós passeios, — se não passamos? Dêem-nos de tempos a tempos um balão no Passeio Publico, e estamos contentes. A camara municipal nutre acima de todas as paixões, a paixão pelo balão; e os portuguezes não respiram bem senão quando o avistam pairando além das nuvens, nas espheras, justamente em que o commum dos mortaes perderiam a respiração! E não ha de estar pouco á camara deixo o subis, sózinho, mas retem a escrúpulo melindroso de que se elle a levasse... ella era capaz de ficar lá por cima da conversação com a infinita!

Pobre feira! Não te bastava haveres perdido a feição característica, que te distinguia e não possues já de visita aquellas honestas familias de burguezes, montadas em typos, burrinhos encomendados da vespera com ancinho, Poco do Borratém! Teimam em matar-te de todo, como se n'este mundo fuisse preciso destruir seja o que fór, e se as coisas não caísem por si mesmas como as pessoas e os sentimentos!

A jornada hoje, ou seja pelo Arco do Cego, ou por S. Sebastião da Pedreira, tem o silencio da solidão e o estilo bucolico de um descampado sem riandantes, sem ruido, sem descantes, sem guitarras... É como que um libretto sem orchestra! O tempo da equestre mes! Era tudo bem diverso, então, e chegando madrugada, fra de pouco e ilfrescam já para dançavam, reschos e ranchos, e vidas de alegria...

o de panno de linho, para os lençoes domésticos, estes bons lençoes em que ainda hoje dormitmos! Conhecer *gente fina* e ter em casa duas arcas de pinho cheias de lençoes, eram duas riquezas da epocha *aldorada* do principio d'este seculo em Portugal.

—É rico, este fulano?

—Não. Mas tem muito bons conhecimentos!

—Ou:

—Que tal é aquelle casamento?

—Magnifico! O pae tem bom passadio, e muita roupa de linho!

Hoje, porém, o lençol está em decadencia; e o briche, que era para os portuguezes como um tio, teve a sorte de todas as nossas coisas — passou de moda. Tudo cae. Ilusões, amizades, estófos, esperanças d'azas partidas. O portuguez pô-de-boi, unico portuguez verdadeiro, com o transformar-se subtilmente na sociedade pelos artificios do progresso, teve de renegar o briche no dia em que a loja do Nenes empreendeu a emancipação do algibebe!

O briche — digamol-o agora — disfructará simplesmente uma estima de convenção. O agradável hunta-se lhe juntou ao util, e nossos paes apenas em pequenos usaram d'elle, mercê da prudencia economica de nossos avós. A gente antiga imitava os gostos como quem imita flores: ha as naturaes e artificiaes; o gosto de nossos avós pelo briche foi natural; mas o de nossos paes foi sempre... artificial! Poucas coisas da nossa terra terão mentido tão

pouco ao nome como este Campo, que verdadeiramente é grande, e em que a alegria popular tocava proporções formidolosas no tempo em que a celebrada função de cada anno trazia a Lisboa a melhor gente das provincias a enfeitar nos ourives e nos quinquilheiros, sequiosa do classico anel de distico:

Uma saudade.

Para o meu amor.

A mais bella.

Só em ti penso.

Márlia.

Etc., etc. etc.

Hoje, tudo ali é ermo e triste. O passageiro que durante o dia se arrisca por aquellas paragens desertas espalha em todas as direcções o olhar cauteloso, e cada ramo de arvore se lhe figura uma carabina... De quando em quando ouve-se ao longe o rodar demorado de um omnibus vazio... Avista-se uma queijadeira aconando insoffrida ao viandante e pedindo-lhe soccorro como os naufragos da fragata *Medusa* na desesperação da jangada... Ouve-se, como a sair da cova de Ophelia no *Hamlet*, a voz fatigada e frouxa de algum feirante que para espalhar maguas vai cantando — e o sagrado das coisas está ás vezes nas trovas populares — com um estribilho que falla em decimas, em reformas e em economias!

A noite, por se saber que o sitio é patrulhado,

apparecem familias dos arrabaldes, sentam-se, em bancos, volantes, defronte das quinquilherias, e conversam, surda e lugubrememente, como se estivessem n'uma hypogeu da Thebas, em quanto sobre o balcão, as bonecas de cera, esperam, debalde, em commissa nos armazinhos de vidno, que venha a passar alguém na feira e as compre...

Lá por traz, na ultima rua, fazem tudo que podem para destacar na rama verde, escuro, das arvores as barracas dos arlequins; um d'elles vestido de vermelho, á luz de um archote, espalha a voz pelos campos, emquanto outro salta e brinca, deslocado admiravel que se torce de cem modos mais impossiveis, mas da que outros, e é capaz de caber, em se encolhendo, como um frango, n'uma empadão, n'alguuma d'aquellas caixinhas de pedra que se vendem na feira com poração de veludo carmezim na tampa e o distico: *É leal, mas coraçã.*

Nos estrados, convidando o povo ausente, um palhaço, em trajo de saloio, outra, vestido de panno de entegão, barrando ao vento a solidão das noites, em quanto por uma nesga do panno de bocca deitam o nariz á espreita as damas da companhia, que não dão decerto á concupiscencia dos olhos de que fallam os divros asceticos, pretexto grave de se exercitar...

Já por alli não ha phenomenos nem maravilhas. Desappareceram os gigantes, parece que as gordas emmagreceram, já não ha phocas nas celhas, os

ros já não fazem habilidades, e aquelle eterno cavallo branco amestrado que girava por lá sempre nos circos, ao ponto de ir dando a entender a gente ser o do Apocalypse e só dever parar no dia do juízo final, parou enfim ao vêr parar a feira!...

Nas tascas, enquanto os arlequins se bamboleiam solitariamente nos trapesios, como aparições fantasticas banhando a cabeça na luz pallida do luar e os pés no clarão vermelho dos archotes,—os taberneiros como phantasmas esverdeados implorando as côres da vida, apregoam com voz asthmatica e em attitude paralytica: *Ierr ierri!* mexilhão graúdo! o mexilhão está cheio!

Está cheio o mexilhão, mas a feira está vasia; e o raro burguez que lá apparece já se dá o tom de soffrer de *spleen*, já não ri, já não abre excepção festiva ao anno inteiro n'esse dia memoravel, já não se permite, á beira de uma isca de porco, com o invencivel barrillinho ao lado, embriagar-se docemente no seio da sua familia!

Elle já não pula, não toca berimbau, não dá piparotes ternamente no nariz da esposa, não compra coxixo aos filhos, se chovisca não cobre o chapau com o lenço d'assoar, e—para dizermos tudo—chega a casa sem o fato rasgado, apesar dos burguezes ao regressar da feira serem como as bandeiras ao voltar da guerra — quanto mais rotas, mais gloriosas!...

Matem-a, matem-a embora, e façam para alli Bois

de Boulogne—ó irrisão!—mas vejam bem que a actitude actual do burguez não indica apenas que está a acabar a feira do Campo Grande—mas que está a acabar o paiz!

O CAFÉ CONCERTO

Em lá se entrando, fica-se logo iracundo, aggressivo, famelico, incendiario, *quærens quem devoret!*...

Cá fóra é-se boa pessoa: lá dentro—um tigre. Caprichos da natureza! Já a historia cita d'estes casos, de homens que ora parecem bons ora maus,—como Tito, o famoso Tito, de quem n'uns livros se refere que considerava perdido todo aquelle dia em que não houvesse feito a felicidade de alguém, e n'outras obras é tratado de *corrupto*, como se diz agora na politica, destruindo Jerusalem como quem destroe o Casino, sacrificando cinco mil gladiadores em dois combates, e matando o pae com veneno! —

Quando o Café Concerto abriu de novo as portas á mocidade, cheguei a quidar que ia ser aquella festa por excellencia! Queixam-se tanto, em Lisboa,

a toda a hora, de não haver mulheres nem amores:—pois ahí estavam sete mulheres; a tres amores por cabeça, fazia vinte e um: já não era mau... para principiar!

Aquelle divertimento não só é de si mesmo aprazível, mas ainda o faz melhor a semceremonia com que pôde cada um beber, fumar, conversar; entre nós achou-se que isto ainda era pouco,—e addicionou-se-lhe o gritar. Ficou delicioso!

São sete francezas e uma hespanhola,—ou um hespanhol; não se percebe bem: creio que é um hespanhol. Chistosissimo provavelmente tudo que ellas cantam, mas no furor do motim ninguem as ouve; a grande musica é a da sala: os espectadores trepam com a vozeria por cima do canto e da orchestra!

De ordinario cada uma d'estas *divas* costuma ter o seu grupo de admiradores e de entusiastas, uns que vão para a frente, bem perto d'ellas,—outros que se juntam de rancho a uma mesa com o seu copo de cerveja ou de genebra, fumando um mau charuto e amando... D'esta vez, porém,—nada d'isso. Um ou outro as contempla, um ou outro para lá vae d'oculo; mas ali o *chic* este adno não é namorar—é miar. Miar em quanto ellas cantam; um modo gracioso e silvestre de lhes dizer:

—Sou eu!...

Algun, por capricho, não quer saber d'isso; e vae dando raminhos de flores para a direita e para a esquerda, á loira e á morena, a todas. Apoiado!

Assim penso eu também. A gostar, é de todas ellas, sem tratar de saber se ellas gostarão de nós; isso é outro caso, e não faz nada; também a sardinha não gosta da gente, e a gente vae comendo n'ella com o mesmo gosto! Fazer a corte a uma cantora só, no Casino, deve ser enfadonho; estar a vel-a de longe sem dizer chus nem bus por entre a algazarra, n'um platonismo lyrico-charivarico... Nada! Esses amores assim, entre outros defeitos, têm o de se prolongarem de mais; e disse-me o porteiro que em geral estas meninas são como os ovos quentes — em estando muito tempo ao lume... endurecem!

Lisboa gostou sempre mais ou menos, e em todas as epochas, de judiar com as festas alegres. Arrasou jovialmente o Tivoli, o Jardim Mithologico, a Floresta Egypcia, que tinham o crime de ser sitios onde pudesse reunir-se a mocidade: com uns poucos de espectaculos variados, — jardins, jogos, bilhar, tiro de pistolla e de carabina, cavallinhos de pau, montanha russa, sala de dança, hotequim, fogo de vistas, bailes de mascaras no entrudo, illuminações a *giorno* na quinta com as arvores enfeitadas de grinaldas scintilantes, um theatrinho, e duas orquestras. Eram diversões agradaveis, animadas, custando barato o entrar lá; entendeu-se que ainda seria melhor dar cabo d'isso, e foi o que se fez para bem da patria e do gosto.

Hoje, porém, parecia de crer que estas cantorinhas do Café Concerto, devessem fazer fanatismo, —

para estarmos de accordo com o espirito da epocha: O genero é frandulage? E o espirito de hoje, não só entrè nós, mas lá por fóra, não é frandulage em tudo, nas letras, na politica, nas artes, na vida? Tempo houve em que os monarchas estrangeiros tinham o maior desvanecimento em receberem na sua côrte os grandes philosophos; Voltaire occupa tanto logar na historia de Frederico o Grande, como os feitos d'armas do exercito da Prussia;—ultimamente porém, quando algum rei tem sentido a necessidade de proteger as letras e as artes, tem mandado a Paris chamar a Thereza—para cantar «*C'est un bel homme, et p'is o'lá tout*». Ora, essa Thereza é nem mais nem menos do que uma cantora do Café Concerto!

Ser grande e agradar—é que é raro, tão raro como desagradar sendo pequeno,—e por isso não se entende que não produzam fanatismo as pequerruxas do Casino, rescostadas no espaldar, procurando quanto podem dar idéa de rosas n'um açafate; dominando aquelle salão comprido, rodeadas das caricaturas dos *stores* que nem sequer representam symbolos lyricos; uma de vestido de gase a fluctuar como clara de ovo batida, outra de côr de rosa, outra de verde; erguendo-se de vez em quando com os ares timidos de quem se faz còrada, e entoando alguma lèria patusca!

Estão tendo por destino entreter a troça nacional. Cantam mal de mais? Não, decerto. Há até duas

que seriam dois milagres lyricos se fossem nascidas da nossa mãe patria. Mas não se é debalde cantora de Café Concerto nem se jura este profano nome em vão; é indispensavel entreter a sociedade; uns porque não têm que fazer, outros porque já estão velhos e fartos da solidão; alguns, moços velhos pelas companhias; estes, que desejam entreter as horas transitorias do jantar á jogatina; aquelles... Toda a gente, emfim; ou antes todos os fastios ambulantes, enigmas da sorte ou do accazo, que pedem como Sardanapalo que se lhes invente um recreio, e *viva, e bis, e bravo, e fóra, e miau! miau! miau!*

Considerando bem, talvez haja n'aquella algazarra um fim philosophico:—animar nem sempre é bom; d'ahi resultam muitas vezes fecundidades que não prestam! Aceitar tudo, tanto é mau na arte como na economia politica. Ha muitas cantoras mediocres, diz o publico provavelmente,—e o melhor é affugental-as. Quem sabe lá se serão vocações que estejam vivendo n'um engano, em vez de irem procurarem o seu verdadeiro rumo?...

De mais a mais, devem passar vida tristissima em Lisboa:—de manhã ensaio, á noite cantoria. Jantares, passeios, ceias alegres—quem vê d'isso! As pobres raparigas, se querem ostras, comem-as sossinhas; e a criada ignora a tal ponto semelhante uso que, se lhe mandam trazer limão para a mesa, apresenta-lhes o mesmo com que limpam as unhas—e ficam as ostras cheirando a sabão!

Ah! Deve haver um fim philosophico em as desanimar! Sempre é por alguma fôrma aconselhar-lhes o voltarem para a sua terra! Ninguem aqui lhes faz mal por querer, mas o paiz ainda não é para estes recreios. Querer teimar, é illudir-se. D. Quixote esgrimia com os moínhos;—peior é esgrimir com os moleiros!

A GIGANTA

Está na moda a gigante!

Todas as tardes affluem ali os curiosos, e todas as noites os namorados.

Para estas coisas, como para quasi todas, a coragem é tudo. Ninguém é attendido, ninguém é bem julgado sequer, senão á força de coragem. Ainda no outro dia se me disse o motivo pelo qual certa senhora principiou a não poder vêr o marido,—o marido que não é melhor, nem peor do que qualquer outro,—do que qualquer outro... marido, principalmente.

—Apanhei-o n'uma; contou 'essa senhora. Andavamos a passeiar no campo, e de cada vez que passavamos perto de um boi, que lá havia, um pouco bravo, tinha elle o cuidado de ir para o lado do muro e fazer-me passar a mim junto dos paus!

Parentes d'estas ha centos de hesitações, que dão logo a um homem ares de fracalhão. Luctar com quem pôde mais,—fazer a côrte a quem está cabido—defender alguém na presença do inimigo—reconhecer, deante dos felizes que vão de sege, os humildes que as rodas do trem salpicam—ir de encontro á corrente da opinião—confessar a uma fidalga com quem se dançou hontem n'um salão, que está-mos morando nos Irmãos Unidos—acceitar ser ministro chamando-se Pardal, para não renegar do appellido dos progenitores—usar ainda este anno um casaquinho de velludo, moda piegas que já passou—ir todas as noites áquella rua por traz de S. Domingos sentar-se defronte da gigante e namoral-a...

Heroismos são, heroismos!...

Ella é realmente grande, e pôde dizer-se formosa. Trepada de poleiro n'um estrado, é uma verdadeira neta de Golias, que a Biblia trata com as maiores atenções—como é devido ás pessoas d'aquelle tamanho. É bem proporcionada, e capaz de ainda crescer mais—porque tem só dezenove annos. As senhoras que vão visital-a, parecem bonecas ao pé d'ella. Augmenta-lhe a vóga de dia para dia, á medida que lá apparecem os pimpões de altura, que por cá temos e que são todos muito mais pequenos do que esta donzellá.—«*Voici, messieurs, la jeune personne annoncée à la porte; j'ai dix neuf ans, la main et le pied très petits, comme vous voyez, et je suis naturelle de Marseille.*»—Tal é o discurso que dirige

a todo o instante ao publico e que os seus admiradores escutam de bocca aberta, por mais que lho oiçam, olhando-a com o ar de pasmo amoroso ou de amor pasmado com que cumpre fazer a cõrte á maior menina que se tem visto desde o diluvio.

Intrepididos, impellidos por uma nobre ambição, os adoradores levam-lhe papeluchos de rebuçados de ovos, tigelinhas de batatada das ilhas, quartos de marmelada das freiras,—toda a qualidade de coisa boa! Ella abaixa a vista com modestia, e sorri-se vagamente...

Parece boa rapariga, e deve sel-o. Quem é gigante, por via de regra, é bom; maus, são os anões. Os anões são tão mausinhos que todos elles são ricos. Desde tempos immemoriaes que esses fagulhas foram sempre senhores de muito bons haveres. Como cabem pelo fundo de uma agulha, lá vão furando sem ninguem dar por elles e enriquecem. Os gigantes, ao contrario, são sempre pobres, e nem sequer lhes é dado—como aos que não são gigantes—pregar calótes... gigantesco!

Depois, um anão ou uma anã são a coisa mais feia que ha no mundo; mais feia que um macaco ou um porco! Preoccupam a gente, affligem, offendem, vexam! Dos gigantes, que são sempre melancolicos, modestos, mettidos comsigo, deve ter-se dó,—porque são uns desgraçados que não sabem o que hão de fazer n'este mundo, e não irem metter-se n'uma barraca atraz de S. Domingos e mostrar-se ao som

de um cornetim, a dois tostões por cabeça. Os anões, não senhor. Em apparecendo anãsinha vae logo para casa dos fidalgos, mais bem tratada que as filhas da casa; e não ha exemplo de anão em más circumstancias: um faz-se retrozeiro; outro, empregado publico; outro, negociante; outro, proprietario! Cabem em qualquer buraco, vestem-se com um metro de fazenda, e quando morrem basta-lhes um caixão pequenino! Ao passo que os gigantes passam uma existencia pesada e soturna, e é raro encontrar, como felizmente succede á amavel marsehesa —quem se exponha a affrontar seu gigantesco amor, e queira, para lhe dar um beijo, munir-se previamente de uma escada de mão!

A *peçoinha* (jeune-personne) come por duas pessoas, o que equivale a ser de nutrição modesta; é tímida, calada, agradavel com quem lhe mostra bom modo, filha de paes pequenos, socegada de genio, e deitando-se todas as noites ás dez e meia. Vive, a morrer de enfado, n'aquella barraquita, onde a maior difficuldade foi armar-lhe a cama. Veste-se bem, muda de *toilette* com frequencia, e faz meias para si—porque as de venda não lhe servem. Não pôde sair por emquanto para dar ar aos seus sete pés d'altura; deve por agora arejar só cinco, e esconder o resto. Na primeira noite em que chegou a Lisboa, foi, muito tarde, em companhia do seu director dar um passeio e ver o Circo Price. Eram tres horas e meia da noite, e faziam trovões. A patrulha encon-

trou-a á Praça da Alegria, e, pouco amavel com o bello sexo, largou a fugir!

Os espectadores dirigem-lhe todas as noites as perguntas mais disparatadas, e ella, coitada, atura-os com a serenidade formidolosa que a caracteriza. O que sobretudo lhes custa a crer é que não haja familia inteira de gigantes, e que a singularidade de estatura não passe nunca de uma geração. Isto parece desconsolar os namorados, que já estavam a phantasiar descendencia formidanda... Ella deu uma d'estas noites uma bonita replica:

—Então, que lhe hei de fazer? As mulheres grandes são como os grandes homens,... que nunca tem filhos dignos d'elles!

Não cuidem entretanto que seja forte, desembaraçada e agil, e que pudesse sair d'ali uma Brites d'Almeida ou uma Maria da Fonte. É debil, nervosa, cança com qualquer coisa, e só pôde metter medo ás outras mulheres... por se ver de longe. Enerva-se a natureza ao distribuir forças a taes corpansis; a energia verdadeira é filha da concentração e não da amplificação; mas creio que esta lei só comprehende o mundo moral no que respeita o sexo feio, porque se tem notado que os grandes homens nunca são homensarrões, e que as mulheres mais esper-tas, empreendedoras, activas, laboriosas e atiladas, são mulheraças quasi sempre!



UM QUE LÊ NAS MÃOS

Appareceu nos annuncios do *Jornal do Commercio*, o seguinte :

AVIS

Par ordre superieur mon cabinet est fermé; cependant j'espère que ma science étant comme en France reconnue comme une science utile et morale, je pourrai de nouveau me mettre a la disposition des personnes qui voudront bien me consulter.

CHARLES GIRARD.

CHIROMANCIEN PHRÉNOLOGISTE

RUA LARGA DE S. ROQUE, 76

Raro! Raro!...

Tudo concorre n'este mysterioso chiromante para

nos fazer scismar; sua profissão phantastica, sua apparição em Lisboa ao mesmo tempo da abertura das camaras, aquelles trez pontinhos maçonicos que lhe acompanham o nome, a perseguição das auctoridades que lhe mandam fechar a casa...

Cruzam-se e combatem-se os pareceres mais desenhcontrados a respeito d'elle. A rua larga de S. Roque, pacata e burguezmente importante, não só considera como passatempo frivolo o estudo das sciencias destinadas a adivinhar os instinctos dos homens pela conformação d'elles, mas supõe-o condemnavel por conduzir infallivelmente á superstição.

Recreia-se a providencia em mandar de vez em quando á terra seres privilegiados que instruem a humanidade, quer a gente esteja por isso ou não.

De uma vez a sibyla de Cumas...

De outras, Orfêo, Apolônio...

Ou o Lavater, que lê na cara do sujeito...

Ou o Gall, capaz de cortar o cabello á escovinha ao mundo inteiro para lhe apalpar melhor a cabeça...

Agora, este Girard — terror da rua Larga de S. Roque—que entende que tudo está escripto, e lê nas mãos da gente, como n'um livro aberto, a indole, as tendencias, o que cada um é, e o que pôde ser...

Tudo se conhece pela mão de cada um, e é d'ahi que provém dizer-se ás vezes:

—Se isto está na sua mão!

Vamos, por exemplo, aos peccados mortaes.

Sobrerba:

Dedo cumprido, sêco e agudo.

Avareza:

Mão extremamente dura, e encarquilhada.

Lucuria:

Mão lisa, molle, cheia de covinhas, dedos largos na base.

Ira:

Mão aspera e esverdeada de unha pequena.

Gula:

Mão curta, gorda.

Inveja:

Mãos compridas e ossudas.

Preguiça:

Mão branca e macia.

A estes indícios de primeira ordem, citados gloriosamente nas obras elementares dos chiremanes, seguem-se as diferentes observações ácerca das phalanges, e os dados preciosos que offerecem á experiencia o monte de Jupiter, a praia de Marte, o monte de Mercurio, o anel de Venus, *et cætera!*...

Mas ha no Codigo Penal um artiguito, que, sem querer saber d'estes montes nem d'estas praias, estabelece que seja punido com prisão correccional de um a tres annos e multa correspondente todo aquelle que defraudar outrem, por meio de artificio para persuadir de alguma falsa empreza, ou de bens, ou de credito, ou de poder supposto, ou para produzir a esperanza de qualquer accidente; e o certo é que a justiça gritando: *Alto lá!* ao homem Girard,

e mandando-lhe fechar o gabinete, foi-lhe á mão a elle, impedindo-o... de continuar connosco entre mãos.

É de crêr que escape, este pobre chiromante, e que não se veja n'elle um perigoso Mesmer. O homem lê nas mãos das pessoas, conforme os preceitos estabelecidos na arte de conhecer a vida, caracter, aptidões e destino de cada um pela observação das mãos,—giga-joga que elles querem que seja sciencia, mas que, em todo o caso, é uma brincadeira curiosa que só pôde exercer quem fôr déveras intelligente.

Quando me preparava a ir fazer a minha visita a este heroe, fechou elle a loja e fiquei sem a descripção a que me propunha da scena que tivesse lugar entre nós. Fica promettida, porém, para logo que o gabinete se abra de novo, se porventura, como desejo, o chiromante não fôr *supprimido*, para nos servirmos da palavra do dia.

O que de certo não acabará entre nós, por estes annos mais chegados, é a *mulher de virtude*, que suppre no paiz a ausencia de todo e qualquer chiromanio, chiromante, ou cartemante. É typo nacional; vulto considerado pelas crenças populares, e a quem muita da nossa gente e da melhor vae consultar mysteriosamente: especuladoras lepidas, que vendem elixires para attrahir o amor, artificios para encantar alguém, e sabem das cartas tudo que vae pelo mundo..

A mais notavel ultimamente tem sido uma D. Quiteria, moradora em Alfama. Apenas estendidas as cartas em cima da mesa, a palpebra dilatada de D. Quiteria despede dois raios de fogo em redor de si. A pessoa que a consulta,—senhora quasi sempre—estremece debaixo d'aquelle olhar fascinador. O espirito da verdade, fallando pela bôca d'aquella respeitavel mulher, apresenta-lhe o quadro das vicissitudes de sua vida intima, traça-lhe em esboço o presente, e deixa-lhe avistar o futuro—claro como o dia!

Para saber deitar cartas é necessario ser inspirado como nas magicas.

O seis de espadas quer dizer *más fallas*.

O vallete de oiros, é o *amante*.

Cinco de copas, *lagrimas*.

Az de paus, *fandagos* (amores).

Sete de espadas, *desgosto formal*.

Az de oiros, *prenda, ou muitos dinheiros*.

Tres de copas, *com certeza*.

Dois de paus, *a caminho*.

Quatro de paus, *prisão*.

Espadilha, *affirmar*.

Disparate ou não disparate, tenho medo de cartas como de lume, e creio em todas estas coisas como em mim mesmo. Urra unica occasião em que cáti na péta de brincar com isso, fiquei encommoado por muito tempo a coismar no que me disseram esses fátaes bonecos de papel, que, por accaso ou por fa-

talidade, d'essa vez adivinharam certo. Quando uma menina se arreceia d'essas tonterias, é natural o susto; mas um folhetinista com terrôr ás cartas, é absurdo! Convenho, mas nem por isso alcançarão de mim que eu volte áquelle becco escuro de Alfama, que se chama becco da Regueira, procurar na sua agua-furtada, suja e infestada, a tal D. Quiteria, encarquilhada, desdentada, a predizer o futuro, e a curar doentes por um arratel de cêra e um tostão para pão. Ella é tão magra, tão mortificada, tão lambedida d'ossos que parece realizar a phrase de Apolônio de Tyana:

Atravez de corpo em ruinas, a alma contempla o espaço e o tempo!...

Raro! Raro!

O grande erro, a meu ver, do chiromante da rua Larga de S. Roque foi o apresentar-se em Lisboa sem a farfalhice de annuncios que faz metade da fortuna d'esse genero de empresas. Não se recommen-
dou nos jornaes, e annunciou-se com uma simplicidade de homem sério. Lisboa não entende isto; Lisboa quer homens sérios, ou chiromantes: mas chiromantes e homens serios ao mesmo tempo parece-lhe muita chiromancia junta. O resultado foi que ninguém deu por elle, senão depois de lhe fecharem o gabinete. Foi modesto de mais: Ou bem que se é modesto, ou bem que se lê nas mãos da gente.

A fortuna embirra com os modestos, e por isso embirrou com elle. Os modestos não spanham da

sorte senão carêtas. Emquanto eram meninos e andavam na aula, recebiam todas as cacholetas e cholis que se distribuiam á hora do recreio ou da refeição; e depois de crescidos teem por destino ser acotovelados á direita e á esquerda.

Foi para elles que se inventaram os empregos de duzentos mil reis, e os jantares a doze vintens *com prato do meio*. Derretem-se-lhe em cima como manteiga as misérias da vida. Os amigos tiram-lhes as namoradas: os protectores esquecem-se de os proteger: a creada principia a dormir logo á noite e deixa-os estar na rua á chuva batendo sete vezes á porta: quando andam de sege, os boleeiros esfolam-os: se passam por sitio onde ha desordem, elles é que vão presos; os alfaiates impingem-lhes o fato regeitado pelos outros freguezes: não encontram na estrada da vida senão mulheres honestissimas: se escrevem, os leitores accusam-os de massadores: e se são chiromantes, vão para a cadeia... antes mesmo do publico saber que elles cá estão!



CASENEUVE E A SYBILLA

Na vespera distribuíram-se os programmas — annunciando as sortes, e uma floresta de monarchas em honra dos quaes as habilidades haviam sido inventadas; reis dos melhores, e não só reis mas principes e prelados — clero e nobresa, tudo menos povo — o imperador da Russia, o Shah da Persia, o sultão Abdul-Azis, o grão vizir, o bey de Tunis e outros grãos e beys, que na grammatica dos programmas equivallem aos adjectivos, que tocam trombeta adiante dos substantivos, ou marcham atraz d'elles como porta bandeira para fazer tremular o estandarte!...

Na noite da festa, affluíu a turba avida de maravilhas, de adivinhações, de magnetismo, somnambulismo, spiritismo...

Foi-se para o theatro como quem vai vender a

alma a Satanaz. Chegava a parecer urgente ver o diabo, para tratar de negocios. Ha já seu tempo que elle não se deixa ver, por andar escaldado de contratos que fez—dizem que politicos—de que não tirou vantagem e que o levaram a não querer já comprar a alma a ninguem. Ao que chegaram as coisast

Caseneuve, de mais a mais, é hom nome; lembra o famoso cavalheiro Casanova, heroe dos heroes, maganão que fez as maiores habilidades com cartas—não com as de jogar, mas com as de... amores—auctor das frescas e decantadas *Memorias*, de onde tantas comedias teem saído—entre outras o *Dominó preto*, que é o caso d'aquella freira, que se escapulia de noite de um convento de Veneza, e ia por mar a casa do amante;—grande victorioso, e grande prestidigitador, creado nos vaeuens do amor e das aventuras, mestre em casos, pae dos magicos, como não sei que monte que foi pae dos rios!

Já entre nós se acreditava pouco em bruxos, e sabiam todos mais ou menos que as somnambulas de tablado pegam facilmente no somno magnetico, fallam logo todas as linguas, respondem a qualquer pergunta, contam o que nos vae por casa, sabem-nos do passado, presente e futuro, e são tão prendadas de memoria que têem na ponta da lingua um *vade-mecum* em que se dá receita para a pergunta indicar a resposta;—n'este genero pouco mais ou menos, tomemos os numeros para exemplo:

Que—numero um.

Diga—numero dois.

Depressa—zero.

Assim:

—*Que* numero é este?

—Um.

—*Diga* o numero?

—Dois.

—*Que* numero tem, *depressa*?

—Dez.

Uma vez divididas em series de dez as diferentes coisas que possam ser apresentadas, basta a quem fizer a pergunta indicar o numero da pagina e a cifra que n'essa pagina tiver o objecto.—Com as cartas, mais simples ainda, porque se o magico vir a carta que a gente escolhe, pôde até mandar perguntar que carta é a qualquer somnambula que esteja na China, com tanto que ambos se entendam pela mesma cartilha. É a stenographia aperfeiçoada, mnemonica dos magicos, o santo e a senha dos empalmadores,—Cagliostros modernos que inculcam as espartezas como magnetismo, habituam creaturas a supportar o cheiro de enxofre retendo a respiração, passam-lhes pelo nariz um frasco de sal amoniaco como prova real de insensibilidade, e furam-lhe a carne com uma agulha ou com um alfinete!

Quasi todos nós sabiamos isso, o que não sabia ainguem é que o proprio Caseneuve viria dizel-o, apresentando-se não como invocador, mas como negociante de sobrenatural, explorador de recreio, em-

preiteiro de bruxedos em que não entre Deus nem o demo!

Foi culpa, provavelmente, dos informadores, que a título de conhecerem o paiz, o avisaram talvez de que um bruxo em Lisboa expunha-se a fiseo peor do que á Inquisição de outras eras—expunha-se a morrer de fome, por não haver já necessidade d'elles para saber a gente o que por ahí vae. Ha os jornaes de noticias, que mataram os adivinhos, porque sabem tanto como elles, sabem tudo, e custam só 40 réis: e ha qualquer de nós, nós todos, curiosos portuguezes, que podemos não saber da nossa vida mas sabemos sempre da alheia!...

E é o que explica andarem tão verridos os pobres bruxos, que já quasi não apparecem senão nas feiras, a adivinhar-meia duzia de aneis e brinços, a dizer quantas horas marcam tres ou quatro relógios dos espectadores, e a convidar—*«algun de Vó Churias presentes da bella sociedade a ser matenisado!»*—Até já ás vezes é um burro, o bruxo; um burro sabio, que adivinha! É tempost... Está um bom homem assistindo jovialmente á função com a sua familia, e ahí o empurram os amigos para o meio da praça para divertir o publico; ou, mesmo sentado no seu logar, quando o da barraca perguntar ao jumento: «—Qual é o maior asno que está d'estas portas para dentro?»—tem o prazer de ver o burrinho parar maliciosamente diante d'elle, ao som festivo da assuada da multidão.

Quando Caseneuve appareceu em scena, produziu certo effeito não se avistar no tablado a conhecida bagagem de caixinhas que costuma acompanhar de feticellos; quasi resplandecou em todos o sentimento da gratidão por elle ter vindo, depois de tantos reis, agentalhar-se connosco; e culdei que era occasião de eu ter de escrever um folhetim theoberto, em papel diaphano, com caracteres impalpaveis, em correspondencia com a eternidade, destinando a ser lido em sonhos, com assignantes no outro mundo, e vendido nas ruas por um espirito. As primeiras sortes foram logo brillantes e executadas com graça e com presteza. A enchente era completa; haviam-se apagado em sua honra n'essa noite as lanternas, que em certas escadas avisam que ha monte ou ronda n'aquelle andar; a sorte annunciada *«Direcção dos fluidos cartomanes»* attrahia de certo os jogadores: tudo sorria, tudo parecia ir bem; mas, logo que elle deu a entender que ou não tinha fluido, ou se o tinha era... em casa, em vez de elle agradecerem a confissão e a sinceridade foram quasi todos deixando esmorecer a alegria...

Quando principiou a segunda parte, tudo foram esperanças de que a somnambula, n'aquella casa onde a outra... collega — a de Bellini! — tantas vezes tem fanatisado o publico, attrahisse e encantassem os animos; mas, foi então justamente que, de *plu forte in plu forte* como a rebecca de Paganini, o mal cresceu com a famosa catalepsia. Tantos olhos o ho-

mem dissera que estava a rir, que ao dizer d'essa vez que estava serio — riram-se os outros. É o perigo e o castigo da sinceridade!

Uma vez, um compatriota nosso estando em Paris no tempo da ultima exposição, foi consultar uma somnambula, levando-lhe uma carta de pessoa d'aqui e querendo noticias. A somnambula poz a carta no estomago, conforme o costume d'ellas, disse-lhe que essa carta era de mulher, e que a pessoa que a escrevera gostava muito d'elle. Depois pediu-lhe o braço para irem procural-a: — elle deu-lh'o e pozeram-se a caminho, sem ella se mecher da cadeira, é claro. Embarcaram — pelo pensamento — e elles ahi vão. Até aqui ia tudo bem, verdade é que a carta tinha a marca de Portugal. A somnambula foi navegando, navegando, mas a marca da carta não dizia mais nada, e foi preciso largar em tómbos, solavancos e agonias de quem está enjoado. Já o outro não sabia como vêr-se livre d'ella, que não lhe largava o braço e lh'o apertava em estylo de naufragio, — quando o magnetizador lhe deu a noticia de estar a somnambula muito doente com o enjão e afflicções d'aquella viagem, não poder continuar, e dever elle pagar o dobro por lh'a haver posto em tal estado!

Foi uma atroz zombaria, mas teve espirito, — de tudo o mais necessario n'estas coisas, que, já que não são sciencia, precisam ao menos ter graça.

É soffrivel carthomanciano esse Caseneuve, expe-

riente e agil nos exercicios da memoria e nas combinações de numeros; mas na magia é de rigor o *ser ou não ser* do *Hamlet*, não se gosta cá de meios bruxos sinceros, que veem dizer á hora da recita não serem bruxos de todo;—esperava-se muito, esperava-se outra coisa; os programmas haviam-o feito considerar tão extraordinario, que muitos iam, creio eu, na idéa de ver se a Sibylla conheceria de perto o ponto indeciso e vago do que tem de ser; porque só Deus sabe as lutas e magoas que tem custado á gente o ter a mania de querer tambem ás vezes adivinhar, e tornar transparente a estrella preta, que nos vae sempre andando adiante sem nos alumiar nunca! Porque não havia elle de enganarnos? Ser bem enganado é ás vezes bom; não é mais facil do que a verdade, e é mais interessante.

O tempo em que vamos ajudava-o, de mais a mais, e esta terra é das melhores para o caso. Dizem que foram fortes n'isso os chaldeus, os egypcios, os indios; mas inclino-me a crêr que a sciencia dos thaumaturgos vae a melhor entre nós. Na antiguidade, a primeira coisa que fazia quem se propunha a saber um dia alguma coisa, era ir correr mundo, viver com os eruditos das terras em que florescia as sciencias e as artes, passar annos a estudar os mysterios, aprender a tirar utilidade dos recursos da mechanica, da optica, da chimica, segredos que são hoje de toda a gente, e que só conheciam os homens de talento superior, tidos então por bruxos.

Hoje, — boa noite! É o que nos falta! Qualquer é propheta; vai tudo a melhor, de dia para dia; e na administração, nas lettras, na politica, ha gente que decide todas as questões sem as estudar... É, ou não é, bruxaria?!...

A TASCA DO POÇO

Grande homem, o Roque da tasca! Não podia a sua taberna ser mais asseada, nem os modos d'elle mais cortezes, nem mais pingue a sua pança, nem o seu nariz mais vermelho, nem mais larga a sua bôca, nem a sua testa mais curta. Era grutesco? Não devo dizer tanto. Não era propriamente seductor; ahí está!

Graça? Tinha pilhas d'ella. Foi um dos homens mais chistosos, mais feios, mais honrados, e mais bebados d'este seculo. Em elle estando com um grão na aza, não havia estilista mais imaginoso; a pinga fazia-o ver tudo atravez de um prisma, e não experimentava sensação que não tivesse cor, — a piedade era azul celeste, o aborrecimento cor de chocolate, a alegria verde galo, o prazer cor de rosa, e o somno cor de fumo!

Era casado com uma mulher magra, fusca, e gigantesca, cujas palavras desciam até os ouvidos das pessoas como as neves dos montes descem ás planícies; creatura de juizo e de pulso, fortissima não só em frigir o peixe, mas nos pratos delicados dos dias de festa, a canoa, a fressura, as mãos de carneiro, e os torresmos na certã—tão immortaes.... que nunca se digeriam!...

Ver a gente aquelle par, equivalia a derruir de uma vez o tonto proverbio, que diz: *Tutto il mondo é fatto come nostra famiglia*. Nada! As nossas familias não são d'aquelle feitio, nem tornou a haver familia como aquella!

Todo o mal do Roque foi, como dizem os peritos, *pegar na bebida*. D'aquella casa que chegou a ser um paraíso, foi elle a pouco e pouco fazendo uma baiuca. Ao principio concorriam ali commensaes recatados, entrando pela porta da escada com um lenço no rosto em ar de quem se assôa, principiando o convívio por uma posta de peixe, e recebendo um caldo, que n'aquella vivenda gosava de fóros de offerta, um caldo magnifico, n'uma tijella de louça da terra, com duas cabeças de nabo boiando á flor da olha,

Não tinham lá entrada os comilões vagabundos, gente sem eira, nem beira, que come a credito até lhe darem baixa de talher, bandoleiros que tiram da orelha uma ponta de cigarro para sobremesa e consideram como uma variedade na especie humana todo

o freguez que pague o que coma! Era tudo gente pacata, bebendo com ternura, debruçando-se meigamente sobre os pratos, contemplando com sisudez a amendoa torrada que o criado lhes facultava no rol dos desenhos, quebrando brandamente o palito em mil pedaços, encostando com voluptuosidade a cabeça á mão...

Quiz depois armar o que se chama um *retiro*. Improvisou no quintal um caramanchel. Pediu aos freguezes que fossem lá nos domingos, ao petisco, depois da tourada. Escripturou o homem do realejo para lhe moer á porta uma polka, que produzisse na imaginação dos convivas o effeito de hatschitt e do opio nos orientaes. Em vez de freguezia, teve malta. A cidade tem uma cambada que vive escondida na lama, no lodo, na vasa, no limo, e que apparece de subito em havendo bernarda nas ruas ou novidade nas tabernas. Gente sem officio nem beneficio, polidores de casos, caçadores de expedientes, chimicos da larapice; escoria abjecta de escrupulos e cotovellos rotos, maus de quem não se faz caso, derrotados da luta social!

Do credito da tasca, graças a tal freguezia, ficou só o leteiro, que apresentava pela parede abaixo estes conceituosos versos:

Aqui o cavalheiro
Entrar pôde sem receio,
Encontrará bom vinho
E comer com azeite.

Do quintal foi-se o caramanchel e ficou o poço — que entre outros prestimos tinha o de servir de pão nos sustos que Roque mettia á mulher, quando ella lhe accusava as carraspanas: — Se me chamas bebado, vou-me deitar ao poço!

Despedida a raça abjecta que se constituiria freguezia exclusiva do *retiro*, cambada desordeira, que em vez de bolsa usava faca, a tasca variou mais uma vez de feição, tomou proporções modestas e principiou a ser frequentada pelos gallegos do bairro. Apareceram-se os veraes e appareceu este letreino por cima da tasca:

Vinho,
de
arma
sem
agua
ar
dentes.

Com a appareção dos gallegos principiou a tranquillidade e a ordem a terem ali o seu tather á mesa; já as formigas vinham passear por cima da toalha, e a lagarta cabia suavemente nos pratos sem ninguém dar por isso...

Que differença de vida! Os gallegos eram certos ás horas marcadas, não discutiam, não conversavam, comiam os seus feijões com couves, o seu bacalhau, ás vezes o seu pedaço de carne cozida, as suas as-

selec, as suas migas, não como quem saboreia mas como quem se desempenha de um dever,—porque se a preguiça é o mais bello attributo do homem, o trabalho é o maior prazer do gallego.

Aos domingos, em o tempo estando bom, brincavam no quintal, á roda do poço, dando cachações uns nos outros, batendo com os saccos na cara do mais amigo, proporcionando-se mutuas chulipas para irem de ventas ao chão, e depois toca para a mesa—ao prato dos dias santos, o famoso coelho, que elles, por galanteria, sempre perguntavam ao Roque e á mulher se era gato; ao que o Roque respondia, já sempre entre as dez e as onze:

—E hei de dar n'essa, hei de dar n'essa. O gato é boa fazenda. Da pelle fazem-se sapatos e regalos para as madamas, porque á do coelho agora chamam-lhe *armico* (*arminho*). A cabeça é que deita a denuncia; mas em se servindo o coelho sem cabeça e o gato com a cabeça do coelho, vá lá adivinhar!?!

E os gallegos riam, com a alegria ruidosa e magistral dos deuses. Eram todos bons homens, uns de Redondella, outros de Vigo, outros de Tuy, de Betanços, de Lugo, de Santiago, que tinham todos a mesma historia, o mesmo character, o mesmo destino; que haviam vindo para Lisboa em pequenotes, recommendados a algum parente ou conhecido; tinham entrado como criados n'alguuma casa pelos bocados da boca e pelo fato, haviam feito a corte com manha ao patrão e á patroa, dando-lhes sempre ma-

são a cada um de per si, contra o outro; e, depois de saberem alguma coisa, haviam tomado o conselho de qualquer gallego amigo, de irem ganhar mais n'outra parte com o que haviam aprendido n'aquella.

Gente honradissima. Ha pessoas que nunca estariam necessitadas... se tivessem sempre muito dinheiro; mas elles nunca o estão, até quando o não teem. Para o gallego não ha passado; cuida que o mundo principiou com elle; não crê senão no futuro; os acontecimentos e o progresso das cousas é todo o seu caso; o mais—bau, bau!

Comida feita, companhia desfeita. No fim da papança costumavam pagar logo, á boca do cofre,—contas do Porto, fazendo as cifras um dos mais prudentes do rancho, a tanto por cabeça.

De uma vez...

Quem diria que foi este caso que deu á tasca o nome por que é conhecida hoje!?

De uma vez o Roque estava perturbando um pouco a boa harmonia, por se achar com uma pinga de mais; a mulher agastou-se, os gallegos preoccuparam-se, e, quando se foi ás contas, a arithmetica viu-se parva; faltava um na repartição dos fundos. Contava-se, tornava-se a contar, contava-se outra vez e faltava sempre um!

—Falta um! dizia o Barnabé, que era n'esse dia thesoureiro. Falta um companheiro!

—Falta um companheiro!? retrucava o coro com pasmo.

—Somos onze, devemos ser onze, convém sermos onze, e não acho senão dez!

—Torna a contar, Barnabé! exclamou um d'elles.
Conta em voz alta.

E Barnabé contou:

—O Manuel da Missa?—Prompto.

—O Dominguez?—Prompto.

—O Virellas?—Prompto.

—O Campeão?—Prompto.

—O Caramello?—Prompto.

—O Fura?—Prompto.

—O Bento?—Prompto.

—O Braz?—Prompto.

—O Romualdo?—Prompto.

—O Moleiro?—Prompto.

—Falta um! ponderou Barnabé, desanimado da sciencia, depondo o lapis e a pedra das mathematicas.

E todos principiaram a contar, cada um por sua vez, ora em voz alta, ora para si; e sempre dez, e nunca onze, e sempre a faltar um.

Pudera!

Nenhum se contava a si !...

Mas nenhum, nenhum. Nem Barnabé, nem os outros. Se fossem litteratos principiariam por se contar a si, primeiro, e seriam capazes de não contar os outros; mas eram simplesmente gallegos!

—Procure-se o companheiro! gritaram todos.

Procuraram-o por todos os cantos: debaixo das

mesas, no armario, na carvoeira, dentro do pote, n'uma arca de pinho, e, finalmente, passou em todos uma idéa tetrica—o poço!

—Ao poço! Ao poço! Ao poço!

O primeiro que se debruçou a olhar para o fundo, avistou na agua a sua propria figura e persuadiu-se que era a do outro:—Lá está elle! Lá está o companheiro! Vamos salva-o!...

Como hade ser, como não hade ser? O tempourgia. O Roque, cada vez mais bebado, rebojava-se na terra a rir. Os gallegos decidiram formar uma cadeia humana, agarrando-se successivamente cada um ás pernas do outro, e segurando-se o ultimo ás mãos de um que ficasse de fóra. O que ficou de fóra, para os segurar a todos, foi o robusto Virellas, que, de uma occasião, por gracejo, indo vazar o barril á loja de um ferreiro, lhe escondera a bigorna mettendo-a debaixo do braço. Foram descendo até oito, engançados ás pernas uns dos outros, e elle seguiu o ultimo pelos braços, roncando um pouco, mas com firmeza.

—Baia! Baia! rugia, aguentando-os com uma solidez que faria inveja aos montes Cantábricos, que cercam em suas ramificações a Galliza inteira.

Já o primeiro estava quasi a tocar na agua, quando este Virellas intrepido, para melhor continuar a segurar-os, entendeu ser bom cuspir nas mãos para as refrescar... Mas,—não pôde lembrar tudo!—esqueceu-lhe que, ao soltar as mãos para lhes dar esse

novo alento, deixava cair os companheiros—e, catapuz, foram todos bailar ao poço!...

Este caso augmentou a nomeada á tasca, e correu tudo em tão boa hora que não houve desgraças. Os gallegos treparam depois em cestos vindimos, e o Roque teve a surpresa de quasi os não conhecer e os achar mudados:—tinham lavado a cara!



OS ARABES

Para quem gostar de romances e de entreter a imaginação com aventuras e phantasias, não ha vida mais interessante do que a de Mahomet—ou Mafo-ma, ou Mafamede como costumamos chamar-lhe. Sem pae nem mãe, sósinho no mundo, apenas lá com um parente affastado que teve dó d'elle e lhe fez algum bem, andou logo desde pequenino nas caravanas, de Mecca para o Euphrates e para a Palestina: andou tanto o pobre pequeno, e tantas vezes foi de Mecca ao Tigres, do Tigres a Mecca, e de Mecca á Syria, n'uma dobadoira de peregrinações e no permanente enfado de levar todas a exito, que é d'elle que provavelmente vem o dizer-se de quem nunca pára—que anda a correr *sécca e mécca!*

Era muito esperto, e de dia para dia lhe crescia

com o corpo o juízo,—mas não sabia ler nem escrever. O anjo Gabriel que o protegia ainda mais que o tal parente,—o qual parente, pelos modos, o aproveitára antes para fazer d'elle seu moço do que para o mandar á escola—appareceu-lhe uma vez nomeando-o propheta. Ser propheta de repente pesou-lhe na modestia, e entendeu que devia revelar a incapacidade de seus conhecimentos para aquelle logar;—estavamos nós bem servidos se fizessemos hoje igual escrupulo para sermos sequer deputados!

—Senhor anjo! disse Mafoma. Sinto confessar-lhe que não posso aceitar esse cargo de propheta!

—Porquê?

—Porque isso de ser propheta sempre pede algumas lettras; e eu, fallando-lhe com a franqueza que é distinctivo da ignorancia—não sei ler!

—Não sabes ler!

—Não senhor, nem escrever.

Então, exactamente como n'outras épocas se fazia no nosso lyceu nacional para com os exames de instrucção primaria, moveu-se da maior piedade o anjo Gabriel e pediu a Nosso Senhor que o approvasse plenamente. D'ahi em diante Mahomet ficou sabendo ler.

Ainda está por decidir se não é ás vezes a instrucção que expõe os homens aos commettimentos de maior imprudencia; Mafoma achando-se de repente sabendo ler e escrever,—e não sei se o milagre foi até ás quatro especies, e se ficaria sabendo

do tambem contar!—não parou enquanto não deu parte a toda a gente sua conhecida e não conhecida, de que era enviado de Deus e estava incumbido de agremiar e chamar a si o povo arabe. Ao principio foi uma risóta!

Mas, como elle insistisse, aborreceram-se com isso os Coreis e quizeram ir-lhe ás costas para o ensinar a não se farer embaidor nem truão servindo-se de enganos artificiosos; chegaram as coisas a ponto de elle ter de fugir para Medina,—e é desde essa fugida que os mahometanos contam os annos, do mesmo modo que nós os contamos do nascimento de Christo para cá; os de Medina, que não podiam ver os Coreis, fizeram-lhe grandes acclamações—como sempre succede em politica da parte dos azues ao que vier corrido pelos encarnados!

Meus medinenses cá, meus medinenses lá, muita festa para a festa, vocês é que são gente, e toca e viva e vamos por ahi fóra,—e agora parte Mafoma capitaneando-os com intrepidez, fazendo ordens do exercito, improvisando proclamações, arrebatando-os com rasgos de eloquencia, e fazendo-lhes entre outras esta promessa seductora—que todo aquelle que morresse na guerra gozaria logo dos prazeres mais deliciosos no paraizo, e teria entre outras remunerações setenta e duas raparigas lindissimas que nunca haviam de se fazer feias nem de envelhecer. Não sei se tambem lhes promettia que não envelheceriam elles, aliás... Em todo o caso os de

Medina, movidos por aquella perspectiva, largaram a bater-se como leões—e eram mais os que queriam morrer, provavelmente, do que os que desejavam escapar!

No fim de tanta lida, morreu envenenado, se é verdadeira a fama. Diz-se tambem que foi encerrado o corpo n'um caixão de ferro, e que o tumulto está suspenso em Medina entre duas pedras de imã que o attrahem sem nenhuma d'ellas o levar para si. Está-se a ver que é fabula, mas faz pena que os annos nos tenham tirado a boa vontade de dar fé a taes credences! O que haveria dado causa a semelhante boato? É algum symbolo christão da doutrina d'elle, termo medio para nós entre o paganismo e a verdade, ou quizeram dizer com isso que nada havia de terrestre em Mahomet senão a sua vida, e que, uma vez morto, deve morar no ar, que é a patria dos espiritos? Grande de mais para a terra, e pequeno para o ceu, deverá aquella alma, do mesmo modo que o corpo, parar no caminho?! Bonita, isso é-o, e poetica, essa idéa de um tumulto que não se parece com mais nenhum;—e d'ahi, que importa lá! no chão, ou suspenso, o que ha dentro é pó—que se parece sempre com todas as cinzas!

Os arabes que ahi temos no Circo, diz-se que pertencem á tribu dos menos fanaticos, a tribu dos Zug-Zugs, dos confins de Argel, entre Argel e Marrocos, de um dos oasis do Sahará;—são moços quasi todos; alguns esbeltos, sympathicos; os outros,

feios; dois, são pretos. Não bebem vinho, nem licores; e não comem carne de porco. Olham para as garrafas com um desdém soberbo, e desprezam profundamente quem não bebe agua ao jantar.— «Mahomet bem sabia o que fazia! dizem elles. Uma pessoa pôde comer quanto tiver na vontade, que sempre fica em seu juizo:—mas, em bebendo uma gota de vinho de mais, fica peor que um porco!» E cospem.—São por tal maneira afferrados aos preceitos da lei e á propria opinião, que corre como certo que, dominando os francezes em Argel ha tanto tempo, não têm conseguido converter nem um só; estão lá porque são senhores, mas affirma-se que não passam d'isso! O arabe moderno é ignorante porque não estuda, mas é intelligente, sagaz, como que tem no orgulho o sentimento de que já foi grande, de que já foi elle a civilisação; e estes do circo, ao acharem-se na peninsula, devem necessariamente lembrar-se que já dominaram oito seculos na Hespanha e tres seculós em Portugal!

Parecem enfastiar-se em Lisboa, coitados, quasi tanto... como se fossem nascidos cá! Recordam-se com saudade, provavelmente, dos seus sitios e da vida que por lá levavam. Mil episodios curiosos! Fazem unicamente viagem á quinta feira: quando partem as caravanas, como uma frota viva por aquelle oceano de areaes, os mais experientes vão adiante guiando-se pela luz das estrellas e pelo conhecimento dos caminhos que a pratica das viagens lhes tem

dado, e assim vão percorrendo as vastas solidões. Se, como ás vezes succede, vae negra a noite, e não ha nem uma estrella no ceo, conhecem os sitios pela relva e pelo terreno, apalpam, cheiram, mastigam, e assim adivinham o ponto em que se acham. Ao passar pelos sitios perigosos ninguem falla, ninguem fuma: prendem a bôca aos camellos... E' natural que preferissem andar a esta hora lá pelas paragens pittorescas e melancolicas do seu Sahará, namorados dos grandes espectaculos da natureza, pondo o ouvido á escuta dos vagos murmurios do silencio na solidão, vendo tremer o reflexo da lua no fundo do poço do oasis, acompanhando por entre a somnolencia do kief oriental alguma melodia aeria, o ecco debil da caravana ao longe... Mas, que remedio, senão deixar o Sahará pelo Circo e atirar-se de cabeça ao tablado no turbilhão dos saltos!

O chefe, o director, ou como queiram chamar-lhe, da companhia que está trabalhando em Lisboa, é o unico dos trinta que está o que se costuma dizer civilisado. Veio á Europa ha trinta annos; é casado com uma franceza—com quem estava assistindo, ao primeiro espectaculo do Circo; cara bronzuada, elle, cabello negro, olhos vivos, expressão sagaz e ardente, e na cabeça um amplo gorro vermelho: ella, de chapéu e capinha, como qualquer creatura que nunca ouvisse fallar em Salam-alek. O cartaz annuncia-o—*Hadj Ali-Ben Mahomed*; o nome anda a bailar no meio d'isso, o nome é apenas Ali. Tem cada arabe

obrigação de ir uma vez em peregrinação a Mecca no decurso da sua vida; fica qualificado de *hadj*, que quer dizer *peregrino*: emquanto a *ben*, significa *filho*:—*O peregrino Ali filho de Mahomed*. Contou-me o representante da companhia que a mulher d'este Ali, quando casou com elle, prescreveu como condição lavrada no contrato que não aceitava a lei mahometana no que respeita ao numero de mulheres que ella permite ao marido,—cada homem pôde ter quatro mulheres legitimas e tantas amantes quantas puder sustentar. Ali pareceu-me um pouco triste...

O filho d'este chefe estudou em França, e é o que os francezes chamam *bacharel em letras*. Esta concessão aos livros e ás escolas não é um facto trivial; os arabes em geral desprezam os que sabem lêr é escrever, e dizem que quem tem idéas escusa das dos outros.

Quando estão doentes é isso para o empresario um obstaculo impossivel de superar, porque não querem tratar-se; confiam unicamente n'umas aguas que ha na sua terra, que curam todos os males. Em se lhes mandando chamar o medico, nem lhe respondem; e limitam-se a dizer que se elle soubesse, escusava de lhes perguntar o que sentem.—Ao cavallo ninguem pergunta,—e o veterinario entende-o! dizia o preto n'uma comparação desambiciosa.

Ao erguer do panno nos espectaculos do circo, estão em scena os trinta arabes a cantar e a tocar

pandeiro—não sei se celebrando Allah, n'um côro mais mahometano que deleitavel, que não dá idéa do canto-chão catholico, mas talvez do *canto-chão* de Mafoma... tanto mais que é no chão que cantam, todos de cócoras.

Avista-se no meio d'elles um preto aqui, um preto alli, como serpentes no areal. Trepam uns poucos de pequenitos para cima uns dos outros e todos para os hombros e para a cabeça de um só com a rapidez d'aquelle vento terrivel do deserto—*simonte* lhe chamam—que derruba as palmeiras e agita o sollo como se fôra o mar em furias! — Não se calcula a que ondulações se conseguiu fazer chegar pelo exercicio aquelles pobres corpinhos que a educação dos collegios tornaria desgraciosos e pesadões. Chega a parecer que valeria mais para qualquer pequeno seis mezes nas mãos de algum d'aquelles argelinos, do que um anno de latim e outro de latimidade!...

Na segunda parte trabalham todos os da companhia. Grupos formosissimos, que se armam e desarmam n'um momento. Não têem, não podem ter mais ligeiresa os silphos nem os duendes! Seguram-se n'um pé, n'um dedo, e em nada. A borracha é menos elastica. Pasma-se d'aquellas variantes de pyramide humana: nove homens á cabeça e aos hombros de um só;—a quatro arrobas por cada homem, nove vezes quatro, trinta e seis; trinta e seis arrobas é o que pucha uma junta de bois!

Depois dos grupos principiam de repente os saltos, e não ha espectáculo mais animado e turbulento. Têm apenas tempo as figuras de se desenharem no ar, cortando-o; a musica vivaz, febril, acompanha a custo aquellas reviravoltas de corpos que têm a elasticidade e a levesa das bolas de gutta-percha que se atiram aos cães de busca; redobra a animação de instante para instante, a orchestra duplica de furia, e os volteadores levam pelos ares as pernas e o entusiasmo! Já não se sabe o que são, se homens, se tigres; apparições phantasticas, que giram, torcem-se, redemoinham, pulam, do fundo do theatro até ás luzes da rampa, com uma prestesa incrível no armar das attitudes, no romper dos vôos, nas cabriolas, nos saltos de hyena, torcendo-se de cem modos mais impossiveis uns do que os outros! Estremece todo o publico quando elles partem de carreira, fica-se sem saber o que vae acontecer;— é o inchar da vaga, é o rebolar da onda, é a espuma a ir varrer a ponte, é o vendaval!...



O HOMEM DAS FORÇAS

O famoso Napoli não é um chibante, é um prodigio; não é um pimpão, é um phenomeno.

Os jornaes não lhe fizeram a guerra com que em tempos honraram o Charles,—aquelle gordo luctador, que aqui esteve ha annos: mas talvez que a guerra lhe houvesse dado o que a paz lhe não deu: —publico; e estou em crer que tanto elle como o empresario... estimariam isso mais!

O Charles teve em Lisboa uma epopéa: accusaram-o de vir desafiar a nação e desfeitear os portuguezes; o rapazio, irritado de elle não ser derrubado na arena, propoz-se a derrubal-o na rua; ao intervir a força armada, o povo juntou-se aos gaia-tos; lusiram as navalhas, e houve morras. O Charles atravessou toda essa inferneira com a serenida-

de dos saltimbancos que nenhuma extravagancia da multidão é capaz de surprebender, e duas horas depois da quasi matança do Salitre achava-se elle n'um botequim do Rocio tomando alguns barris de cerveja.

Ainda cá voltou passados annos, e tornou a encher-se a praça, reapparecendo á porta o apparatus de cavallaria e infantaria, e vendendo-se na rua os bilhetes pelo dobro do preço; quando elle saiu da sua barraca, duas lonas armadas em dois paus, a um canto da praça,—ouviu-se o rumorejar de vozes que serve de prologo nas revoluções; o homem surria-se para um lado e para o outro, com os ares ternissimos de estar encantado de nos ver: mas, coitado, vinha pobre e triste, peor que triste,—cancado; já não possuia sequer uma celebre capa branca em que costumava embuçar-se, atirando-a depois por terra quando, no meio da praça, feitas as corpezias do estyllo, estendia a mão ao primeiro contendor. Que de cousas elle não haveria vendido antes de decidir-se a abandonar ao barbante de algum adello aquella capa, companheira faustuosa das tardes de lucha e de perigo!

Nápoli parecia dever ser mais feliz. Quando chegou a Lisboa todos sabiam o que vinha cá fazer, ninguém o tinha por pimpão experimentado nas pugnas de sôco com que a Inglaterra se recreia, e nas quaes tantos lords e negociantes empenham apostas enormes, satisfeitissimos da festa em o troar

do murro se fazendo ouvir a um quarto de legua de distancia; estava-se ao facto que não era um valentão de feira: os periodicos de Inglaterra e a propria *Illustração* franceza tinham-se occupado d'elle; e os jornaes de Lisboa avisaram a tempo que elle se augmentava com uma enorme vara de ferro, tres rodas de carruagens, uma quantidade de arrobas nos pés, e no peito um pedregulho como o que veio para o arco da rua Augusta:—ninguem lho levou a mal. Podia brigar á sua vontade com isso tudo, e tambem com dezoito cadeiras enganchadas, descrevendo uma curva enorme, e segurando-as nos dentes: com tanto que não bulisse comosco, nem *desafiasse a nação*, consentia-se-lhe que levasse a melhor... ao pau, á pedra e ao ferro!

E não era consentir-lhe pouco, porque Portugal tem tido sempre os seus valentes e não gosta de ser visitado por quem faça gala de que o admirem no arrojo de forças.

Temos tido, n'isso, muito bom.

Não no Circo,—mas fóra da arena!

José Maria Saloio, que ainda dura, já hoje velho e dobrado, distinguio-se sempre nos lances de valentia, no vigor, na robustez, e tambem na prudencia com que evitava os conflictos até o momento de os julgar indispensaveis.

Thomaz Jorge, trompa durante muitos annos na orchestra do Gymnasio, passeava com um bengalorio horrífico das proporções da massa de Hercules,

castão assustador, ponteira formidolosa, bambaleando aquillo tudo com um ar brincão, que dava á tranca geitos de chibatinha. Alem de possante e intrepido pertence de alguma maneira á tribu dos excêntricos; come cobras como se fossem herozes, e faz guisados de ratos; a carne de cavallo, de que tanto se falla agora, seria para elle um manjar delicadissimo, ainda que o cavallo fosse... do Poço do Borratem!

Um José Pedro, que foi continuo nas Côrtes, agarrava com os dentes no arco de ferro de um barril caseiro e aguentava-o no ar.

A espingarda caçadeira do capitão mór de Faro era tão formidanda e tão pesada que mais ninguém tem sido capaz de a meter á cara.

De uma vez, ha annos, fugiu de Lisboa um heroe que dêra por ahi uma facada ou duas, e que teve para com a policia a attenção cortez de querer evital-a. Foi para Hespanha. Chegára conforme pudera, a pé, moido, a Tallavera de la Reina; comeu um *pochero* preciosissimo, especie do nosso *cosido*, ornado de *couplets*, ou, quero diyer, ornado de grãos, atravessou depois de jantar algumas ruas estreitas, com casas que projectam o topo para diante, como se lhe quizessem cair em cima do nariz, saudou com um olhar o rio que passa ao lado das muralhas, e a famosa Alameda, passeio elegante de verão, celebre pela quantidade de passaros de toda a especie que ali passam em bandos, agitando a aza infatiga-

vel, ou indo, como espiritos errantes, descansar em fim na rama dos choupos; era ao cair da tarde, já ia a largar-se o trabalho: uns poucos de homens suados, arquejantes, estavam diligenciando fazer foliar com grande dificuldade uma pia de pedra para lagar:— o nosso heroe viu-os, e riu-se. Franziram os outros o sobrolho, e repararam n'elle. Havia apenas uma claridade indecisa e vaga, que mal deixava avistar nas pastagens alguns bois pequenos, de um amarello vivissimo, que iam recolhendo: mas ainda dava a tibieza da luz para se perceber o desdem do forasteiro:

—De que está você a rir, amigo?

—De ver tantos homens para tão pouca cousa.

—Quê! Pouca cousa! Venha você para cá, se é capaz!...

— Lá vou.

Foi.

Abraçou-se com a pia, e perguntou:

—Onde a querem?

Elles pasmavam

—Alem! disse um.

Levou-a.

Andava em Lisboa um leigo, que pegava com uma só mão n'um sacco de seis alqueires, e punha-o sem demora ao hombro.

O capitão Botelho partia com os dedos uma feradura.

Reis Amado, cuja força se alliava a certa elegan-

cia de porte, e que todos vimos por vezes figurar com distincção, como forçado, em toiradas de curiosos, pegava n'uma espingarda antiga pela baioneta.

Na praça da Nazareth, em pleno largo, de manhã e de tarde, pelo tempo das festas, joga-se intrepidamente o pau. Ha n'isso professores, e discipulos; alguns curiosos ali vão de proposito para se amestram n'esse exercicio. Em chegando aquelle tempo da romaria, os professores montam nos seus machinhos, e vão para lá dar lições de pau. D'antes era a pinto por discipulo; hoje já não ha pintos, mas creio que ainda ha discipulos, e a differença consistirá simplesmente em lhes custar mais cara a prenda. Alguns são admiraveis de agilidade.

A multidão faz-lhes roda, acotovolando-se uns aos outros no empenho de qual ha de ver o jogo de mais perto, e applaude, aclama, enthusiasma-se; chega a parecer que é para aquelle caso que repicam os sinos, e estalam os foguetes! O jogo quasi sempre acaba ao serio, influem-se de rixa os curiosos, e um só homem defende-se a pau de quatro ou cinco, e parte-lhes a cara a todos enquanto o anjo vae deitando a lôa.

A bordo de um dos nossos navios de guerra, um soldado do batalhão naval, que ia buscar o rancho para o destacamento, pedia de uma vez, vendo ali um pipó, se lhe davam uma pinga de vinho. Responderam-lhe por mofa, sabendo que era esforçado e solido:

—Ahi está a quartota!

—E então?

—E então, é beber d'ahi!

Elle levantou-a pelos pentes, aguentou-a no ar, tirou-lhe o batoque, e bebeu.

Ha muitos annos, na feira d'Evora, dois irmãos tiveram uma altercação com um feirante por causa de uma melancia:—«Quanto custa a melancia?»—«Não se vende.»—«Porque não vende, você a melancia?»—«Porque não quero.»—Travou-se a lacta; acudiram os das barracas proximas, metteu-se o povo na contenda, houve pancadaria brava, e os dois irmãos varreram a feira.

João Anastacio da Motta, de Azeitão, montava a cavallo, deitava a mão a uma argola chumbada na parede, mandava fustigar o cavallo, que se agitava por partir, e permanecia firme com elle entre os joelhos.

Quando o capitão mór de Faro era rapazito, de quatorze, quinze annos, succedia ás vezes pedir a sua mãe para o levar consigo quando saia de sege; se essa senhora lhe dizia que não, o hercoesinho ia para traz da sege e agarrava o estribo. Batia o boleeiro nas bestas, as bestas não andavam. Diziam então da janella as creadas, rindo:

—Olhe; minha senhora, é o menino que está a puxar para traz!

Havia aqui um soldado, pastor do seu regimento, homem nervudo e audaz, que tinha por costu-

me, quando o cavallo embirrava em não se tirar de um sitio, metter-lhe o braço por baixo e pô-lo onde queria.

Homens que também primavam muito em robustez e em vigor, — foi um certo almocreve Philippe do Outeiro, que em Torres Vedras, no tempo da Maria da Fonte, agarrou o correio, e a quem, ao que se conta, o marechal deu um anno de direitos livres; e um tal Canteio, maioral do sr. João de Sousa Falcão, de Alpiça, que pega no rabo de um touro com uma só mão e sustem-o.

Outros ainda... Mas já não cabem; vamos ao Napoli!

O Napoli é um homem esbelto, pela natureza e pela influencia do exercicio — que lhe dá a graça vigorosa e possante dos heroes da palestra antiga. Um athleta! Vê-se que cuida do corpo e da força com a mesma attenção com que uma *coquette* pôde tratar da formosura. Em quanto os outros lêem romances, ou os escrevem, ou... os põem em pratica, vae elle cuidando das phalanges e dos musculos, bebendo sete garrafas de Carcavellos, comendo pouco mas sempre carne, e nos intervallos espremendo um limão n'um copo de vinho para tomar como refresco.

Isto em quanto ás forças do homem; agora em quanto ao homem das forças, eu já lhes vou dizer em duas palavras: — tudo, junto, que lhes contei dos outros... ainda não chega ao que elle faz!..

A NORMA PARA RIR

Não ha coisa escripta, a referir caso maior !

Nem as lendas da India, nem as combinações da phantasia e da cerveja allemã, nem sonhos nem delirios crearam ainda um facto mais sobrehumano !

Se um macaco empalhado me puchasse pelos cabellos, se um peru me dissesse *dominus tecum* ao vêr-me espirrar, se eu ouvisse miar uma estampa figurando um gato, se visse o retrato de um cão morder : se um goraz voasse deitando scentelhas terrificas pelos olhos, se um feto deitasse a lingua de fora e dançasse a polka no espirito de vinho da redoma em que está mettido — não admiraria tanto como ir achar-se a *Norma* quasi á esquina da travessa das vaccas !...

Esta travessa das Vaccas já tem visto muita coi-

sa! Viu o Blondin, viu o Léotard! Viu os leões! Viu os elephantes! Até viu os japonezes, os celebres japonezes, uns figurões de pão de ralla, todos da côr de um pataco, gente com itericia de nascença, e de olhos á banda como o chapéo dos fadistas! Eram muito bons. Nariz chato, tunicas sujas e sombrias, fazendo lembrar uns paineis velhos, que se vendem por ahi nos bazares!

A travessa das Vaccas viu-os de perto; teve-os aquartelados no seu seio, morando aos nove em cada agua furtada, e indo para o telhado por qualquer coisa, para acender o lume, para passear, para comer, para rir; de outras vezes pondo-se a assar sardinhas no meio da casa, em cima do sobrado, sem mais fogareiro, sem mais nada, brazas e sardinha, — trazendo a vizinhança em sobresalto, sem poder aturar aquelles moradores, receosa de ser presa das chamas, a que parecia convidal-a a mania funesta dos taes diabos!

Viu-os? Fez mais do que vê-los, a travessa das Vaccas; — ouviu-os. De vez em quando, puchava um da flauta, e o outro pespegava-se de guitarra ao peito, e elles ahi largavam a tocar pela noite velha até nem a guitarra nem a flauta poderem já consigo. Era opinião geral no bairro, que tocaram o peor possível: mas, como a musica japoneza é de origem celeste, o regedor nunca se atreveu a mandal-os callar.

Depois de haver presenciado casos tão extrar-

dinarios, a população d'esta travessa julgava não poder mais ser assaltada, nas proximidades, por nenhuma surpresa exótica.

Haviam por vezes estes indigenas, povo innocente e timido, ouvido fallar com assombro de uma freira tempestuosa, que teve dois filhos, creados longe de todas as vistas, n'uma pequena habitação selvagem, e que de repente começou a achar-se ao mesmo tempo feliz e desgraçada de ser mãe d'elles, por lhes querer bem e mal, adorando e ao mesmo tempo aborrecendo n'elles o amante. Devis esse amante partir para Roma, e receava ella ficar abandonada com os pequeninos a todo o horror da sua situação.

Sabia tambem a travessa das Vaccas, — porque tudo se sabe! — que uma Adalgisa, *a tal Chiça* lhe chamava á porta um garoto dos que vendem sê-nhas, — freira pallida, de olhos inundados de paixão e de nervoso, isso a que se chama ter uma pontinha de febre, quizera fugir com o homem da outra, e deixar para sempre a sombra fria da floresta sagrada, por não poder offerecer já ao culto da divindade senão uma alma distrahida, estonteada, que o amor puzera em bolandas!

Esta celebre historia interessára profundamente os serenos habitantes d'este pequeno povo, propenso de seu natural á ternura. Sempre as passagens poeticas encontraram acolhimento favoravel n'esta localidade, o que profundos auctores procuram

explicar pela proximidade em que está da Cotovia — em cujo cimo Ulysses com tanto engenho persuadiu ao amor do bello. Era portanto sabido d'estes moradores que *a tal Chiça* — lá me ia enganando! — que Adalgisa procurára a Norma por ser esta a Grã-Sacerdotisa — e advirtamos os menos cultos, que sacerdotisa não quer dizer mulher de um sacerdote, porém sim uma especie de sacerdote femea; sacerdote femea, tambem não: enfim, sacerdotisa... façamos de conta que não quer dizer nada, e prosigamos! — com o proposito de enternecel-a e obter que lhe quebrassem os votos.

Norma, porém, que era abbadessa, foi ouvindo e desconfiou da obra:

— Quem vem então a ser esse precioso moço, pelo qual me dizes ter uma paixão?

— Não é de cá.

— Ah! Não é de cá!

— Não senhora.

— É boa! E então de onde é?

— De Roma.

— Romano! Dize tudo, conta-me, conta-me...

— Ahi vem elle! responde a freirita, avistando o proconsul, que apparece á porta gravemente perturbado de vêr juntas as duas rivaes.

— É este?

— É.

— É este?!.

— É, sim senhora. Este mesmo é que é!

Então, sem demora, pernas ao caminho, entrar em casa, de noite, e ir-se aos filhos que estão na caminha. Na caminha? No meio do chão, segundo o circo, que não quiz considerá-los como creancinhas adormecidas no centro de taes tempestades, sonhando com flores, aromas, e canto de aves,—mas como dois lanzudos latagões, que fazem a mãe velha e que dão déveras appetite... de um infanticidio!

De mais a mais, os broncos dos pequenos não poderiam viver; se fossem descobertos, certo lhes era o supplicio e no caso de irem para Roma teriam de soffrer os desdêns da madrasta; entretanto, no momento de despedir o golpe, commovem-se-lhe as entranhas de mãe: feios ou bonitos, ás mães todos lhes parecem formosos: já a macaca da fabula perguntava aos viandantes se haviam encontrado na estrada umas creancinhas lindas; e, ao responderem-lhe que só tinham visto passar uns macaquinhos asquerosos, ella acudia: São os meus filhos! — Concebem-os, nutriu-os, têm-lhe sido sorriso na tristeza, unico raio de luz das suas noites... Irem pagar pelo pae, para que o sangue d'esses innocentes recaia sobre elle e o remorso lhe fique perturbando para sempre a felicidade nos braços de outra... Não o faz; não tem animo; confia-os ao cuidado da rival, pede-lhe que lhe sirva de mãe, e os leve com o seu perdão.

A travessa das Vaccas sabia d'isto:—mas, ter agora, a dois passos, ali na distancia de um aperto

de mão, a impiedade, o sacrilegio de um homem surprehendido no asylo das noviças e dando occasião a taes desastres, produziu-lhe um grande abalo; não porque este bairro não seja romantico, é até muito romantico: porém, não é tragico e é virtuoso!

A educação das parodias ainda não é considerada aqui como um ramo de primeira necessidade: contenta-se a gente com algumas parodias que por ahí apparecem, que os imitadores conseguem fazer, muito ao serio,... deitando a perder as obras boas. Apanhar as feições de um modelo, e accentual-as no sentido ridiculo, é a caricatura; mas acertar com a idéa poetica quando ella fór elevada, e ir gracejando ao mesmo tempo, — não é facil.

Já a mesma companhia representou a parodia de *Lucrecia Borgia*; mas o assumpto e musica d'essa opera prestam-se mais a que se brinque; ha a scena do insulto, a folia em casa da Negróni, festa e embuscada, cantigas e canto-chão, tudo encopado nas beberagens que foram o terror da Italia. Ali os vinhos são venenos, e as velas que alumiam a funcção servem de cirios no funeral sem se adivinhar os esquifes por traz do garganteado das canções. Na *Norma* ha as lacerações da alma humana, é tudo sereno e grande, e a côr tragica acompanha constantemente a musica; d'ahi provem a difficuldade de fazer rir cantando esta.

Imagem a mesma peça de S. Carlos, a mesma floresta, a mesma pedra druidica, o mesmo raio

de luz atravessando o cume do bosque, a mesma lua mostrando a casta pallidez, a mesma brisa nocturna nas folhas orvalhadas, a mesma alma de Bellini, emfim, a mesma musica,—e para rir!....

Se fossem italianos os que a cantassem, tudo isto seria simples; os italianos cantam tudo, e sempre, porque assim lh'o pede a sua organização apaixonada, o genero da musica d'elles, a prosodia da sua lingua cadenceada e harmoniosa; mas portuguezes, tendo de se augumentar com uma lingua douta, positiva, exacta, firme, mas pouco euphonica, e de aprender de ouvido a musica mais difficil que se conhece, a *Norma*, em que o canto se ergue e rompe, sem ornatos e roupagens de orchestra, limpido, nú, exigindo ter muita voz e saber cantar na perfeição!

É um horrôr e um prodigio; chega-se ás vezes, ouvindo a dama, que é afinada, e canta a sua parte umas vezes com a voz que tem, outras com a voz que não tem, e o tenor que tem uma voz extensa, e de timbre agradável, a ficar pasmado.

Pobre tenor! Enquanto os Mario, os Naudin e os Mongini têm dois contos de réis por mez na garganta, ganha elle dezoito mil réis, seis tostões por dia, para sustentar familia, vestir-se, comer, beber, e fazer milagres — cantar a *Norma*, por exemplo! Durante dois mezes esteve este homem amarrado a um piano até lhe entrar na cabeça toda aquella cantoria do proconsul Pollion—sem saber uma só nota de musica. Chega a ser impio ouvir aquella vez fresca,

espontanea, doce, e lembrar se a gente que, se por acaso elle se perder n'uma phrase, nem Dens lhe vale, quanto mais a orchestra, — e que se arrisca a estragar a voz, como estraga um instrumento quem tocar sem haver aprendido !

Havia um mestre de canto que, depois de aconselhar os discipulos a estudarem bem os segredos da respiração, fazendo-lhes sentir ao que poderia arrastal-os o descuidarem-se d'isso, costumava abrir um armario velho onde estava arrecadado um esqueleto e mostrar-lh'o : — Vêem ?

— Que é isso ? respondiam os rapazes aterrados.

— Era um dos meus melhores discipulos, emquanto a merecimento, mas não fez caso da arte de respirar, e declarou-se-lhe uma tysica que o levou á campa !

— Ao armario ! diziam os rapazes.

— Sim, ao armario ou á campa ; é a mesma cousa.

Que esse esqueleto se apresente tambem á idéa do moço tenor da *Norma*, e o advirta de que, para não arruinar o peito nem os dotes que possui, é urgente estudar. Ha, para isso, um conservatorio.

INSIDAIS

Lisboa, de tempos a tempos, inventa uma locução, arma á moderna um termo, ou muda-lhe de significado,—para que se não fique em duvida de que é capaz de inventar alguma coisa! Primeiro foi: —«Ora não fostes!»—depois—«É o mais que se poudo arranjar!»—mais tarde o—«Piteireiro»—e agora a «insidia»!... Quem faz estas coisas, que correm o reino inteiro? Ninguém. Toda a gente. Quem fez as pyramides do Egypto, sabem? Nem eu. São anonymas como estes ditos. Vão lá tambem apurar quem creou o «janota?» Ninguém... Toda a gente...

O «piteireiro», esse entrava pelos olhos... e pelo nariz, em uma pessoa o encontrando de carantonha florida pelos pampanos do deus, descrevendo árabescos até cair nas sargetas—que sempre conheceu

peçoalmente—, gasto, estragado, desdentado, calvo; e era até escusado para se dar por elle ser pitoresco a tal ponto, porque os havia e ha mais modestos:—os que titubeiam, aos dois e aos tres de braço dado, perdendo sempre algum d'elles uma bota, e indo perguntar a cada taverna se a viram por ali passar:—outros em festiva caravana, função de bodas, a sucir com os noivos:—alguns, estafados de trabalhar e de beber, procurando esquecer-se da familia que deixaram em casa sem pão: outros até de casaca, muito graves, vindo de um enterro, amigos consternados que acompanharam o corpo desde casa á cova e vão beber os decilitros de consolação, os decilitros da saudade...

A «insidia» porém é outra historia, e tem mais que se lhe diga! Não é a velha «traição» dos dicionarios, a «cilada» do tempo das prosodias; é concerto recente, arranjo de occasião, o remoçar de um vocabulo, uma palavra a alargar-se, a pôr-se á vontade, a tomar certa significação complexa... Querer defini-la seria roubar-lhe a graça, tirar-lhe o aroma. Não é d'esses dichotes do tamanho de um gigante... É uma intenção, uma phantasia... Não tem côr, não faz bulha, acha-se onde não se espera, está em toda a parte. Vae-se a querer segural-a, e escorrega...

O vinho, no systema das «insidias», — parece ser considerado como o padre mestre, mas nunca se usa dizer abertamente ser d'elle que venha o damno;

não ha vinho mau, nem vinho que faça mal... Toda a uva se come com proveito — porque não se hade beber qualquer vinho?! O mal vem do lado; vem de um parceiro que «não entra — como se lá diz — na bebida»: homem frialão, de olhar indeciso, cara e geitos que fazem lembrar o bichinho chamado «Louva a Deus», especioso que não se exalta nem faz saudes, o parceiro que bebe agua! D'ahi vem a «insidia». O que turva um homem não é o vinho que elle bebe; é a agua que bebe o outro! — A não querer attribuir tudo á comida. Porque emfim, o que bebem elles? Collares. Nem sequer d'esse Collares que por ahi corre, aguardentado já: — mas Borjaca, o que ha em Collares mais innocente; o bom Borjaca! que já dá nome ao pipo e envasilha na alcunha a immortalidade!... Ah! Não é n'elle, não, não é n'elle que está a «insidia»; — é na feijoada com as pingues postas de toucinho! no arroz á vallenciana — divindade a que os romanos do tempo de Horacio haveriam levantado altares! — no appetitoso cheiro do lombo assado, na sardinha que pinga em cima da brasa viva, na linguica que rechia a rebolar nas grelhas!...

Outros vêem na maneira porque está posta a mesa todo o segredo do caso. Ha ramos e ramos de flores inuteis a infeital-a; ha violetas sobretudo... Os miasmas do Perú, de envolta com tal perfidia de aromas, exaltam a imaginação, armam expansões, alegrias ruidosas, queixas sentimentaes, petulancias...

As vezes, vem os doces acabar de estragar tudo; invenções tolissimas, nata com baunilha!—De outras occasiões, estas manias da moda franceza trazem o Champagne cedo de mais;—ainda o sujeito tem cousas que tratar com o Porto, e não se acha apto para entrar de vez com aquelle vinho scintilante que é como que os foguetes da festa, o «rondó», e grito final do vivório!

A «insidia» é um cento de cousas...

Agora, por exemplo, tempo de mudanças, pôde ser logo a casa onde se vae morar. Se é nova, se é boa, sa é cara—que de condições insidiosas para lograr ser admittido a inquilino! Fervem explicações, o senhorio primeiro que tudo mostra o inquilino á familia e faz consulta; se o homem não fica reprovado á primeira vista, fecha-se com elle n'um gabinete, examina-o demoradamente, e no caso de não lhe desagradar sua physionomia, de lhe achar boas maneiras, voz insinuante, presença gentil, manda-o sentar e passa a perguntar-lhe quantos annos tem, qual seja sua profissão, se é de temperamento lymphatico ou sanguineo, bilioso ou nervoso: quer saber a que horas recolhe, que amigos tem, se usa botã cosida ou de pregos: depois apalpa-lhe o pascoco, despede-o se lh'o encontra curto e favoravel a apoplexias, ou intima-lhe—caso de o aceitar—as condições mais severas, não esquecendo a de estar á janella duas vezes por dia esfregando as mãos ou cantando—para inspirar inveja a quem passa e dar valor ao predio!

Ou então, se mora elle proprio n'um dos andares, e se lhe dá para não querer na escada familia que tenha creanças, encontra um dos inquilinos em vespas de ser pae e diz-lhe redondamente:

—Othe que o dia 25 é no sabbado!

—Bem sei.

—O senhor põe escriptos, não põe?

—Para que! Se eu fico!

—É que, pelos modos, sua mulher, muito minha senhora, está no seu estado interessante...

—Está. De oito mezes.

E o senhorio redargue:

—Ora queira Deus que isso não vá a mais!

É tudo, tudo, por uma penna, a insidia! Para quem anda na sociedade— é aquella moda nova que têm as senhoras de se degotarem por baixo de um corpete transparente. Não sei qual é a opinião do leitor a este respeito? Para mim é muito mais do que estar degotada. É a «insidia» de mostrar, sem deixar ver!—Para quem vive na outra extremidade social, para quem foge do Limoeiro, por exemplo, deseja guardar-se escondido, e tem boas razões de querer que o não conheçam, as carvoarias do Alemtejo estão mesmo de lá a piscar-lhe o olho... Vae o heroe, fica preto, muda todo de um dia para o outro, e pode viver que é uma delicia longe do mundo e dos seus habitantes. Ou então, se lhe dão gosto as brisas do mar,— que me dizem a passar para a costa de Caparica, ajudar a puchar

as redes, ganhar um pataco por dia e a caldeirada, e desfructar o prazer de não vêr por lá policias civis — nem incivis? «Insidias!»

Até o somno as prêga. Ha um homem casado que tem o costume de fallar de rijo a dormir. Sabe isso perfeitamente, e tolhe-o esta pecha de saborear á vontade as doçuras de uma soneca boa, — porque, apesar de ter poucas culpas no cartorio, receia descobrir, repousando ao lado da esposa, alguns rasgositos que possa ter feito nas escripturas nupciaes. O que fez? Imaginou uma «insidia». Uma noite em que a mulher não podia pregar olho, fingiu elle dormir profundamente e resmungou como se fôra em sonhos :

— De ti, de ti é que eu gosto, morena! Morena. é por ti que eu morro!

A mulher sentou-se logo na cama, e ficou pasmada. Ellê fingiu accordar sobresaltado, e teve de responder sem demora a um tremor de terra de perguntas. — Riu-se.

— Era brincadeira! disse. Fingi que sonhava para te metter ferro!...

— Cuidas que sou tola!?

— Não és, não. Não tens nada d'isso. Mas levanta-te d'ahi, que eu vou mostrar-te em cima da mesa de escripta um papelinho em que hasde ler o que eu te disse. Queres vir?

— Vamos!

Foram, e a senhora julgou pelos seus proprios

olhos da verdade da que se lhe affirmava.—N'uma d'estas noites, porém, estando elle a dormir e a sonhar deveras—sentiu sacudirem-o com ancia, e viu a mulher a rir.

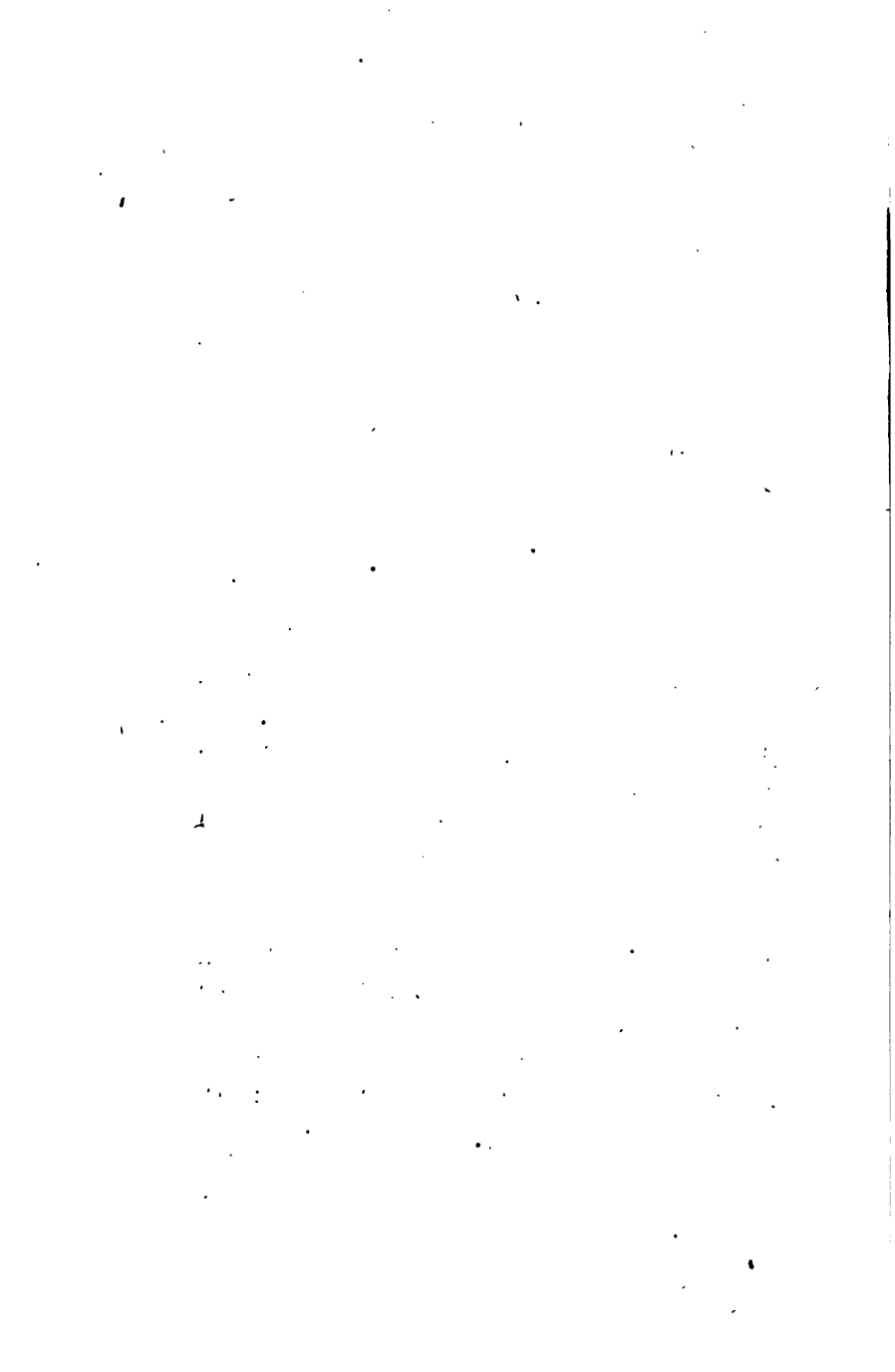
—Perdes o teu tempo, meu riquinho! Escusas de estar a fingir namoros! Inventa outra coisa, essa já não serve!...

«Insidia! Insidia!»

As peores, porém, são as das cousas sérias. «Insidias» das lettras, da governação, da politica.

Diz o marquez de Maricá n'um livro de maximas publicado em tempos no Rio de Janeiro, que se este mundo é uma casa d'orates, mais o são os que se affnam para serem seus administradores ou enfermeiros. E é assim mesmo! As «insidias» mais trabalhosas são as que perseguem a gloria. Não se chega a apanhar logar nobre no campo do talento, senão entre lagrimas. É a religião da arte! Não se faz nada sem ter alma grande, e ir direito pelo caminho, de vista fixa no ponto a que se aspira, sem olhar para a direita nem para a esquerda,—e ainda menos para baixo,—erguendo sempre a cabeça para o céu, em vez de a curvar para o chão—como os porcos, que ruminam e procuram na lama...

Ha principalmente uma certa «insidia» para com a qual toda a cautella é pouca. Anda sempre incognita, de veu, pespegando-se diante da gente a empecer o caminho... Com essa é preciso juizo: chama-se — Amanhã!



ALCANTARA

O melhor de tudo, é deitar a pé até lá!

O exercicio é indispensavel para o augmento e conservação da força! Ha gente sem animo de se mecher de um logar para o outro, incapaz de ir a pé do Rocio ao Chiado, que conseguirá no fim de pouco tempo — mediante o uso de andar diariamente meia legua — o poder andar legua e meia sem isso lhe custar nada!

Tudo vae de saber dirigir o exercicio, e fazer com que elle esteja de accordo com alguma diversão de negocio ou recreio, — em vez de ser apenas movimento mechanico. Andam muito os inglezes e têm uma saude de ferro; cuida a gente ao ver aquelles homens arrojados que haja sido a natureza que os fez assim, e não foi: fizeram-se elles, com as boas mar-

chas, as passeatas largas, o não andar de tipoia por qualquer coisa! Andar! Andar! Já na velha marcha da *Prophecia* se cantava isto: «Andar, marchar, caminhar, viver!» É verdade que elles iam trepados em camellos; mas, de alguma maneira, era talvez como se fossem... pelo seu pé!

A historia resa de muitos homens que se salvaram por mecher as pernas; Herodoto, uma lesma, todo elle maus humores, poz-se bom a andar: o mesmo succedeu a Socrates e Agesilau. Ninguém deve morrer senão de velhice: morrer de doenças e macacôas, é despresivel. O celebre Pero Gallego, que, no tempo de D. João III, deu tão grande brado em toda a Hespanha enrijou e principiou a celebrar-se pelo muito que andava, na sua terra de Vianna do Minho, em passeios com outros amigos, moços todos, destemidos. Não ha coisa que mais forme o brio do que é não se pôr cada um na contingencia de não servir para dar dois passos, e expôr-se mais dia menos dia a invejar a sorte dos entrevados que estão sempre na cama sem se lhe poder chamar mandriões!

Vamos a Alcantara! E se não querem de todo ir a pé, vamos no omnibus, ao cair da tarde, deixando os olhos relancearem um painel magnifico, de um lado a cidade, do outro o Tejo a fugir: uma funcção, o que ha de melhor como funcção — desde a partida alegre no Pelourinho, omnibus *qui omnibus lá*, como o Figaro no *Barbeiro*, e vamos n'este da com...

panhia, e salta para aquelle que tem bom andar, e toca a ir no outro com aquellas «madamas», ou então em cima, ao lado dos cocheiros, gravissimos, sem quererem conversar nem responder. Fortes homens! Isolou-os a sorte no alto da almofada, e ali se conservaram serios, taciturnos, olhando para tudo sem ver—para não terem tambem de ver o policia que os convida a não ficar eternamente no principio da rua do Arsenal.

O principio da rua do Arsenal é a sua seducção; ha ali uma mulher que tem logar de fructa á porta de uma escada: os cocheiros param sempre defronte, como se quizessem dizer-lhe uma coisa; isto ao principio devia perturba-la, mas á força de ver omnibus e mais omnibus irem fazer-lhe ali a continencia, já não pensa n'isso provavelmente e são capazes até de a fazer perder o costume de pensar.

Aia! Por ahi fóra, alegremente! Ou dentro da gaiola, de conversação com os do rancho, ou na varanda dominando tudo, a dois metros por cima, de quem passa, sorrindo dos sustos e transtornos que os trens occasionam, fumando, olhando para as janellas á hora indulgente do largar da agulha...

Não ha prazer mais doce do que uma viagem d'estas, a que nem todos vão, que nem todos conhecem, e onde se chega sem fadigas, sem privações, e sem difficuldades serias. Ali não ha obstaculos, não se compra cara a satisfação de ir ver, e tem um homem a certeza de poder voltar a pé, e vir.

dormir á sua casa; isto para um portuguez como qualquer de nós, sempre dados a um modo de gozar que obedece á attracção da patria, é delicia! Não quero referir-me ao culto do campanario: a gente já não gosta do horisonte com o mesmo sesto de estima com que os paes gostavam: para elles era o quadro das tradições e das memorias caras; em que tinham lingua as paredes e as arvores, para nós é o cantinho onde se nos concentram os interesses, onde temos os habitos e as relações, a loja, o escriptorio, o armazem, o emprego. Por isso para nós é tudo o ir depressa, e voltar mais depressa ainda; não sair da estrada larga, nem das exigencias da linha recta; ir menos pelo prazer de ver, do que para a satisfação de dizer: — Já vi!

A chegada a Alcantara é apparatusa: passam-se as portas, respira-se ar de independencia, espalha-se a vista para os campos, vê-se a grande quantidade de gente que vem e vae, carruagens, cavalheiros, peões, e, no meio do largo, como consoladora garantia á tranquillidade publica, o famoso Agua-fresca, cabo de segurança que ha muitos annos se segura ao seu posto, fazendo o serviço de todos os cabos do sitio, que estão nos officios, em quanto este Agua-fresca que tem a vantagem de não ter officio algum os representa em globo. Costuma-se dizer «moveram-se como um só homem», e d'esta vez é assim; quando se move o «cabo assistente»

Agua-fresca, é como se se movessem os cabos todos — e move-se elle sósinho!

O theatro fica na direcção da fabrica da polvora; segue-se por uma magnifica rua bordada de arvores, accacias e negrilhos, e vae-se dar com elle muito bem assente na quinta da Varzea, que communica com a chamada horta da Navia, brilhante e espaçoso, com umas poucas de entradas, corredores largos, bastantes camarotes, galeria, três platéas, dez bastidores, dez camarins, theatrinho campestre de trinta e dois metros de extensão, calculado e distribuido com gosto e com acerto.

A nossa época não é de imaginação nem de poesia; só lhe interessa profundamente a realidade; já lá vae para a sciencia o tempo dos systemas, chegou o reinado das experiencias directas; quer-se na historia a verdade absoluta; no theatro o meio seguro de triumphar é contar á noite o que o publico viu e ouviu de manhã, embera o que viu fosse feio e fosse doloroso o que ouviu; na imprensa, o annuncio em fórma de noticia, ou a noticia em theatro da annuncio.

E é o que eu faço hoje, — o annuncio do theatro, por isso que só o vi de dia. A companhia, nascida hontem, recrutada á direita e á esquerda, reforçada por algumas figuras que conhecem a scena; vae por certo trabalhar com a ancia de quem edifica; o que falta mais por fim de tudo, não é actores, é peças; em apparecendo alguma de me-

recimento, saem artistas debaixo do chão e ha logo algum em quem ninguem reparára nunca que pula de um salto á nomeada de bom actor.

O tempo não póde ser de melhores auspicios, para um theatro d'aquellas condições: apanha metade de julho, tardes calmosas e noites frescas; d'aqui a nada entra agosto, no nosso clima o mez mais quente do anno e o que melhor convida á passeata e á romaria: por outro lado, pouco falta para chegarem as nortadas que apanhem na estrada quem, fôr para Belem e o recolham n'aquelle theatro a meio caminho: diziam os antigos «primeiro de agosto primeiro de inverno» porque o sol já tem descido muito e é n'esse mez que vêem o que a gente do campo chama as primeiras aguas, uteis para tudo—até para que o theatro de Alcantara saia *a gosto*.

Não entrem já a desconfiar do bairro; o bairro é excellente; não ha bairro mau para um theatro, onde haja bastante gente, e mais theatro nenhum. De inverno, por exemplo, nas longas e pesadas noites de chuva e de lama, quem ha de ter animo de vir de lá por aquella Pampulha acima, para se apresentar com uma representação no Rocio ou na Trindade, de pés molhados e envergonhadissimo de lhe fazerem *chui* na platêa, quando romper em espirros de um defluxo... que passou as *barreiras*?

Irão para o seu theatro—basta este gosto, de dizer: o meu theatro! Vou para o meu theatro!

Anda para o meu theatro! — aquelle que gostar de cear cedo, vae n'um intervallo a casa, que é defronte, toma o seu chá, assiste ao deitar dos pequenos e é capaz de dizer á mulher que vista o *water pruff* e leval-a ainda á farça.

Vae ser um paraíso!

N'aquellas fabricas ha cinco a seis mil operarios gente de lida e de trabalho, que ha de por isso mesmo gostar de se poder divertir. Já se quiz armar em Alcantara a feição politica e a tendencia para as *grèves*. Historias! Ninguem ali gosta de *grèves*, porque já está visto que prejudicam toda a gente, nem podem ser olhadas senão como meio supremo de resistencia, quando os trabalhadores não tiverem outra maneira de manter n'algum dado caso os seus direitos iucontestaveis.

Aos domingos haverá funcção de tarde, e á noite. As tardes dos dias santos em Alcantara são famosas pelas festivas ranchadas que se sentam ao longo da ribanceira, comendo e vendo quem passa em quanto vasam o copo; familias para quem o petisco é recreativo, e que — por não ousarem ir ao *Matta-ratos*, o qual ostenta em pleno largo as innumeradas portas que ainda vão dar volta ás Fontainhas, — têm preferido a trincadeira ao ar livre, não a uva *trincadeira* ou rabo de lebre como se usa chamar-lhe lá fóra, mas qualquer coisa de carne ou peixe, um queijito branco até, que *faça bóca* a uma garrafa que se mande buscar ali mesmo ao armazem do *Vinagreiro*.

D'aqui em diante — além da ribanceira, theatro ! o que não quer dizer que se supprima o petisco, mesmo porque o proprio de um divertimento é estar sempre o publico... de *bóca aberta* !

Ha ali um caneiro, — o fallado caneiro de Alcantara — que tem prosapias de afogar gente. Uma impostura ! O illustre e já citado Agua-fresca nunca o perde de olho ; e ha, além d'isso, uma quantidade de pequenitos que ali brincam e patrulham — por signal bem feiosinhos : uma pessoa não seria capaz como Pharaó de os afogar nas ondas do Nillo, nem como Herodes, de os degolar ; mas tambem não dão appetite, aquelles indigenasinhos alcantarenses, de dizer como outr'ora o nosso Redemptor :—Deixae vir a mim os pequeninos !

N'esse caneiro — ha gente para tudo ! — cae de vez em quando um ou outro, apesar dos pequenos e do Agua-fresca ; mas creio que isso é apenas pelo gosto de dar incommodo, — porque em algum lá se deitando, logo o povo de Alcantara principiã a puchar por elle até o tirar. A semana passada deitou-se um, mas nú : deixou o fato no enxuto, e zás ; quando um marujo o salvou, as mulheres que iam passando romperam em gritos de pudor e por pouco não se atiram ellas ao caneiro — para não o verem ainda mais á fresca fóra de agua. Conta-se que uma vez, andando a concertar-se um convento e estando as freiras n'uma galeria coberta que circumdava o pateo, sem ousarem ir para o jardim com

medo de ser vistas pelos trabalhadores, rebolou de repente um pedreiro pelo telhado inclinado da galeria e foi bailar lá abaixo! as freiras conchegaram os veus, sem animo de lhe acudir, e foram para o côro resar por elle.

Em Alcantara, é-se mais humano: quando apparecem d'estes *pseudo afogados* não ha dedicação e caridade que não se ponha logo em movimento: vestem-os; conduzem-os um instante á estação; dão-lhes depois algum dinheiro; e d'aqui em diante provavelmente... até hãode de leval-os á noite ao theatro.



O DR. THOMAZ DE CARVALHO

AO DR F. F. HOPFFER, EM CABO VERDE

Está melhor. Está bom. Já sae.—Não haveria maneira de o dizer a toda a gente que m'o pergunta, se não o publicasse pela imprensa; seja pela imprensa.

Ha tres mezes que—todos os dias—em minha casa, na rua, no Instituto, nos theatros, nas imprensas, tenho tido de responder, obra de dez vezes por minuto, a esta pergunta:

—Como vae Thomaz de Carvalho?

Durante o periodo da doença, ia á sua porta perguntar noticias d'elle tudo que ha em Lisboa notavel, illustre, famoso; mas por não entrarem uns, e outros por quererem já saber á tarde o que hou-

vera desde a manhã, ou á noite o mais que tinha havido depois da tarde, até esses—além dos outros—me perguntavam também:

—O Thomaz de Carvalho?

E por não ser apenas uma questão da cidade mas do reino, de um ponto e do outro me pediam informações, querendo este saber a historia da doença, desejando aquelle uma resenha fidedigna, um fazendo-me o favor de appellar para mim por não querer fiar-se nos jornaes, o outro exigindo-me o dizer-lhe terminantemente se escaparia ou não...

Alguns consideravam em tal ponto a nossa familiaridade que exigiam que eu lhes contasse de que natureza eram as dôres, julgando-nos da força d'aquelle marido de dançarina que dizia da mulher: —«Esta noite não *podemos* dançar; doe-nos o joelho!»

Por entre esta correspondencia, sempre amavel é certo, mas um pouco exigente e difficil, vinha uma ou outra carta de algum amigo intimo, afflicto pelo doente e a quem eu receava affligir ainda mais se lhe dissesse o triste estado em que o via. O dr. José Avellar, por exemplo, escrevia-me de Villa Nova de Portimão: «O que teve e o que tem Thomaz de Carvalho? Ha muito tempo disse-me o Valdez que elle estava muito mal, e ainda agora ha pouco vi que o seu estado era melindroso. E' homem com quem se possa contar ainda, ou vae para o rol dos Mendonças e dos Rebello?»

N'uma das primeiras manhãs d'este mez, estando elle já convalescente em Cintra fui vel-o ali, passei o dia com elle, voltei á meia noite:—mas, que mysterio, que eu fiz d'isso! A charneca, quando por lá passei fechado, cuidou talvez que fossem precauções de reverencia para com o frio que por ali faz sempre;—vaidosa! Não era por causa d'ella, não; era para que ninguem me visse, e para não apparecer n'algum jornal:—«Vamos ter noticias do dr. Thomaz de Carvalho; hontem foi a Cintra visital-o o sr. Julio Cesar Machado e ámanha obteremos d'este nosso amigo informações exactissimas para dar aos nossos leitores a respeito do illustre enfermo». E no dia immediato quem havia de parar com perguntas por essas ruas!

Vi-o em Cintra, vi; docemente alegre de reviver no centro d'aquella natureza vecejante—depois de haver avistado de tão perto as margens sombrias... Vi-o enfraquecido de lutar, mas contente de haver escapado de tantos perigos, de encontrar de novo a esperanza, a luz, o dia; de tornar a vêr as pessoas queridas, e aquell'outros amigos—que são os livros, amigos que consolam sempre e se conservam fleis; e poder ainda sorrir, conversar, admirar, amar, viver!...

Estava prompto. Mais umas semanas de paciencia, de cautela, de não comer quanto o aconselhasse um appetite capaz de devorar um boi ao almoço; mais uns dias para enrijar, para crear animo e for-

ça, para dar tom ás pernas,— e ahi ia de novo voltar para o ruido exterior, para a escola, para a camara, para a politica, para o mundo, aquelle extraordinario talento, e poderia eu emfim dizer a todos: — Está melhor ! Está bom ! Já sae !

O que teve elle ? Não sei. Deu-lhe uma coisa, como diz o povo. Esteve doente, e já está bom ; é o caso.— Caso, ainda assim um pouco demorado porque o teve trinta dias á morte, guardado n'aquelle quarto um pouco escuro da casa em que tem morado ha muitos annos. Conhecem o quarto ? Gabinete de estudo, e museu de amator, tanto mais interessante que reflecte por alguma maneira o character, habitos, genero de predilecções de quem o constituiu com o gosto e cuidado inseparaveis de sua indole. Ha ali muito da sua individualidade ; é tudo d'elle e por elle ali ; uma especie de transfiguração de sua pessoa ; como que o sobretudo d'aquelle espirito multiplice e fecundo. Ao mesmo tempo, quarto modesto e reservado—como convem para o estudo, não tendo sequer a indiscrição de olhar para as ruas, abrindo as janellas para o larguinho—ou antes para o *estreitinho*—chamado d'antes pateo do Regedor.

A quem fosse bater áquella porta e perguntar :

— Está em casa o sr. Thomaz de Carvalho ?

Bem poderia o criado responder :

— Qual d'elles ?

Porque ha quatro homens distinctissimos, reuni-

dos n'este homem só — que é, ao mesmo tempo e em grau igual de superioridade, homem de sciencia, artista, litterato, orador: de mais a mais, homem do mundo, das salas, das conversações, dos epigrammas, dos gracejos, dos bons ditos!

Uma vez lá dentro d'esse quarto, e sentando-se uma pessoa n'alguma das raras cadeiras que os li-vros e a papelada deixassem de voltto ás visitas, era cavaquear e questionar á vontade — mas cuidado com o que se dissesse, e attenção firme a não ir de encontro a alguma coisa do que constitue por convicção, capricho, certeza ou paradoxo, o objecto de suas preoccupações: — aliás, acautelar da réplica! — Se porém, ao contrario, o meu amigo leitor dirigir a conversação com elle por theor que lhe agrade — nunca em sua vida ouviu conversador mais instruido e vivaz, e nem terá talvez ensejo de o observar — a tal ponto haja de sentir-se sob o endanto da sua palavra imaginosa — quando elle alguma vez se interromper a procurar mentalmente uma circumstancia, uma data, um episodio, um nome, e passar a palma da mão direita pela testa desde a raiz dos cabellos, baixando-a depois até á compridissima suissa, e encontrando no meio d'isso aquelle nariz sagaz e agudo que lembra a aguia!

Presentia a doença, e nos ultimos tempos havia diminuido consideravelmente a alegria que tantas vezes se lhe admirava. E que alegria! Lembra-me por exemplo a noite em que partimos para Paris em '67.

Depois de haver estado annos em França, a idéa de vér outra vez aquella terra, ao cabo de longa ausencia, dava-lhe como que a vertigem da felicidade: e não ha maneira de descrever o contentamento em que estava por se libertar uns mezes dos enfados da vida trabalhosa, e ir viajar. Viajar!? Se elle queria ir a toda a parte, a Italia, a Inglaterra, a Allemanha... Vi-o em termos de envergar o trage de peregrino, commodo e garrido como um dominó, ópa larga, cheia de rosetas e de conchas! Haver-se-hia disposto tão facilmente a ir fumar no cachimbo do grão turco que se prendesse de amizade para com elle,— como a patinhar na Russia — ou a passeiar entre grinaldas n'algum valle da Suissa, entre pastores e pastoras, gente meiga e poetica que até parece talhar o fato com que se veste nas folhas das arvores e nas pétalas das flores!

De que gosta elle mais?

De musica, de poesia, da formosura, do talento, da sciencia,— e mais que tudo talvez — de creanças.

Tambem dizem que não desgosta de tempos e tempos das guerras galantes da polemica, e que se sente n'esse elemento como o peixe n'agua, não havendo quem o exceda na habilidade de enviscar o inimigo em alguma situação ou phrase de ridiculo, apertando-o, empolgando-o, agadanhando-o, e despedaçando-o até o deixar no fio!

Ha occasiões em que se procuraria difficilmente

na vivacidade dos seus modos a famosa gravidade do sabio, como têm ou se diz que têm a maior parte d'elles. Gosta de poetas e de phantasistas, estima a sociedade alegre, agrada-lhe a mocidade.... E a mocidade paga-lhe bem. Os estudantes, — que não são faceis em escolher idolos — adoram-o como professor e vão á sua aula como a uma festa. E entretanto essa aula, — é anatomia! Mas lembrem-se das prendas d'aquelle espirito que sabe tornar deleitosos os assumptos mais aridos — se querem comprehender sem hesitação que em tanta maneira se possa achar encanto n'essas lições. Tem logar marcado e distincto entre os eruditos, — e ao mesmo tempo o espirito critico, a philosophia aventureira, o genio gracioso que attrae e seduz.

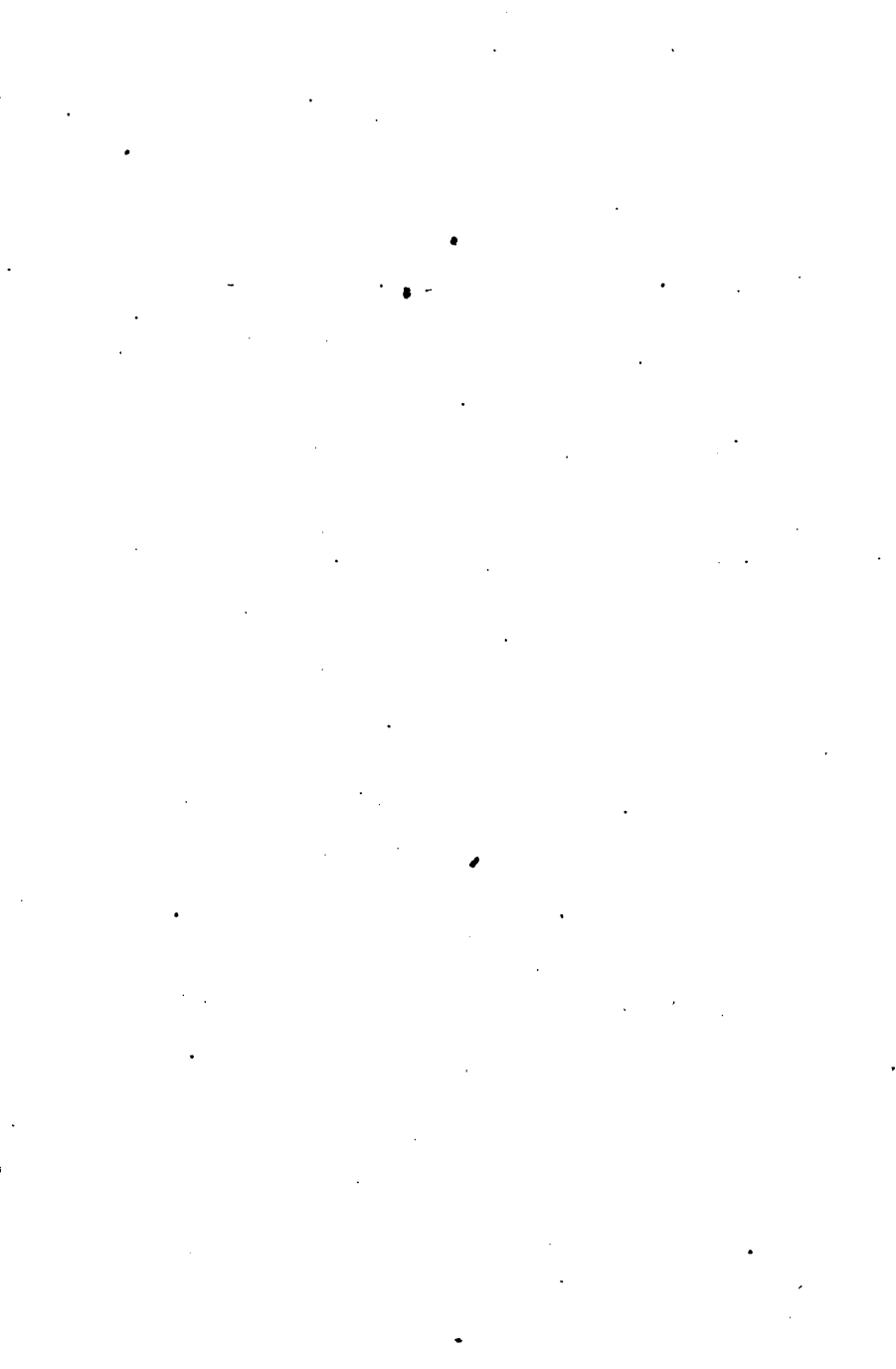
Quando está no meio dos seus livros, lendo, escrevendo, exhala-se de quanto o cerca um aroma de simplicidade antiga, de que se compenetra o espirito fazendo-o remontar a outras eras. Faz lembrar aquelles grandes eruditos que se minavam na febre do saber, e que por um achado de algum manuscrito inedito de Cicero haveriam dado todos os thesouros e honras do mundo. E pergunta a gente onde vae elle achar tempo para saber tudo e para ler tudo? Depois, á noite, n'alguma sala, no theatro, ou no Gremio, em conversação a proposito do que se quizer, vae espalhando thesouros de sciencia, de critica, de litteratura, atirando isso como prodigo para um lado e para o outro, sem cuidar de si, e haven-

do limitado até hoje as suas ambições pessoais aos modestos emolumentos do professorado, e, de vez em quando, a uma cadeira em S. Bento — para es-
parecer !

São raros estes homens que pela superioridade de suas aptidões tomam parte importante, nem sempre pelo que fazem, mas pelo que aconselham e pelo que esclarecem, no movimento da sciencia, das artes e das letras, em tal grau se lhes reconhece o instincto e a paixão do bello. De tempos a tempos por um artigo notavel, por um discurso famoso, affirmam e justificam a fama do seu nome; mas, da maior parte das vezes, conservam-se criticos ao ar livre, sempre em dia com o que houver de notavel, contando, expondo, e vendo os mais cultos e os mais illustres aceitar a autoridade da sua palavra e receber como lei o parecer que deem das coisas. Importa isto qualidades que poucas vezes se reúnem: rara vivacidade de talento, conhecimentos variadissimos, ironia, — a temivel ironia ! — e natural benevolencia, izenta de odios e de invejas.

Uma constante amizade de ha muitos annos, a que sou grato e de que me honro vivamente, faz com que eu haja tido mil occasiões de admirar os dotes que o singularisam. Por que modo todavia poderei descrever-lhes aquella natureza extraordinaria, dominada pelos nervos, paciente e arrebatada, ironica e entusiastica, generosa e cruel ! O que é elle ? Mas, se me proponho apenas a dar-lhes noticias do do-

ente, e a informal-os de que já está bom! O que elle
é sabe-o a opinião geral, e seria incompetente eu
para o dizer; — é o mais espirituoso dos homens de
sciencia; e o mais instruido dos homens de espi-
rito!



ALFREDO E AS OSTRAS

Houve n'esse entrudo uma novidade.

Canastros! Uma novidade?

Perfeitamente. — Appareceram nas ceias dos bailes de mascarar ostras cruas!

A ostra crua tinha sido em Portugal até áquelle anno mais que uma novidade, — quasi que uma ficção!

Contava um ou outro viajante que comera, lá por fóra, ostras de Ostende e sem serem de Ostende, todos os dias e todas as noites, em quanto por lá andára, — e ficava tudo pasmado: *Étrange! Étrange!...*

Depois, ha tempos, um doidito sublime, um emprehendedor, um fanatico, um maluquinho — o maluquinho da Outra Banda, homunculo risonho e meigo, appareceu um dia de cabasinho no braço, che-

gado no vapor de Cacilhas, a vender ostras pelas ruas de Lisboa, explicando ser para se comerem cruas com pimenta e sumo de limão... — Ninguém lhe dava ouvidos, nem queria fiar-se em semelhante tonto. Ostras cruas! Ora, o maluquinho!... E elle ajuizar que d'essa maneira é que não são indigestas e chegam a ter virtudes estomacaeas, — e a gente a quebrar-se com riso quando lhe ouvia aquillo. — O maluquinho tem coisas! O diacho é o maluquinho!...

Acabou isso, emfim, e logo appareceram ostras de todos os lados — até a Praça da Figueira as annunciou nos jornaes! — passando o entruído na maior rivalidade, animadas de nobre emulação, luctando em ardor heroico, e ambicionando não sei que loiros para coroarem suas cascas de moluscos. De tudo principalmente o que as torna mais orgulhosas, é que o proprio sr. Bocage, illustre homem de sciencia, se occupe da educação d'ellas, — unica educação talvez (aqui para nós!) em que não haja que recear decepções, porque, n'esse ramo do ensino, apenas os discipulos saem das mãos dos mestres são logo comidos, — o que os corrige quanto antes da propensão que possam ter, como nós todos, para a ingratidão!

Nunca se vira em Lisboa um carnaval tão cheio de ostras. A ostra da rua Nova do Carmo (bola de ouro!) ás bulhas com a da Praça da Figueira, a da Praça da Figueira com a do maluquinho, e todas ellas com a de Aveiro.

Ha opiniões diversas acerca d'estas candidatas, mas preside ao concurso a maior rectidão. Ninguém poderá dizer que as ostras tepham de que se queixar, porque o jury é o mais competente — somos nós todos, que as comemos; — nem sempre se dá tanta imparcialidade nos outros concursos, porque n'este são comidos os concorrentes antes da votação, iniciativa muito acertada, que livraria o paiz de grandes injustiças se para os logares publicos se adoptasse o mesmo systema nos concursos todos!

O que a ostra crua conseguiu, é incalculavel. N'um domingo gordo, foi exactamente a comer ostras que aquelles dois fizeram as pazes.... — Que? Não souberam d'essa historia?!

É possivel!?

Não houve outra n'esse carnaval!

Elle andava só e sem mascara. *Ella*, mascarada e sósinha. Procuravam ambos alguma coisa; ella andava á procura d'elle; elle, de uma cadeira para se sentar.

Foi n'esse momento que ella lhe disse:

— Vem! encontrei-te enfim! Dá-me o braço!

Era um dominó preto; de figura elegante, mãos lindissimas, e um pé — dois pés encantadores. Elle ergueu-se, deu-lhe o braço, e largou logo o navio; — navio, que não precisa para dar volta ao mundo nem de vélas nem de rodas; navio que corre mais que a tespestade, desafia os cachopos, não se regula sequer pelo auxilio das estrellas, vae de pollo a

pollo, do oriente ao occidente, e passa deante do universo inteiro, vendo imperios, cidades, rios, vulcões e flores ; — navio, que é a Imaginação !

Deixou elle correr o barco para um e outro rumo, procurando esta, buscando aquella, confrontando outra — e nenhuma era esta, nenhuma se parecia, nenhuma podia ser a desconhecida do dominó. No que, porém, não havia duvida é que era uma mulher distincta — que isso conhece-se pela voz. Elle de mais a mais costumava ser capitão de aventuras, e regia-se pela canção de Ovidio que o sr. Castilho tão primorosamente rejuvenesceu :

A candida me arrebatá
A loira me exige amores,
Tambem na trigueira, ó venus,
São doces os teus favores ;
.....
Apraz-me idade inda verde
Madura idade me apraz ;
Se aquella prima em lindeza,
Esta prima no que faz !

Que tinha elle que perder em tal conjunctura ? A musica embriagava-o por intervenção de uma masurka voluptuosa, das que arrastam a humanidade — presa ao capuz de um dominó... A companhia do gaz havia dado luz moderada, prevenindo os extases ; um homem, em extase, deante de uma mascara, é ridiculo com muita luz. Debruçavam-se para elle as flores e pareciam dar-lhe os parabens. O dominó encostava-se-lhe meigamente ao braço, aban-

donava uma das mãos nas d'elle, e, por entre a bulha da orchestra, da vozeria, do sapatear da dança, e do guinchar das mascaras, dizia-lhe com a sua voz natural, voz dulcissima:

— Gosto immenso de ti, Alfredo !

Elle chegou a pensar que tinha uma vertigem. Não sabia quem ella era, — e até nem sabia já quem era elle proprio. Ella dizia «Alfredo» e elle não se chamava Alfredo ! — mas, quem vae agora fazer questão de nomes no correr de uma aventura ! De mais a mais, procuravam-o como Alfredo, — Alfredo é que lhe cumpria ser.

— Só uma vez te vi, e penso em ti desde essa vez, scismando na maneira de te encontrar, e gozando no prazer nocturno das saudades a alegria matinal da esperança !

Ia-a elle conduzindo para um corredor, detiveram-se ali ao lado de um bico de gaz, e pediu-lhe como todos nós pedimos sempre aos mascaras :

— Deixas-me vêr-te o rosto ?

Ella respondeu :

— Não. Podia desagradar-te, e isso dar-me-hia pena.

— Desagrades-me, tu ! Faze melhor justiça ao meu coração. A tua sympathia por mim accorda ecos na minha alma. Costumam dizer os francezes «*J'aime qui m'aime* ! » Eu sou como elles. Não gosto senão de quem gostar de mim !

Ella apertou-lhe a mão, dizendo :

— Uma confissão apenas: — sou moça e as minhas amigas acham-me interessante.

Continuaram passeando. Por entre a conversação, o nome de Alfredo passou uma ou outra vez. O falso D. Sebastião, ou, quero dizer, o falso Alfredo fingiu que não reparava, deixou dizer, e foi levando por diante a sua aventura sem abrir errata.

No fim da noite tinham uma entrevista para o dia immediato, — domingo gordo. Deviam reunir-se n'um ponto dado, entrar n'uma carruagem, e ir passar o dia ao campo. Á despedida ella ergueu o folho da mascara, e disse:

— Olha!

Era encantadora, Elle exclamou não sei o que; a admiração em que ficou foi sublime, mas a palavra n'estes casos não se aproxima nunca do que se lhe confia — infiel até na hora em que o amor lhe empresta alguma coisa da sua solemnidade.

No domingo, foram ao campo. Que doce festa! Fallavam em voz baixa um com o outro, com receio de assustar a felicidade, que não gosta que se falle alto e interrompe-se com a bulha como succede ao somno.

Parecia-lhes brando o ar, a luz da maior pureza, e cuidavam sentir de todos os lados o aroma das flores. O dia estava lindissimo; ouviam-se não sei que passarinhos chilreando nas balsas como se fossem as aves d'hymineu. Estava reinando já a primavera? o verão balsamico? ou o frio humido do

inverno? Não sabiam. Estavam juntos e a natureza parecia-lhes formosa. Passaram um domingo gordo contado pelos instantes do ceu e pelas horas dos amantes.

Na volta, disse-lhe elle :

— Eu não me chamo Alfredo !

Ella ficou como que fulminada, e todavia pareceu mais encolerisada do que arrependida. Vieram todo o caminho silenciosos, como que amuados, retirando ella a mão de entré as d'elle e esquivando-se a um beijo de pazes. Ao chegar a Lisboa quiz despedir-se deixando-o entregue á desgraça de haver sido feliz... sem esperar tornar a sel-o ; mas serviram de tentação as luzes do theatro, os echos da orchestra que chegavam á rua, o letreiro a gaz das casas que alugam trajes de mascaras ; e vestiu cada um d'elles um dominó, e foram juntos para o baile, e cearam juntos, n'um gabinete, principiando pelas ostras — as perfidas ostras cruas, que nossos paes não conhecêram... Foi então que a logica, velha complice dos casos difficeis, o levou, entre ostra e ostra, a convencel-a bem, mas bem, de que devia perdoar-lhe, comquanto houvesse feito mal em esconder que não era Alfredo.

—Pois sim ! disse-lhe ella sorrindo com meiguice. Não é só do nome que se gosta, e, apesar de não seres elle, de quem eu gosto agora — é de ti !...

Em todo o caso, ficou roubado um Alfredo; e quem sabe se foste tu proprio, ó leitor, —tu, que lá

andasses vestido de panninho côr de açafrão, de violeta, ou de azul Maria Luiza ! Tu, que não queres ser o homem sedentario e decente do resto do anno, ó Pierrot, mais branco que os lyrios ! ó Polichinelo compatriota meu, que brilhas nos bailes de mascarar, depois de onze mezes de semsaboria—como o arco iris depois de um vendaval dos tropicos !

Despe por uma vez essa fatiota festiva, ó portuez ! Sacode do cabello o pó do entrudo,—tu, que não és a mocidade, nem a phantasia, nem o amor ! Mette-te n'uma barrella e limpa-te da alegria, Arlequim sanguineo que queres ter cara côr do luar !

Cuidas seres tu a festa e a folia porque te chamam o Dinheiro, as Inscriptões, as rendas, os ordenados gordos, a fortuna, a riqueza ;—mas isso não te serve de nada para ter espirito nos bailes de mascarar. Tudo que vale alguma coisa neste mundo, é gratuito. Ninguem compra o talento, a formosura, a graça, a vida, o olhar flammejante, o bom dito a tempo, o epigramma, a ironia !

O TOCADOR DE REALEJO

Vê-os a gente por toda a parte, — nas cidades, na provincia, por accaso nas aldeias; e, o que é mais, se alguma vez fôr pelos Alpes, perdido no meio d'aquella natureza grandiosa e excepcional onde as arvores verdejantes banham os pés no gêlo: se avistar apenas aqui ou alli um casalinho, como que suspenso no espaço entre o farpão de uma nuvem, rochas trepadas umas nas outras, torrentes arastrando ruidosamente para os precepicios as arvores que algum vendaval haja arrancado: lá encontrará, de repente, — a meio caminho d'aquellas paragens, á porta de uma estalagem, no meio das montanhas, onde costumam apeiar-se os viajantes e ter meia hora de descanso, — o tocador de realejo, com o seu casaco de belbutina, e um coberção de jorna-

da, a dar ao braço, e a girar com a manivella, deixando ás vezes perder-se-lhe o olhar melancolicamente no vago dos montes e dos abismos! E se a noite estiver agreste, se a neve fôr muita, não o encontrará á porta, mas vel-o-ha na grande sala da estalagem resplandecente de luzes, toda cheia de mesas, n'um turbilhão de creadas com grandes toucas brancas, servindo aos viajantes a sopa a ferver, o roasbeff e o vinho, — e elle entre os grupos, no meio da vasta refeição, diligenceando alegrar os espiritos receosos da noite e dos Alpes — com as valsas caprichosas do seu realejo!

Pobre Orpheu errante!

Só os pequenos da rua o comprehendem e o admiram! Emquanto a maior parte da gente passa sem lhe querer dar importancia como se não valêra nada tocar semelhante instrumento de simples mechanismo que nem requer intelligencia nem vocação, olham-o as creanças com veneração como que protestando contra a indifferença publica.

Ha duas qualidades de realejo, o que delicia, e o que faz raiva: — fóra d'isto não ha mais nenhum! Uns, amotinam, ensurdecem, devastam em o andamento sendo vivaz; ou então mergulham n'um torpôr, n'uma attonia phisica e moral, a que o povo chama rabuge, e acabam por adormecer quem os ouve: preferem o primeiro methodo quasi sempre, — tocar depressa... para serem peores, — porque quem dormir não paga, e quem não quer dôres

de cabeça atira-lhes gentilmente um pataco para se ver livre d'elles:—outros, tocam musicas festivas, e são magnificos; vozes soberbas, que sabem bem ao ouvido e conhecem o caminho para a alma, melodias que attraem, certa distincção nas cadencias, no prolongar do som, sem se sentir a rotina estupidada de um automato, mas o sentimento e a inspiração de um artista!

Quando eu era pequeno vi uma vez um realejo que me deixou para sempre profunda e eterna lembrança. Era ao cair de uma tarde; eu estava á janella e iam-se-me os olhos com tal soffreguidão n'aquelle realejo primoroso ao qual toda a pequenagem e a garotada toda do sitio haviam feito roda, que meu pae por ter dó do anseio em que me via mandou chamar para nossa casa o tocador. Veiu o homem: era um suave italiano; homem de meia idade, de bello para traz da orelha, calça larga, e um roupão apertado na cintura; começou a tocar, correu uma bastida de taboinhas, leve anteparo ao panno da bocca de um theatrito, e logo uns bonnecos que eu já da janella havia avistado principiaram ao som da musica a gyrar n'uma contradança. Era o paladino, com o seu gorro vermelho e pluma branca, polainas e calção de veludo carmesim; era a santinha da viola, com o seu capotinho de peregrina e um chapéu de aba direita: era o preto de cara de polimento, mãos de polimento, pés de polimento: era o jockey cortando o ar com o chicotinho: e, no fim, o

guarda portão com o seu sobretudo azul de galões brancos, fazendo cortesias ao desfilar dos pares!

Ha perto de trinta annos que foi isto, e aquelles bonecos do realejo, todos elles fitinhas, vidrilhos, guisos doirados, ainda hoje me apparecem nas saudades como se fossem a phantasia, o relampago da felicidade, cherubins de Cidélisa, creaturinhas do melhor dos mundos, mais brancos que os lyrios e a neve....

De onde veem, os tocadores de realejo? Veem lá do fundo da sua terra, tocando pelas estradas fóra, todo o caminho, para poderem ter cama e pão. Às vezes jantando a *Norma*, a *Somnambula*, o *Baccio*, dormindo ao luar, e partindo outra vez de madrugada para o lado de onde lhes parece que vem o dia e o mundo.

Lá uma vez ou outra deixam-se ir a gostar de alguém, e vão expressar a paixão que teem, defronte das janellas da formosa, alguma creadita gallante, que se recreie de ouvir musica.

Arrastram todo o dia das dez horas em diante ora sobre uma perna ora sobre outra a pesada caixa das melodias, — que faz mais bulha, às vezes, que uma trovada. Aos dias santos estão como se querem, e é caso de ganhar o duplo; mas lá veem depois os dias de chuva, as grandes ventanias que não deixam abrir as janellas... Correm a cidade; tem cada um d'elles os seus sitios conhecidos, publico afeiçoado, que nunca lhes recusa uns

cobres,—as costureiras que trabalham nas modistas, por exemplo, freguezas que não falham, que se deleitam em escutar, enquanto trabalham, as melodias dos mestres, pensando ao mesmo tempo na sua vida, nos seus amores, boas raparigas para quem a musica não representa só a harmonia dos sons—mas a das almas!

Com os annos, o tocador vê fugir-lhe o gosto pela vida errante, e a força para sustentar o realejo. Quem os ouvir conhece logo essa situação de despedida á musica; tocam mais demoradamente, mais vagamente, como traduzindo no andamento as suas tristezas. Sente-se que estão velhos, doentes, cansados, e parecem desentranhar da voz do realejo o canto do cysne!..



VIDA E AVENTURAS DE UM EMPRESARIO POPULAR

Não sei que auctor dizia que era um de seus tormentos a impressão que cada logar lhe dava. Ha o que quer que seja mavioso e profundo, n'isto; mas, conforme o logar, assim póde a impressão ser um bem em vez de um mal. Ahi está o Circo Price! Em uma noite se tendo ido a esta casa feliz, nunca mais se deixa de gostar de ir lá;—e por mais tentações que se encontrem no caminho, nem as pernas consentem em parar sem lá chegar!

Correrem ali as cousas bem, não sei se é, como costuma dizer-se, por algum acaso providencial: Isso de acasos providenciaes não se chega a perceber bem o que seja,—excepto se ha providencias de conserva para um e outro armazenarem! Ha vinte annos, quando a ponte do Barreiro desabou, á

tardinha de dia de S. Pedro, diziam depois alguns — que só haviam chegado ao Terreiro do Paço ao tempo de verem o vapor largar: «Se temos ido n'aquelle! Que historia! Era-nos certa no Barreiro a cambalhota! Foi um accaso providencial o haver-mos ficado em terra!» Restava saber, a fazermos obra pelas contas d'elles, — se foi a mesma providencia que atirou com os outros da ponte abaixo?

Vae muito da felicidade para o Circo, mas vae ainda mais do nome que o acompanha. O velho Price deu ali grande exemplo, e deixou tradições: Price significa sagacidade, engenho, acção. Chega a parecer nome legendario de heroe de romance! Muitas vezes passam para o uso ordinario os nomes, que os escriptores de novellas dão aos personagens dos seus contos, e como que se convertem em termos da lingua; diz-se de um usurario — «Aquelle Jacques Ferrand!»; de um beato — «Este Thomé das Chagas!»; para os hypocritas ficou o Tartufo, para um velho tonto e namorado o Manuel Mendes. Até é cousa que faz pasmar — ser tão curta a lista de nomes que o mundo tem apanhado aos auctores, e haver apenas oito ou dez que conseguissem ser populares, entre tantos que vivem vida immortal sem lograrem a ventura de que o publico os adopte; — mas quando é na vida e não nos livros, quando não representam caracteres ou paixões, que, pelo facto de não serem da ordem commum, não poderiam servir para se adoptarem

nas conversações, — como o Alfageme de Santarem, por exemplo, leal, generoso, dizendo livremente o que entende e expondo a vida sem resguardar temor ou interesse, symbolo que infelizmente não costuma ter parceiros, typo excepcional de mais para que possa haver muitos como elle, o que faz com que ninguem se lembre de dizer de outrem — «É um Fernão-Vaz!» —; quando não vivem nas novellas nem nas comedias, mas a andar pelo seu pé; ahí pelas ruas, ao lado de toda a gente; não se chamam Mario, nem Telmo Paes; não namoram a Paqueta nem fallam com a Delfina do mal; nutrem-se do que comem; comem e bebem do que ganham; e ganham do que trabalham; quando, apesar de serem de carne e osso, emfim, chegaram a alcançar a popularidade e a roçar os hombros pelo ideal, com muito melhor rasão poderia adoptar-se-lhes os nomes para a linguagem de todos os dias, — e hoje ao fallarmos do Cardim deveria bastar que dissessemos: — este *Price*, este *joven Price*, este *sagaz* e *quasi experiente Price*, et cætera!...

Por esta maneira comprehender-se-hia melhor desde já a organização vigorosa, o lidar constante, o idear, buscar, tentar, d'estas duas physionomias — guardadas as differenças do empresario inglez ao emprehendedor novo em Portugal, e tambem as alterações que o tempo modifica — por que ha já oze annos que o outro, aquelle patriarcha dos circos, aqui veio pela primeira vez!

Não lhes fallo da phisionomia physica, é claro; essa não a houve nunca mais differente que entre os dois; Price é baixo, anafado, de cara larga e massiça, feições cheias e redondas, e uns olhinhos que ainda parecem mais pequenos pelo muito que os piscava encolhendo a palpebra: Cardim não se atreve a ser gordo, comquanto se veja que lh'o está a pedir o corpo, e que teria para isso tal ou qual disposição, uma suspeita de bochecha, um leve apontar de barriguinha, certo arredondamento de quadris; mas é alto, agil, esbelto, e depois a azafema, o fazer pela vida, o agenciar as coisas, perna-da aqui, pernada ali, a canceira para conseguir seja o que fôr n'esta terra, o andar sobre posse, de manhã, de tarde, á noite, capaz de ir ao inferno buscar uma idéa e uma empresa, fazem com que elle tenha de suar tanto como o Price — e não ser tão gordo!...

O que tem feito este? Bagatella. Tem sido tudo, — e isso é o menos! N'uma bella madrugada embarcou em qualidade de praticante, n'uma escuna para o Rio Grande do Sul, começando logo a enganinhar na arte com as andadeiras de curioso, soltando a voz e cantando durante a viagem. Queria ser piloto, queria ser cantor? Queria ser piloto e queria cantar: é o que era. Estava o navio ancorado em frente da cidade, e ia ter lugar uma festa em S. José do Norte. — S. José do Norte fica em frente do Rio Grande, como o Barreiro fica em frente

de Lisboa; os festeiros costumam por essa occasião pedir aos capitães de navios pedaços grandes de lona, que espetam n'uns paus de quatro a cinco metros, para armar illuminações; o commandante do navio deu-lhes as lonas, e offereceu-lhes um cantor para a festa. Cuidaram os outros ao principio que era graça, e ainda mais o pensaram quando ao mandarem a musica para bordo, lhes respondeu o cantor que não precisava estudal-a, que lá na festa se cantaria á primeira vista. Foi-se o praticante a terra—nem o cantor era outro senão elle—e de tal primor se saiu, que, emquanto durou a novena, teve todas as tardes, feito Mongini d'aquellas paragens, um escaler da alfandega a ir buscal-o, com as atenções devidas aos *virtuosos*!

Resolveu-o isso a deixar-se ficar pelo Brazil; diz-se que a musica tem encantos que lisongeiavam os corações sensiveis, e agora se vê que é certo. Passou ao Rio de Janeiro, cantou na *Opera Nacional*, no theatro de S. Pedro de Alcantara; cantava-se tudo ali, até a *Norma* em portuguez; mas, apesar de os adiantar a tanto o seu saber, desmanchou-se o jogo, e ahi foi este cantor para a orchestra do theatro lyrico tocar trompa. Voltou ao Rio Grande, deu concertos na intenção de ir depois a Italia estudar—tanto faz antes, como depois!—mas, namorou-se ali e casou em Portalegre,—ficando como chefe de orchestra no theatro.

De repente, como se perdera toda a fé nas cren-

ças velhas, deixou a arte, e deu-se ao commercio; estabeleceu um basar na rua de Pedro II, — *Basar Cardim!* Chega a guerra do Paraguay, que paralyza os negocios; vae este commerciante para os acampamentos brasileiros, Tuviutu e Curuzú. Em Curuzú dá-lhe a furia amorosa da inspiração e compõe uma peça de musica, executada por todas as bandas do segundo corpo do exercito, *A batalha de Curuzú*; depois, ao extinguir-se o cholera, que produzira ali grandes estragos, compõe um *Te Deum*. O *Te Deum* é cantado n'uma barraca feita de palha no acampamento: assistem todos os dignitarios militares; está a distancia de um quarto de legua das baterias inimigas; os paraguays vêem o exercito formado em columna—para assistir á festividade de frente da igreja—e começam a atirar; apesar d'isso, canta-se o *Te Deum* até o fim com o acompanhamento d'aquella musica de metralha!

Ha cinco annos este ex-piloto, ex-cantor, ex-concertista, ex-chefe de orchestra, ex-negociantes—que faz lembrar o annuncio do *antigo* proprietario dos *antigos* terrenos do *antigo* Tivoli!—veiu para Lisboa. Por entre as composições de musica para os theatros, lembrou-se de explorar o Passeio Publico ás quintas feiras; chovia toda a semana: na quarta feira punham-se os cartazes, na quinta levantava o tempo,—como se diz que succedia a Christiano VIII da Dinamarca em elle annunciando uma parada!

Não tem a cabelleirasinha de Price, acompanhando

do de longe a calva magnifica que ostenta como para lhe sair o calor da cabeça, nem aquella inalteravel bonhomia, ares de juiz benevolo, certa serenidade de victorioso: é vivo, esperto, apressado, tem trinta e seis annos, e parece-se com o outro na phisionomia moral, em querer sempre ir adiante e em o conseguir. Mas, sabe que hoje não é hontem, e que, se tudo era facil n'outro tempo, porque para ser qualquer cousa bastava nascer,—nascia-se e morria-se alfaiate, letrado, fidalgo—agora cada vez o caso é mais serio, e não ha remedio senão romper, acotovelar, pisar para não ser pisado, ganhar logar, e não deixar ir ninguem para elle, e ahí está a rasão pela qual este emprendedor no anno passado fez no circo um jardim, e este anno, por não se fiar n'um só, lhe fez dois!

Um d'elles, o novo, n'uma horta contigua ao circo, magnifico, — o quanto eu pude julgar quando fui visital-o um d'estes dias e que, logo á entrada, deparou-se-me um gallo intrepido que se atirava á gente, peor que um cão de quinta, guarda, cerbéro que desempenhava as suas funcções com a arrogante impostura que caracteriza legendariamente o *vaidoso marido da gallinha*. Felizmente só lá estive em quanto havia obras—para affastar os ladrões e os emprazadores,—duas classes de gente que difficultam o andamento dos trabalhos: e agora ha o jardim sem o gallo—duas vantagens!—jardim soberbo, para onde podem ir as familias no

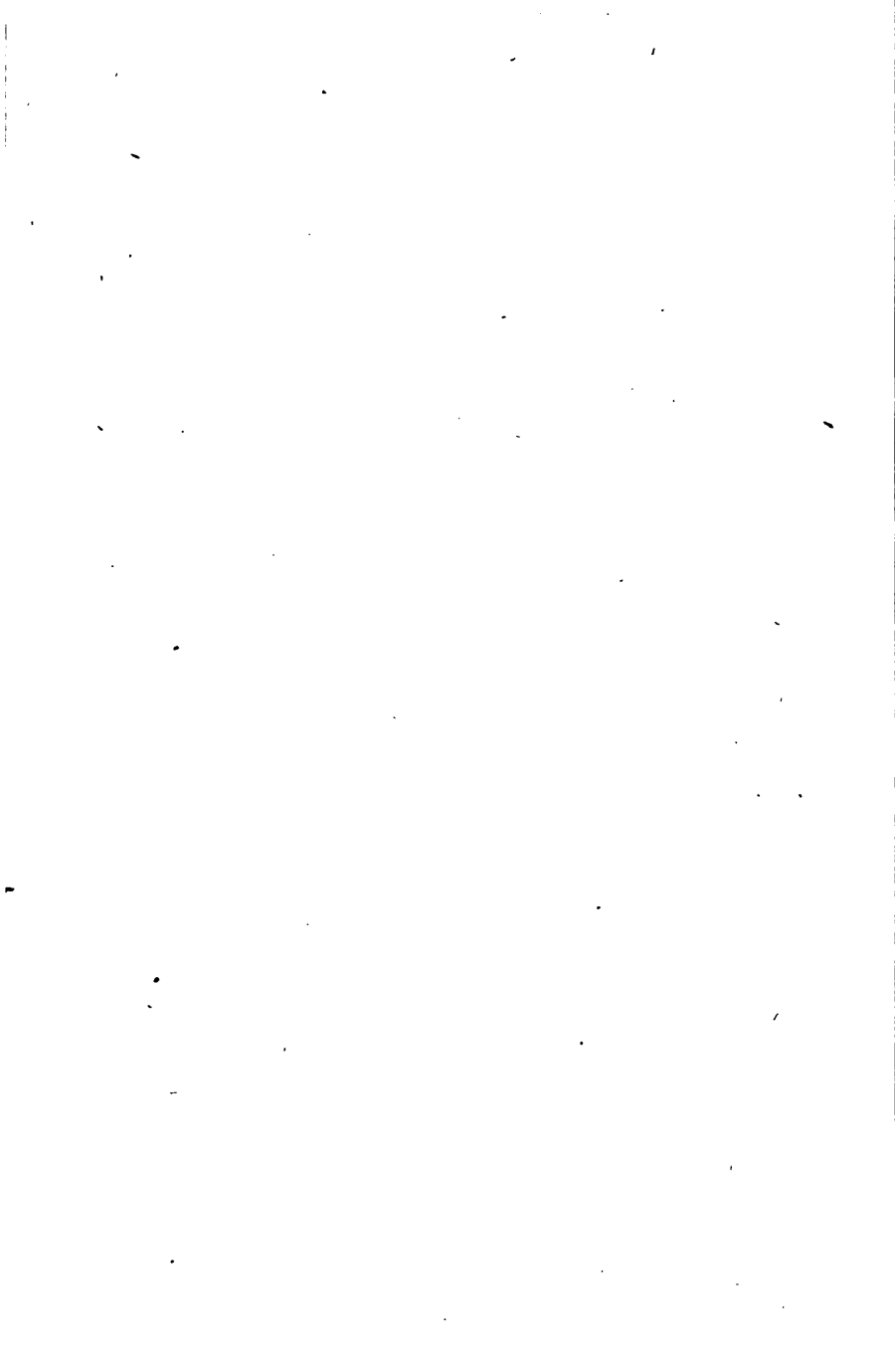
intervalo das comedias e das scenas comicas, arejar, passear, tomar o capilé das noites agradaveis, e entremear o prazer de achar-se no theatro com o de estar-se á luz das estrellas!

As creanças já não cabem em si de contentamento;—achou-se emfim um divertimento para ellas! Consiste a educação principalmente na boa hygiene, comer bem e esmoer melhor: e os cachopinhos ali têm uns poucos de recreios n'um só—comedia, musica e jardim para pular!

Bem sei que já de si é excellente distracção para os meninos o theatro, por lhes abrir horisontes e lhes desenvolver o espirito; mas não se deve attender só ao entendimento das creaturinhas, e não fazer apreço dos corpinhos d'ellas— que são a sua machina organica. A horta do Circo vae ser o grande regosijo dos pequenêtes, finos e grossos—já que se consideram grossos os que andam com a cara besuntada da fatia de pão com manteiga, cabellino á escovinha, gibão armado de umas calças do pae, berrando em choro, e em quem a mãe quer sempre que se dê um beijinho, pondo uma pessoa em apuros para lhe escolher na cara um sitiosinho limpo! — e finos os que como se lá diz, choram na barriga da mãe, e gosam vida alegre satisfazendo os appetites, cheios de jubilo por estarem cá n'este mundo e rindo nas bochechas da natureza inteira : pelle mimosa, cabelo até os hombros, carinhas gordas, rosadas, brancas, como que a luzir n'ellas ainda o bri-

lho do leite materno! Nada poderá tolher-lhes o movimento n'esta recreação do Circo, nem aos filhos dos fidalgos, nem aos filhos do povo; e vão emfim entregar-se n'um theatro, á alegria de correr e saltar, á necessidade incessante de acção que lhes ferve no sangue!

Da mesma maneira que Epaminondas ao partir-se d'este mundo deixava duas filhas immortaes, Leuctra e Mantinéa,—assim o Price deixou este filho Cardim, empresario popular, acorde com elle no espirito, o que vale mais ainda do que um filho acorde com o pae na carne!...



SOTTERO

Vinham de volta das festas de Sêvilha.

N'aquella carruagem tres pessoas apenas; uma senhora, um hespanhol, e um portuguez; o portuguez não conhecia o hespanhol, o hespanhol não conhecia a senhora, a senhora não conhecia nem um nem outro.

Na paragem da primeira estação o hespanhol pôz-se de janella, viu um amigo na carruagem ao lado, trocaram-se muitos adeuses, chamou o outro, o outro chamou-o a elle,—e elle foi para lá.

Pareceu a senhora contrariar-se com isso;—mas, que lhe havia de fazer?! Era ella bem formoza creatura! Traje de viuva. Feições graciosas, cabeça pequenina, orelha delgada, narizinho vagamente sentimental; pelle fresquissima, comquanto talvez já

devesse roçar pelos trinta annos; e, principalmente, a adivinhar-se desde logo em tudo, que, se a plastica não é para ahí uma palavra ôca, pessoa d'aquelles ares devia ser de boa linhagem e ter pela noite dos tempos fóra algum avô mais antigo que o pão.

Talvez, a elle, o conheçam? O Sottêro. Trinta e seis, trinta e oito annos; bigode farto, bons dentes, olhar animoso e vivo, alto, despachado, e aguerrido,—o que se costuma dizer bonito homem, incapaz de estudadas gravidades, dado e corrente com todos, tendo sempre levado vida nua dos amoveis habitos domesticos, corrida á ventura sem norte e sem cuidados, mas de trato agradável e bom porte.

Partiu de novo o trem, e fizeram estes dois personagens o seu *áparte*, cada um, como nas comedias:

Sottero: (entre si, a um canto, contemplando a senhora, que vae comendo bolachinhas). É o que eu também devia ter feito; trazer umas bolachas para ir trincando. Já agora, contentar-me-hei a entreter os olhos em vez do estomago. É um gosto olhar para esta formosura! Dizem que S. Francisco viveu uns tempos do cantar de uma cigarra, não é muito que eu me alimente de algum olhar d'esta belleza!

A senhora: (olhando para os campos). Tenho sina de não viajar sósinha. Se tenho adivinhado, trazia o criado para me acompanhar. Está-me parecendo que o meu visinho olha de mais para mim. Incommoda-me tanta attenção. Podia ao menos fazer

o favor de ver... sem olhar. Que estará pensando a meu respeito?

Sottero (olhando para a sua propria figura). Eu ainda não estou de todo para arrumar a um canto. Bem sei que não dou ares d'aquelle chochinha do Antinuo, nem do grande paspalhão chamado Apollo de Belveder; mas tenho bons hombros, peito largo, bigode que ainda não precisa de agua Circassiana; muito cabello; cara, que não parece tirada de nenhum keepsake inglez, mas que é uma cara d'este tempo e d'este paiz...

A senhora (tirando um frasco do saquinho de viagem). Ahi está elle a querer ler as iniciaes do meu nome! É indiscreto, o homem; mas não pode dizer-se desengraçado. Creio que não acaba hoje de olhar para mim. Que teima! *(tira o chaile).*

Sottero. É elegante, e muito airosa! muito airosa!

A senhora. Não terá falla? Parece impossivel que se esteja todo este tempo á procura de duas palavras!

Sottero (decidindo-se) Que calor!

Silencio.

Sottero (nova resolução).—Quasi todos os portuguezes, que vieram a Sevilha, voltam já n'este comboio.

—Sim?

—Este anno, assim mesmo, não vieram tantos como d'outras vezes!

—Ah!

—Talvez cincoenta ao todo.

—Eu encontrei muito poucos. Quem veio?

—Fulano, sicrano, beltrano, e o Sottero.

A senhora. Ah! Estava lá esse sr. Sottero?

Sottero (como se caísse n'uma sorveteira). Estava, sim, minha senhora. Conhece-o v. ex.ª.

A senhora. Não conheço, felizmente.

Sottero. Tem, pelo que vejo, rasões de queixa...

A senhora. É um extravagante, que tem sempre —como se diz em Coimbra—vivido á lébre, sem ninguém saber d'onde lhe vem; fazendo galla de conquistador; muito pretencioso... Fallaram-me d'elle ainda um d'estes dias. É um tolo!

Elle nem pestanejou.

Lembrou-lhe que ha sempre um fuão qualquer, que engorda de emmagrecer os outros, que vae correndo pelas ruas, á chuva e á lama, parando á esquina, espreitando ás portas, escutando o que se diz, a ver se arranja um escandalosito que estalle como uma bomba nas costas de alguém; trapeiros sem lanterna, que rondam por becos e azinhagas, na diligencia de poderem espalhar que os homens de bem são traficantes, que os homens de talento não valem nada, lisongeando por esta maneira a vaidade dos patetas, a credulidade dos ignorantes, e a má fé dos invejosos—que deixariam de boa vontade que lhes tirem um olho... comtanto que o visinho fique sem os dois!

Passou-lhe pelo ouvido a aria de D. Basilio, a

calúnia, a velha calúnia, o tal rumorsito leve ao principio, que escorrega pelo chão como uma andorinha antes do vendaval, esquivando-se, despendendo de corrida o dardo, até que alguém repara n'aquillo e o repete devagarinho, —germinando depois, andando, inchando, erguendo-se, até que assovia, estende o vôo, redemoinha, embrulha, arranca, arrastra, estala, e dá cabo de um pobre diabo!

—Quem me faria este favor? scismava elle.

E, d'ali a instantes, dando volta á conversação e saltando de assumpto em assumpto, mostrou-se original, espirituoso, propriamente interessante. A viagem tornou-se alegre. Alargavam-se os horisontes; era tudo charneca, montanhas, collinas silenciosas e desertas; acodiam á lembrança, a cada momento, contos e lendas d'essas terras poeticas e encantadas; avistava-se de vez em quando algum viandante de carabina ao hombro, lenço atado na cabeça, chapéu de abas largas, manta traçada, polainas altas; um ou outro postilhão de chapéu á banda, grandes botas phanfarrans, esporas compridas, cabellos á mercê do vento, e de legua em legua os soldados da guarda civil patrulhando.

Riam, conversavam, fallavam de tudo. Das famosas festas a que acabavam de assistir, do brilhantismo, das procissões, da ostentação luxuosa dos ritos, importancia do commercio n'aquelles dias, esplendor das ceremonias, origem das irmandades ou

confrarias, como lá lhes chamam; e, depois de taramelarem da magnificencia dos officios, citavam as festas profanas, a tourada de domingo de Paschoa, as corridas de cavallos, as danças nas barracas; a animação e alegria d'aquelle povo; a graça das nossas gentis visinhas, que parecem resuscitar a Dorothea de Lope de Vega ou a filha do ar, de Calderon; e o murmurio galante da lingua hespanhola, que lhes cae dos labios como se fossem perolas a chover n'um tanque!

Ella parecia encântada de o ouvir. Principiou a olhar para elle, de vez em quando, calada, sem poder resistir a certo espirito de assimilar a que era dada, e dizendo entre si que se acham n'este mundo de Deus homens que parecem principes e outros que não parecem nada, que ha differenças enormes entre os filhos de Adão, e que o seu companheiro de viagem não tinha que temer comparações por lhe serem todas favoraveis.

O amor tira a graça a quem a tiver: um homem de espirito, apaixonado deveras, fica um burrico a zurrar, capaz de comer sementes—se teimarem muito com elle; mas o nosso heroe tinha graça natural, e estava tão pouco-namorado que lhe lembravam a cada instante as palavras da cruel companheira: — «É um tolo!» Entretanto dir-se-hia que, á proporção que olhavam para a noite e para os campos, se lhes ia desenvolvendo o amor em recrescida actividade, e que o proprio ar impregnado

de elementos vitaes lhes coava aos peitos a audacia, com a qual a fortuna se apraz de ordinario em ser benigna.

Principiou ella a sentir-se cansada de tantas horas de carruagem; e apezar do companheiro lhe estar fallando de abril, contente de que as festas de Sevilha este anno houvessem caído n'este amoroso mez, que já a infancia de Roma consagrara á deusa da formosura; apezar de a entreter contando-lhe as entrudadas, (e ia a rir-se lá por dentro como se estivesse para armar alguma!) que nossos paes faziam sempre no principio de abril, e de que ainda algumas se usam nas provincias do norte, os presentes de desfructo, a forca de Judas, a pedra das agulhas, o dinheiro, pregado nas ruas, os logros, emfim... os logros! (e ahi tornava elle a rir-se entre si!)—apesar d'isso tudo, ella sentia-se cansada de tanto caminho de ferro.

—Se não fôra... nem eu sei o porquê, ficava hoje em Badajoz!

—É ficar, disse elle. Descança esta noite; amanhã dá uma volta pela cidade... Já viu Badajoz?

—Nunca vi.

—Muito pittoresca! Oh! muito pittoresca! Não ha nada mais pittoresco! Olhe, lá está ella, cercada de muralhas, estendida por aquella collina coroada pelas ruinas de um castello velho... Offereço-me humildemente para *cicerone*. Conheço isto a palmos! Fique em Badajoz!

—Perdeu o juízo?

—Em quê? Porquê?

• —Está a dizer impossíveis.

—É viúva, é livre. Não a esperam em Lisboa se não depois de amanhã, conforme me disse...

—Mas não tenho sequer o gosto de saber quem é...

—Creio que não me acha ares de salteador?

—Ao contrario; de muito cavalheiro. Mas, bem vê, interromper viagem! É verdade que estou tão cansada, quasi tão doente! A estação é esta?

Um guarda: Badajoz!

—Resolve-se?

Que idéa! Que tontice! Por outro lado, expôr-me a adoecer mais... Emfim, faça favor de descer e de me dar a mão!

Desceram.

A vida em Badajoz é tranquillissima. Jantaram um *puchéro* respeitavel, e depois foram passear para o Campo de S. João, praça onde está a cathedral, o theatro, a pharmacia, o botequim, e muitos embuçados, desde o elegante de capa de bandas de velludo, até o maltrapilho que se embuça garbosamente nos farrapos de um capote paradoxal. A senhora esteve entretidissima; e, antes de continuarem viagem para Lisboa no dia seguinte, pediu tão vivamente ao seu obsequioso companheiro que lhe satisfizesse um desejo, que elle não teve animo de lh'o recusar... Era dizer-lhe o nome.

—Sottero! disse elle.

ZÉ

Andava a Anninhas uma tarde de guarda ás ovelhas do pae, quando ouviu passos na charneca e viu um pequeno a chorar.

— Quem és tu? perguntou-lhe ella.

— Sou moço, disse o pequeno, do homem das habilidades que foi este anno á Nazareth. Eu vinha com o burro que adivinha, e na estrada uns homens bateram-me e tiraram-m'o!

— E a tua mãe?

— Eu não tenho mãe. Ando desde que me lembro com este cigano de terra para terra, e em passando dia sem levar sóva já me parece que é mentira.

— Então tu és filho das hervas?!

— Não sei.

—E o teu patrão?

—Anda á procura do burro, lá para aquelle lado por onde os homens foram; hei de ir ter com elle ao Cercal. Se nenhum de nós o achar,—e Jesus! elle hoje arrebenta-me!

—Coitadinho de ti!

—Tu tens ares de estar em bom commodo!?

—Estou na minha casa. O gado que ahi vês é do meu pae.

—Adeus; vou-me a procurar outra vez o burro! disse o pequeno, partindo, e largando um assovio especial.

—Ouve! retrocou Anninhas gravemente. Se o teu patrão te dá pancadas, o melhor é deixal-o!

—Depois fico para ahi sem pão; e elle ha de pôr-se á minha procura!

—Queres tu fiar-te em mim? Escondo-te uma semana ou duas, e em elle abalando d'estes sitios já podes entrar para moço n'alguma casa.

Foi dito e feito. A Anninhas espetou a roca no chão para o gado não se tresmalhar, e escapou-se das ovelhas.

—Anda cá! Vou-te mostrar onde te has de metter. Como te chamas tu?

—Zé.

—Eu chamo-me Anninhas.

Esclarecido este ponto importante, seguiram os dois fedelhos pela charneca fóra. Ouvia-se de vez em quando um grito, que abalava os campos e fa-

ziã estremecer o pequeno; era o cigano, com o seu vozeirão formidável, a chamar pelo burro.

Chegaram a um pardieiro onde em tempos houvera um casarão, e disse Anninhas:

—Emquanto aqui estiveres, escusas de ter medo; que eu te trarei pão todos os dias.

E ainda não passára uma hora, logo ella voltou ao esconderijo do desertor com uma braçada de rastolho:

—Isto é para dormires, disse; e, tirando da saia arregaçada em ar de saccola um merendeiro de mistura de milho e tremez—isto é a ceia!

O Zé devorou o pão que foi um regalo, trincando, saboreando, e apanhando de cada dentada miolo e codea, que é como lhe sabia melhor.

Tão depressa despachou, conduziu-o a pequenita a uma fonte. O Zé fincou-se nos joelhos, fez firmeza nas mãos, estendeu o pescoço até a agua lhe chegar aos beiços, e, de ventas voltadas para a sua imagem, foi sorvendo aquella aguasinha limpida sem se dar pressa.

Assim foram decorrendo uns dias, durante os quaes a pequenita abasteceu maternalmente de pão e fructa a vivenda do seu amiguinho; e, para o conseguir, não lhe foi precisa pouca prudencia porque o pae, o famoso Balthazar, era o contrario do outro não menos famoso—o do festim, rico a poder de miseria e de avareza!

Para evitar conversações, a Anninhas disse tão só-

mente ao pae que havia certo pequeno, moço de um homem mau que tinha um burro que adivinhava, creança roubada por esse vagabundo—que era um d'aquelles ciganos que andam pelos casalejos a roubar meninos para os frigir e fazer oleo, e que o pequenito por já não poder levar mais pancadas fugira ao homem;—mas tate! lá de que o pequeno estava na toca havia oito dias, e que ella lhe dava sempre metade do farnel que levava quando ia guardar o gado; nem palavra!...

Quando ao cabo da semana foi caso evidente que o cigano já não andava nos sitios, Zé saiu do buraco, foi de povo em povo offerecer o seu prestimo, e tomaram-o no lugar de Alguber, dando-lhe vaccas a guardar, do que resultou que a Anninhas e elle encontraram-se todos os dias nas pastagens, e foram creando cada vez mais amisade um ao outro. Iam ambos aos ninhos, brincavam juntos; se chovia recolhiam-se ambos na mesma choça, se fazia sol dormiam ao lado um do outro, como dois passarinhos companheiros do mesmo ramo. Orçavam pela mesma idade, mas a pequenita conservou sempre sobre elle o ascendente que tivera no dia em que por seu conselho elle deixara o cigano.

Foram crescendo, e com o deixarem de ser pastôres principiaram a ver-se menos vezes. Lidavam nos trabalhos do campo cada um para seu lado, elle nas fazendas do morgado da Granja, ella dando ordem á casa; e só lá aos domingos, ou quando o

rapaz vinha trabalhar de jorna nas terras do Balthazar, é que se avistavam os dois companheiros da charneca. Mas Anninhas agora parecia medrosa, e o Zé bizonho. Percebia-se que gostavam um do outro, percebia-o toda a gente e o pae Balthazar melhor que ninguem; mas isso era o que elle queria, porque todo o seu medo era casar a filha—o que, alem das despezas, lhe ia metter em casa um genro que seria provavelmente o castigo dos seus peccados! O Zé não tinha eira, nem beira, nem ramo de videira e, se elle quizesse fallar de casamento, até a opinião geral se indignaria. — ponto importante, porque a avareza por ser vicio amante da ordem não deixa desprezar as vozes do mundo. Por isso em vez de o tratar mal, trazia-o nas palminhas, — e elles, mercê dejtão bom acolho, namoravam-se á vontade, dizendo sempre o Balthazar, que, apesar da sua filha ser rica, não lhe havia de dar para marido senão um trabalhador como elle; cousa que Anninhas morria por lhe ouvir!

Mas o moço parecia evitar estar sósinho com ella; tornou-se melancolico de dia para dia, disse-lhe que andava a lembrar-se dos tempos da infancia, e que ia ver se achava a serra onde lhe parecia vagamente que dêvia ainda existir a cabana em que nascera. Não quiz consentir n'isso a rapariga, e já se propunha a declarar tudo ao pae—quando soube que elle partira sem mesmo lhe dizer adeus.

Desde esse dia a pobre namorada viveu de sau-

dades. Passou-se um anno, dois, e tres; o velho Balthazar fez os setenta: já lhe não dava gosto o trabalho, e, querendo casar a filha com algum trabalhador bom, disse-lhe que se sentia acabado, que já não servia senão para espantar os pardaes, que resolvera tomar para casa um feitor, e que — sendo homem do seu agrado — seria util dar-lhe ella a mão de esposa. Anninhas ouviu aquillo e abaixou a cabeça.

D'ali a dias chegou a festa da Senhora dos Prazeres; o Balthazar montou na burrinha e foi até ao Barrocalvo, —já de companhia logo pelo caminho com alguns rapagões dos sitios, que pareciam adivinhar-lhe as intenções e se chegavam para elle muito lampeiros, dispostos a servir Labão para lhe apanharem Rachel!

No Barrocalvo estava tudo em folia; subiam aos ares os foguetes, os pequenos corriam ao cair da canna, os aldeões miravam-se satisfeitissimos, e as mulheres de venda lançavam o pregão dos doces: —Cidrão! Cidrão! —Quem me quer levar beijinhos! —Tenho as argolas de amor! As argolas d'amor!

Como os pretendentes de Penélope no palacio de Ithaca, assim estes candidatos á fazenda e á filha de Balthazar pareciam querer obrigar-o a escolher depressa como se estivessem a dizer-lhe cada um:

- Eu sou o poder! (Era regedor.)
- Eu sou a riqueza! (Tinha dois bois.)
- Eu represento a eloquencia! (Ajudava á missa.)

—Eu, a arte! (Era tanoeiro.)

—Eu sou o oleiro Mathias, capaz de te eternisar em grêda!

—Eu sou o filho do José Gregorio; tenho muita força; mato um boi com um murro, e como-o!..

Mas como os rifões da cidade chegam depressa às aldeias, Balthazar dizia entre si — «Pae Paulino tem olho!» e por não querer escolher feitor como se lá diz — no ar, marcou dia para os pretendentes irem ver as fazendas e combinar-se o ajuste como melhor conviesse de parte a parte.

Haviam escolhido o domingo; — e não foi sem pequeno espanto que, na vespera mesmo, viram chegar o Zé, depois de não apparecer havia tanto tempo, caindo agora como a sopa não no mel, mas no fel — para assistir às bôdas de Anninhas, visto ter de ser n'isso que a escolha do feitor viria a dar.

Elle parecia indifferente ao caso, como se a ausencia o houvera curado; — mas a moça foi como se lhe saltassem os olhos ao tornar a ver este Zé, este formoso Zé, que é tempo de descrever em dois traços — baixote, de hombros largos, atochado, bem parecido de cara, e muito sério. No domingo de manhã cedo reuniram-se os concorrentes e os curiosos e foram todos para as terras com o amigo Balthazar, não se tratando de outra cousa em toda a conversação senão do amanho das fazendas.

Fallava um, fallava outro, este discorria melhor, o outro peor — quando o Zé se saiu tambem com a

sua sentença; palavra pucha palavra, um dito trazia outro, e o Zé a dar troco a tudo, e os outros corridos, olhando-se pasmados. Ainda quizeram replicar-lhe, — mas, impossivel! Conhecia qualquer solo, estremava-os, sabia o que convinha aos terrenos solidos, fallava da terra salgada que estraga as cêpas, da terroada fertil que se pega aos dedos, do torrão frio onde só se dá bem o teixo e o pinho; explicava que terras são melhores para as differentes sementeiras; aconselhava de preferencia para o trigo a terra escura, que se acha grossa por dentro em lhe entrando o arado, conhecia o chão que mais convém para gados ou lavra, qual melhor para o pão, qual para o vinhedo...

O Balthazar esboghava os olhos a cada cousa que lhe ouvia, e ora se voltava para os concorrentes para lhes rir na bochecha, ora para o Zé a dar-lhe *amens*.

— Viva, rapaz! Dá cá um abraço! Dá cá outro! Estás um homem; estás um forte homem! Vamos para nossas casas. És tu o feitor!...

Foram-se os outros embora, de orelha murcha, e Balthazar deu mundos de alegria á filha contando-lhe o caso, e batendo no hombro do moço sem deixar de lhe dizer a cada instante:

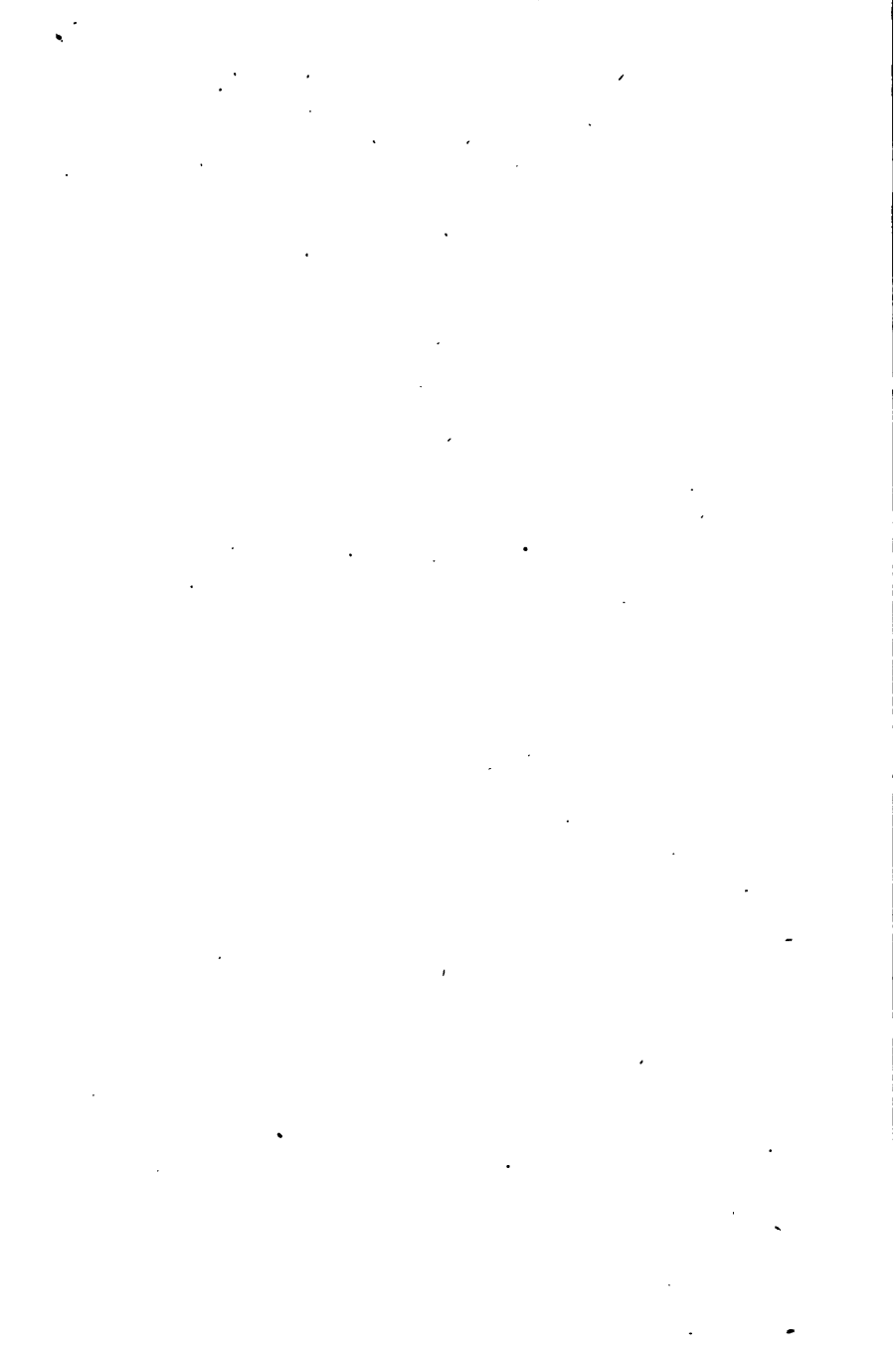
— Estás um trabalhador de feição! Estás um lavrador, é o que tu estás! Vê-se que não tens feito outra cousa n'estes tres annos em que não te puzemos a vista senão trabalhar nas terras. Por onde diacho tens tu andado este tempo todo?

—Por uns sitios que se chamam o *Instituto agrícola*, em Lisboa, e a *Granja*, no caminho de Mafra: a estudar.

—Ai! A estudar! Então sempre isso serve?! Pois digo-te que tens dedo para a obra, e que estás um rapaz como uma torre!...

Zê e Anninhas casaram d'ali a pouco tempo. Elle não ficou vaidoso com o achar-se rico, e o trabalho foi-o tornando cada vez melhor rapaz. Quem trabalha não pensa nunca em fazer mal; até os animaes conhecem isso, e ahí está porque as lebres passam o dia agachadas—sem medo—n'um sulco do vallado, a poucos passos do trabalhador que anda cavando a terra.

FIM



INDICE

	PAG.
O serão do Galheira.....	5
A da Gorda.....	13
Um caçador... de dotes.....	23
As broas.....	33
Moeda falsa.....	41
Um baile campestre.....	51
Os annuncios.....	59
José do Telhado.....	67
O gallo.....	77
O varejo da azeitona.....	87
O imperador do Brazil em Lisboa.....	93
A fêra do Campo Grande.....	103
O Café Concerto.....	111
A Giganta.....	117
Um que lê nas mãos.....	123
Casenerve e a Sybilla.....	131
A tascado poço.....	139
Os arabes.....	149

	PAG.
O homem das forças.....	159
A Norma para rir	167
Insídias.....	175
Alcantara	183
O dr. Thomaz de Carvalho.....	193
Alfredo e as ostras.....	203
O tocador de realejo	211
Vida e aventuras de um empresario popular	217
Sottero	227
Zé.....	235